

Camões

REVISTA DE LETRAS E CULTURA

50.º ANO

DUZIMINHO

1998

2000\$500

(preço incluído)

QUINETO

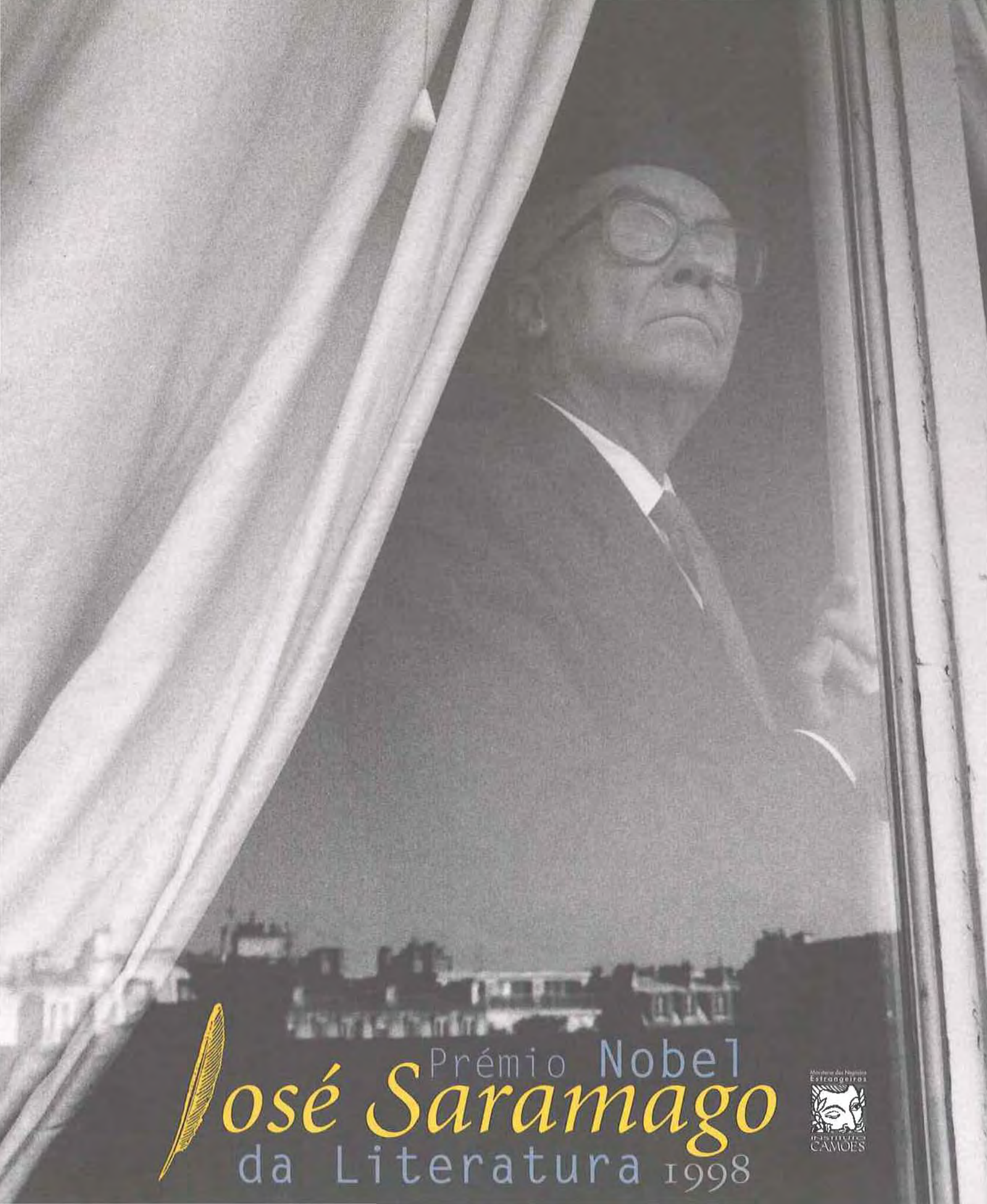
3

Saramago

MINISTÉRIO
DOS NEGÓCIOS
ESTRANGEIROS



INSTITUTO
CAMÕES



Prémio Nobel
 José Saramago
da Literatura 1998





c. JOÃO RIBEIRO

O INSTITUTO CAMÕES — cuja função essencial consiste em promover a Língua e a Cultura Portuguesas no estrangeiro — quis associar-se ao movimento de júbilo e emoção com que Portugal recebeu a notícia da atribuição do Prémio Nobel de Literatura a José Saramago. Assim, esta instituição promove um diversificado conjunto de iniciativas, em que avulta a realização de exposições sobre Saramago nos seus Centros Culturais espalhados pelo mundo — de Vigo a Tóquio —, bem como em prestigiadas instituições culturais e universitárias estrangeiras como a Biblioteca Real de Estocolmo, a Biblioteca Nacional de Banguecoque, a Sahitya Akademi (Academia Nacional de Letras da Índia, em Nova Deli), o King's College (Londres) ou as Universidades de Uppsala (Suécia) e Humboldt (Berlim). A par destas acções, o Instituto Camões decidiu consagrar o número 3 da sua publicação *Camões, revista de Letras e Culturas Lusófonas* exclusivamente aos ecos da atribuição do Nobel ao autor de *Memorial do Convento*, seleccionando alguns dos textos mais significativos publicados na imprensa de vinte países, de entre um extenso noticiário de âmbito verdadeiramente universal. Independentemente de projectos já acordados anteriormente, em que se salienta a encomenda de uma biografia

de Saramago ao escritor José Manuel Mendes, o Instituto Camões não podia deixar de se associar à justa homenagem que Portugal deve a quem tanto já contribuiu para a divulgação da nossa Cultura no estrangeiro. O prémio Nobel é uma distinção concedida à obra de um autor e não o reconhecimento de uma determinada Literatura Nacional. Apesar de concordarmos com o escritor quando afirma que a «fama, ai de nós, é um ar que tanto vem como vai, é um cata-vento que tanto gira ao norte como ao sul, e tal como sucede passar uma pessoa do anonimato à celebridade sem saber porquê, também não é raro que depois de ter andado a espanejar-se à calorosa aura pública acabe sem saber como se chama» (in *Todos os Nomes*, pp. 29-30), não poderemos esquecer que a publicação de mais de trinta obras e a tradução em mais de quarenta idiomas consagram definitivamente Saramago como um dos grandes romancistas da segunda metade deste século. O presente número da revista *Camões* comprova cabalmente a enorme repercussão que a sua obra alcançou, constituindo, simultaneamente, um preito de gratidão pelo relevante contributo que presta à afirmação de Portugal no mundo.

Jorge Couto

DIRECTOR
Jorge Couto

DIRECTOR-ADJUNTO
Luísa Mellid-Franco

DIRECTOR DE PRODUÇÃO
Rui M. Pereira

DESIGN GRÁFICO
Luis Moreira (TVM Designers)

EDITORES
Henrique Viana
Joana Amaral
Maria João Camacho
M. Piedade Braga Santos

ASSINATURAS
Elisa Camarão

FOTOGRAFIAS
Sebastião Salgado
Daniel Mordzinski
Inácio Ludgero

TRATAMENTO DE TEXTO
Ana Cristina Moreira

PRÉ-IMPRESSÃO
Polícor

IMPRESSÃO DIGITAL
Directamente

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
Instituto Camões
Campo Grande, 56 - 7º
1749-103 Lisboa
Tel: 795 54 70/2
Fax: 795 61 13
geral@instituto-camoes.pt

PRODUÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Revista Camões
Rua Jardim do Tabaco, 23 - 1º
1100-286 Lisboa
Tel: 881 09 68
rev.camoes@cncdp.pt

TIRAGEM
10 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
124734/98

DISTRIBUIÇÃO
Bertrand

Camões é editada pelo Instituto Camões com o apoio de produção da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

ISSN: 0874-3029

6

De Livro em Livro

José Manuel Mendes

9

Retratos com palavras – Um homem vem a subir a rua

Baptista - Bastos

13

Recortes

Suécia 13; Espanha 19; Itália 35; França 39; Alemanha 45; Holanda 50
Dinamarca 54; Finlândia 55; Grécia 58; Reino Unido e EUA 62; Egipto 71
Índia 74; Tailândia 76; China 78; Japão 79; Uruguai 83; Brasil 86

92

O português na Suécia

Paulo Delgado

94

Saramago em Jalisco

Carlos Fuentes

96

D. José

Sergio Ramírez

98

Prosadores portugueses: José Saramago

Stéphane Zé kian

100

O Mundo Literário de José Saramago

Kim Yong-Jae

101

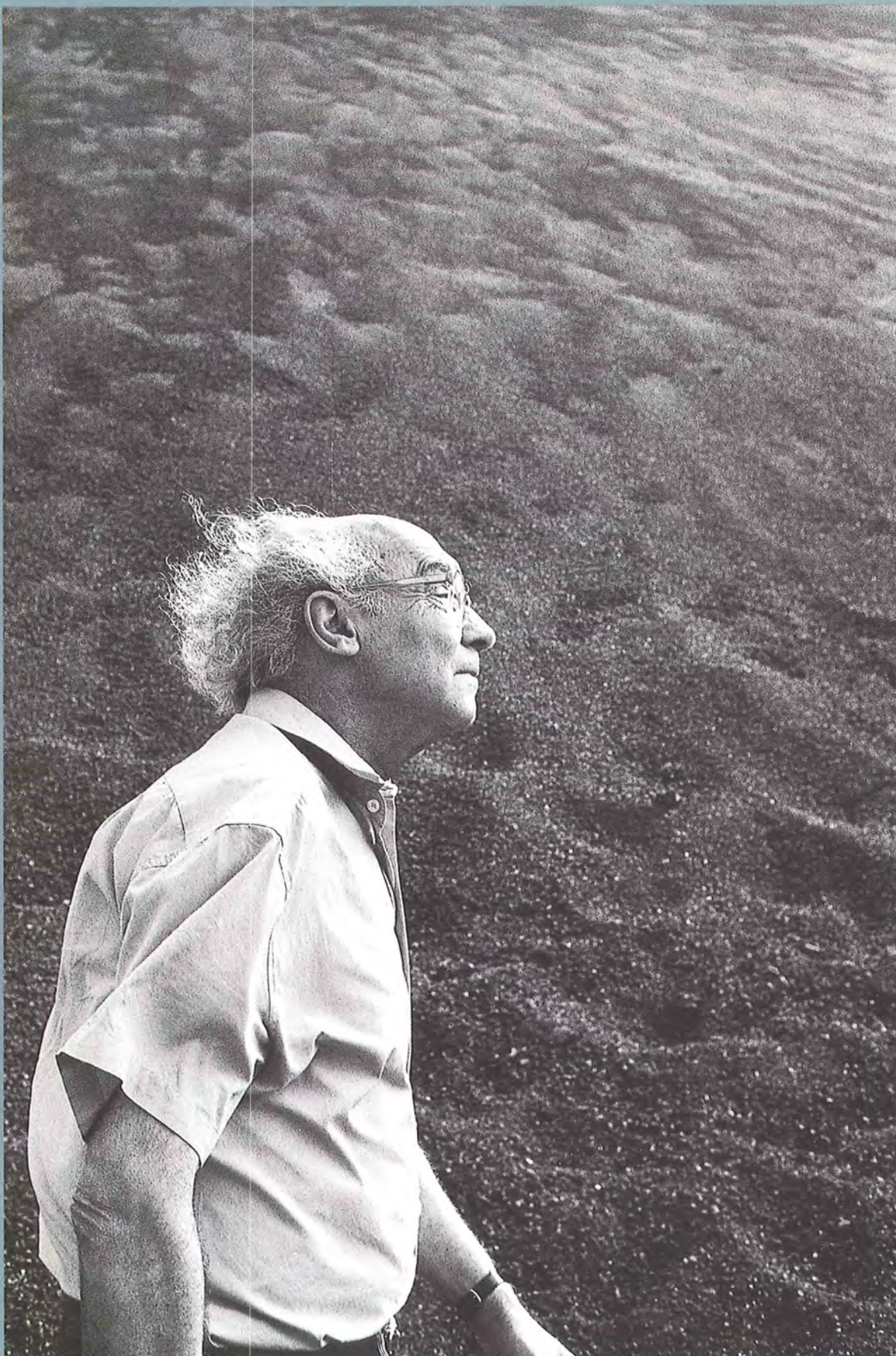
Palavras para uma homenagem nacional

Carlos Reis

105

Blimunda, o Orfeo no feminino ou passagem de Blimunda por Itália

Maria Armandina Maia



É com orgulho e reconhecimento que *Camões, revista de Letras e Culturas Lusófonas* se associa, com este seu 3.º número inteiramente dedicado às repercussões na imprensa estrangeira, às manifestações de homenagem ao mais recente laureado com o Prémio Nobel da Literatura. A presente edição não teria sido possível sem a colaboração das Embaixadas e Consulados, a quem esta Revista agradece não apenas o trabalho de pesquisa, mas também a celeridade e o empenhamento com que o mesmo foi levado a cabo, extensivo ao envio do referido material original como, em diversos casos, à sua tradução. A presença tutelar de José Saramago é assegurada por citações extraídas da sua obra preparadas por Teresa Álvarez, ela própria autora de um magnífico livro de poesia recentemente prefaciado pelo Nobel português, o que assegura — se necessário fosse depois de lida a selecção — uma leitura privilegiada e cúmplice sob o ponto de vista intelectual. Foi feita a escolha possível e não a desejável, considerada a exiguidade de tempo útil para conseguir que este número fosse apresentado ao público em Estocolmo, assinalando deste modo a consagração do escritor português. Para além dos artigos integrais, dada a sua quantidade e origem (nas mais inesperadas latitudes e tendências) da imprensa escrita, assim como a impossibilidade de os contemplar na totalidade, foi também decidido escolher alguns excertos, colocando-os de tal maneira que pudessem acompanhar, página a página, a leitura da revista. Tinha ficado estabelecido na planificação de este número que, dado o especial contexto em que se inseria, se limitariam os textos originais em português a um

único autor, José Manuel Mendes. O texto não desilude e embora conciso contém em si tudo o que se esperava dele e do seu autor. A disposição foi cumprida, embora acabem por surgir mais dois textos portugueses não originais. O de Baptista-Bastos e o de Carlos Reis, que são duas homenagens datadas. A primeira muito imediata, já publicada na revista *Tempo Livre*, e a segunda, assumidamente oficial, lida na Homenagem oficial prestada a José Saramago no Centro Cultural de Belém no dia da sua chegada a Lisboa, e a publicar como posfácio de um livro ainda no prelo, «Diálogos com José Saramago». São textos notáveis, inversos no sentido em que, se o primeiro transmite com o talento e a capacidade de emoção de um amigo de longa data, o segundo possui o recuo de um estudioso que desde há muito se interessa pela sua obra e cujo livro atrás citado, escrito a partir de uma estadia em Lanzarote há sensivelmente um ano, constitui o testemunho de uma admiração mútua. Um terceiro texto, da autoria de Maria Armandina Maia, vem juntar-se aos dois precedentes, este sim original, mas a razão da sua inserção não vem contrariar a filosofia subjacente ao presente número. A autora encontrava-se a viver e a trabalhar em Milão por ocasião da estreia da ópera Blimunda no famosíssimo Teatro Lírico daquela cidade e acompanhou de perto, por essa razão acrescida do entusiasmo e capacidade de iniciativa que lhe é peculiar, toda essa aventura a cujo significado pouco se prestou atenção fora dos círculos musicais, mas que indiciava já o percurso e o acolhimento da obra de José Saramago, transportando-a muito além da fronteira das letras e da cultura portuguesas.

S a r a m a g o

De Livro em Livro

José Manuel Mendes

OS DIÁRIOS DE JOSÉ SARAMAGO TÊM SIDO, NO essencial, livros de bordo, escritos no decurso e em função dos dias, associando registos de circunstância e reflexões cuja recorrência se prende amiúde com a temática dos romances que publicou, lugares de intimidade e interlocução, lembrança e questionamento, errância, procura. Mas livros não redutíveis a uma ideia de adjacência, à ordem do secundário ou do intervalar. Na sua especificidade genológica, *Cadernos de Lanzarote* constituem um momento outro da obra do Autor, um momento que se não constrange nem eufemiza no contexto bibliográfico a que pertence. E isto porque, a partir do primeiro volume, propondo uma assinalável diversidade e riqueza de materiais, reiteram os méritos e singularismos identificados em *Memorial do Convento* ou, para apenas referenciar os últimos títulos de ficção, *Ensaio sobre a cegueira* e *Todos os Nomes*.

Os *Cadernos V*, acabados de sair, incorporam uma vez mais numerosas notações de viagem, com destaque para as páginas que assinalam a permanência na China, na Alemanha e no Brasil, o encontro e confronto de culturas, a observação dos seres e das coisas, fixando ocorrências, imagens e situações que trazem a marca do irrepetível, diante da Grande Muralha ou, em Gand, no interior da Catedral de S. Bavon. São passagens cheias de gente, cheias de vozes, consonantes, discrepantes como na troca de impressões com o Presidente da Associação de Escritores Chineses, gente e vozes que chegam a colunar entre si e se inscrevem numa espécie de coralidade que lembra a que surpreendemos na produção romanesca de José Saramago. Não raro, aliás, se nos deparam figuras, personagens e mecanismos de composição textual que, mesmo exprimindo uma evidência da realidade e do imediato, recuperam, prolongam talvez, as atmosferas, os ritmos, os traços nucleares dessa produção. O biografema busca e exalta, assim, a



© DANIEL MORZINSKI



comunidade daqueles que o partilham, pelo que estamos no oposto de qualquer procedimento solipsista, de uma narrativa tão-só especular ou autotélica.

A uma tal luz, releva a inserção, também habitual, de opiniões da crítica e extractos de correspondência que proporcionam comentários, ponderações pessoalíssimas e desafios de diversa natureza: «O autor mais afortunado será aquele que, graças a uns quantos leitores atentos que lhe vão comunicando as suas impressões de leitura, está continuamente em processo de aprendizagem sobre a sua própria obra». A opção não se limita a confirmar uma abertura à pluralidade das propostas, linguagens e juízos, exaltantes ou exprobatórios. Basta ler, a propósito e em contraponto, as cartas de José Luis Draper ou Rossana e de Maria Brasileira, amostra esta do

fundamentalismo católico que o escritor tem combatido, desde bem antes de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *In Nomine Dei*. Com pertinência se falará de uma vocação dialógica. E a dois níveis — o das aludidas relações entre o eu e a alteridade; o da afirmação do que em cada homem é uma polifonia, multiplicidade interagente (Valéry: *L'individu est un dialogue*). No jornal de José Saramago, ainda quando relapso à confidência, à catarse, às vicissitudes de um estatuto ontológico, abundam os instantes que comprovam esta dimensão fundamental.

O espaço afectivo subordina-se, com efeito e sem quebras, a uma regra de reserva. Não existem possibilidades para o sensacionalismo e o ajuste de contas, a delação e a falácia, os desvendamentos, as deambulações por um labirinto psicológico, efectivo ou imaginário.

O autor sabe que é impossível a representação da vida vivida, a vida toda e, em bom rigor, o que da sua síncrese pode seleccionar-se. Mas sabe igualmente que há domínios que, por seu alvedrio, permanecem indisponíveis. Então, o que surge no diário, cintilações do quotidiano conjugal e doméstico, a condição de filho adoptivo de Lanzarote, o regresso a Chiapas, a morte dos amigos, pronuncia o indetível, o desejado, e densifica decerto quanto guarda.

Idêntica contenção assiste, de resto, às incursões de teor metaliterário, seja no enunciar de projectos e elementos peri-textuais seja, de modo frequente, no reportar de factos ligados à redacção, revisão e lançamento das suas obras, em Portugal ou nos muitos países onde se acham traduzidas. 1997 foi o ano de *O Conto da Ilha Desconhecida* e *Todos os Nomes*. Não estranha que, com certo detalhe, se faça o trajecto das dúvidas, impasses e progressões da fase em que iam sendo concretizados, bem como das jornadas principais que se seguiram à edição. Reconhecer-se-á a importância destes fragmentos, por várias e até opostas razões, sem sequer interferir no debate teórico em torno do cânone ou da viabilidade de um (para já débil e instável) paradigma autoral. Restam os apontamentos políticos, as evocações, os artigos destinados à imprensa, sobretudo à revista *Visão*, a homenagem a Rafael Alberti, as entrevistas a Carlos Reis e Juan Arias, o nascimento de uma criança, Olmo, na casa de Los Topes, as parábolas, os aforismos, as fábulas, a ironia, esse pessimismo tornado arma contra a resignação, os cães, as ruas de Lisboa, Beijing ou Madrid, os mil acasos, os sítios imprevisíveis de uma memória a construir-se na historicidade e na dissecação. E a arte de José Saramago, única, contagiante, a pregar mundos, a implicar. Como, afinal, não deixou nunca de acontecer. De livro em livro.



© DANIEL MORDZINSKI

Retratos com palavras

Um homem não é só aquilo que um homem faz. Um homem é também aquilo que ele não fez, e aquilo que ele não permitiu que lhe fizessem. Revejo agora este homem seco e alto, olhos cortados em bisel, boné, passo puxado pelas pernas, passo largo e firme, cara fechada como se fora a ocultação de uma dor só por ele decifrável. Quando sorri, manifesta-se-lhe uma iluminação feliz.

VEM A SUBIR A RUA LUZ SORIANO. CUMPRIMENTA o senhor João da leitaria, ocasionalmente entra e bebe um café. Um café pausado. O homem é um homem pausado. É um homem que recusa despovoar-se. O homem pausado gosta de falar de pessoas e de sobre pessoas escrever.

É uma época infausta e um tempo inclemente. Um tempo cavo e triste. Um tempo imoral, que exige obediências e servidão. O homem pausado, de passo puxado pelas pernas, passo firme e largo, activa nele a moral do trabalho e a ética da esperança.

Estou à varanda do jornal onde trabalho, e vejo o homem seco e grave entrar no outro jornal, que fica na mesma rua. Vai cumprir a sua tarefa: entregar originais; vai continuar um destino: não ser neutro.

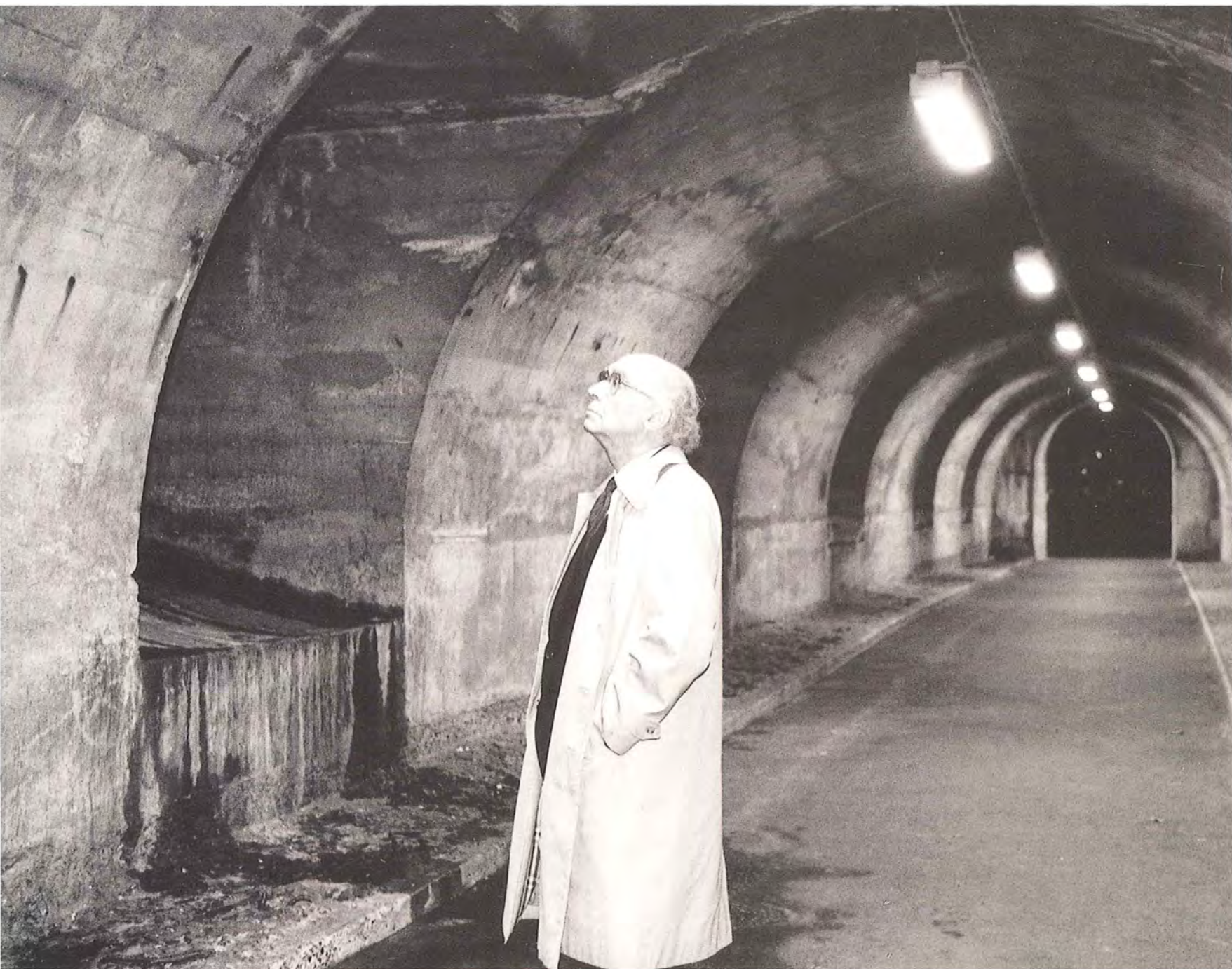
O homem esteve toda a manhã a traduzir livros por outros homens escritos. O homem é um escritor que reescreve, na sua língua antiquíssima, o que outros escreveram nas suas línguas de berço e leite. Por vezes, nesse ofício solitário, o homem diverte-se. Por vezes, nessa profissão humilde, aborrece-se. Mas o homem que sobe a rua dos dois jornais vai rematando a vida num arredondar de conta ao fim do mês.

O homem vai tão mergulhado em pensamentos que ninguém imagina que, lá dentro, nele, no lá dentro dele, agitam-se ecos nostálgicos.

B a p t i s t a - B a s t o s

«Este año el Nobel ha tenido suerte. Saramago está por encima del premio. Como Saramago es un sabio, sin duda soportará la gloria con escepticismo y, después de dar las gracias como un caballero portugués, seguirá escribiendo obras maestras desde la soledad de la lava».

Manuel Vicent, *El País*



nadamos dificilmente, tendo por cima de nós uma claridade indecifrada que devagar se vai apagando, como um dia que, tendo amanhecido, à noite de que se

cos e porventura obsessivos. O homem não medita em fortunas. O homem não ambiciona glórias. O homem que sobe a rua dos dois jornais deseja, somente, entregar o artigo, para regressar a casa e regressar à banca. O homem, a essa hora do sobre a tarde, quando a tarde começa a ser o risco da noite, escreve as suas coisas, os seus textos mais íntimos, as suas frases mais secretas. O homem está a inventar ruas cheias de mundos. O homem está a dizer aos outros homens que o mundo é uma rua. É preciso subir a rua.

A moral do trabalho, isso mesmo. Traduz de manhã, horas a fio. Escreve, a seguir, crónicas, artigos, recensões. Repousa, no então do então, a redigir os sonhos: fragilidades, desapontamentos, angústias, sentimentos, abusos. O homem escreve sobre a condição humana. O homem escreve ficções, sem nunca deixar que se corroa a película de pudor e discrição com a qual se protege, no mais íntimo e no mais pessoal.

O homem envolveu-se no turbilhão da sua época porque não aceitou a resignação, porque não se submeteu à negligência, porque aprendeu que, mesmo no opróbrio e na clausura, um homem pode ser livre. O homem que escreve é um homem livre. Exactamente porque, escreve o homem cujo passo é puxado pelas pernas, cara fechada, gesto pausado, é um homem livre. Lá vem um homem livre. Lá vem um homem de palavras, um homem de palavra; palavra de honra.

Saúdo-o com um gesto. O homem olhou para o homem que, na varanda, o saúda, e sorri aquele sorriso feliz de iluminação feliz. Podia, agora, dizer-lhe uma frase, soltar uma interjeição, berrar um vocativo. Não é preciso: basta o gesto. Os dois homens sabem isso: bastam os gestos; um gesto.

Estou à varanda e, sem ele estar, vejo-o a subir a rua. Ele está noutros sítios, vive agora

numa ilha de lava e espanto, escreve, claro!, continua o seu destino, cumpre a sua moral, molda a sua ética. Estou à varanda e vejo-o a subir as montanhas de fogo gelado, lá, para outros mares.

E vejo-o a beijar docemente a docemente amada. Estou à varanda e voou até à ilha castanha de lava, apenas para conversar com o homem que sobe a rua, que sobe as montanhas e que docemente beija a docemente amada.

Falam dele, no mundo. O mundo aprendeu os portugueses, a dor portuguesa, a melancolia portuguesa, a esperança e o júbilo portugueses, o quente e efusivo amor português ao ler os livros deste homem seco, sábio, sereno, grave, eternamente preocupado com o rigor do pensamento e com a geometria da palavra. Ah!, penso agora, à varanda, e a olhá-lo a subir a rua, como foi possível que este homem tivesse empilhado energias suficientes para enfrentar a calúnia, o insulto, o despeito, a inveja, a maledicência, a injúria, a perseguição, a mentira; como foi possível?

Não se exilou, não se refugiou, não fugiu. Deslocou-se, apenas, para outro lugar, continuando a subir a rua, a subir as montanhas; continuando a amar.

Vou no carro. É meio-dia. A TSF dá a notícia: — José Saramago Prémio Nobel!

Páro o carro. Aturdido, carros atrás de mim a buzinar, nó na garganta, sei lá o que está a acontecer-me, começo a sorrir, a rir, começo a voar; de repente, dentro do carro, começo a bater palmas. Estou a bater palmas ao homem que subiu a rua. Talvez seja a isto que se chama emoção; ou comoção?

E lá estou eu à varanda, a olhar o homem de passo puxado pelas pernas. O homem pára, sorri-me, pisca-me o olho, pisco-lhe o olho. O homem olha-me, encolhe os ombros. Como se me estivesse a dizer: são coisas que acontecem.



SUÉCIA

Homenagens de todo o mundo

In *Dagens Nyheter*, 9 de Outubro de 1998

COMO É QUE O MUNDO REAGIU À ESCOLHA DA Academia sueca do vencedor do Prémio Nobel de Literatura? O *Dagens Nyheter* telefonou a uma série de jornais, críticos literários e escritores.

Em Lisboa, a actividade era febril na tarde de quinta-feira no jornal de esquerda-liberal *Público*. O Director do jornal, que insistiu em falar em nome do jornal, sem exprimir a sua opinião pessoal, descreveu o jornal da sexta-feira: a primeira página e mais seis outras serão ocupadas por Saramago. E ainda mais está para vir nas edições do fim-de-semana.



13

Eurico de Barros, editor cultural do grande jornal *Diário de Notícias*, recebeu a notícia da atribuição do Prémio a Saramago com um misto de sentimentos: «Como cidadão português estou, naturalmente, satisfeito e orgulhoso, mas do ponto de vista puramente artístico o meu entusiasmo não é grande. Na minha opinião, apenas três portugueses contemporâneos são merecedores do Prémio. Dois dos quais faleceram recentemente, os poetas Miguel Torga e Virgílio Ferreira, a terceira é a autora lírica Sophia de Mello Breyner Andresen. Como muitos outros neste país, tenho dificuldade em esquecer o passado estalinista de Saramago e o papel que desempenhou nos anos difíceis de 74-75, quando participou lealmente na tentativa dos comunistas de derrubar a democracia. Seria outra coisa se Saramago tivesse reconsiderado a sua posição política, mas ele é impenitente».

A investigadora de literatura da associação de estudantes da Universidade de Lisboa, Raquel Dias, comenta entusiasmada: «Sentimo-nos atordoados e felizes. Todos perguntam "Já soube do que aconteceu?" As estações de rádio anunciam apenas uma notícia, creio que esta situação vai permanecer por vários dias. Que grande honra para o nosso país e para a nossa língua! Pensávamos que na Suécia se tinham esquecido de nós. Aqui na Universidade os semblantes estão muito felizes, os estudantes adoram Saramago, mesmo os que não partilham as suas ideias políticas».

José Saramago é certamente merecedor do Prémio, e quase se pode ter a impressão de que a escolha é um regresso a uma ortodoxia literária. Mas não é, disse o responsável pelo sector literário do *Fankfuter Allgemeine Zeitung*.

«A escolha do saltimbanco anarquista Dario Fo teve um significado histórico na perspectiva da qualidade literária. A Academia não reviu a sua decisão. Se, de facto, quisessem fazer uma escolha por uma literatura ortodoxa, então escri-



tores como Hugo Claus ou John Updike teriam sido uma escolha muito melhor».

«Agora fica-se com a impressão de que Saramago foi escolhido por não ter recebido o Prémio no ano passado — um motivo bem fraco. Mas temos que encarar a escolha do Prémio Nobel como ela é — um misto usual de deferência e acaso».

«Uma boa e genuína escolha», disse David Streitfeld, especialista na matéria do Prémio Nobel de Literatura do *Washington Post*. «Pouco surpreendente. Saramago não é desconhecido por aqui, a despeito, por exemplo, de Hugo Claus».

Um vencedor de grande valor.

«Oh great!!!» Que bom, gritou Michael Specter do *New Yorker*, autor de um ensaio que foi alvo de grande atenção sobre a Academia sueca e as respectivas controvérsias. «Diferenciando-se da atrocidade do ano passado, esta é uma escolha excelente. Saramago talvez seja conhecido por 5% dos leitores americanos. É um grande escritor. A Academia sueca às vezes faz más e às vezes boas escolhas».

«A Academia sueca tornou-se uma espécie de Nações Unidas da linguística e o Nobel da Literatura tornou-se mais um prémio linguístico do que literário», disse Jean-Louis Ezine, crítico literário do francês *Nouvel Observateur* que regressou recentemente de uma viagem a Estocolmo, onde se encontrou com Sture Allén e com Kjell Espmark. «De um modo geral premeia-se uma língua e uma cultura, e o facto de o Prémio ter ido para Portugal, que há muito tempo foi ofuscado pela Espanha, é excelente. Mas há outro grande escritor português que é António Lobo Antunes».

«Saramago é um vencedor de grande valor. Aqui, no entanto, não há muitas pessoas que tenham lido a sua obra», disse Shaun de Waal, crítico literário do *Mail & Guardian* em Joanesburgo. Os portugueses na África do Sul não estão especialmente interessados em literatura, e junto da população de expressão inglesa, a lite-

ratura de Portugal não tem uma posição forte. Mas, de qualquer modo, há traduções da obra de Saramago. Particularmente, achei que o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* exige muito do leitor mas é uma obra muito interessante. A sua maneira de revolver um texto supostamente sagrado e alargar a narração sobre Jesus foi bem sucedida.

Na Índia, mesmo nos círculos literários da capital Nova Deli, Saramago é uma celebridade relativamente desconhecida. A responsável pelo departamento cultural de um dos principais jornais do país cala-se ao ouvir que José Saramago é o laureado deste ano. No momento seguinte pergunta como se soletra o nome.

Uma escolha segura depois de alguns prémios polémicos

Lars - Olof Franzén

In *Dagens Nyheter*, 9 de Outubro de 1998

COM A ESCOLHA DE JOSÉ SARAGAMO A ACADEMIA sueca premiou uma obra literária que é apreciada por todos e que não será contestada por ninguém. Consegue, desta maneira, um prazo para tomar fôlego depois de algumas escolhas audazes e inesperadas nos anos 90, que apesar



© DANIEL MORZINSKI



de contarem com a aprovação de muitos, não deixaram, simultaneamente, de despertar preocupações em círculos literários tradicionais. Estes círculos tiveram dificuldade em aceitar a escolha de Toni Morrison em 1993. O facto de a Academia premiar uma escritora americana, negra, feminista, que fazia ensaios fora dos limites literários estabelecidos, foi visto como uma manifestação de oportunismo. Morrison é, no entanto, muito merecedora do seu Prémio, vindo, inclusivamente, a corresponder às grandes expectativas que foram colocadas nela com o romance *Paradise*, publicado no último Inverno.

É evidente que a situação ficou muito pior com a escolha de Dario Fo no ano passado. Nos círculos literários de Itália o Prémio de Fo foi praticamente considerado uma agressão social-democrata sueca à literatura italiana. Na Alemanha o Prémio foi alvo de duras críticas e em França o *Le Monde* publicou um artigo em que o autor interpretava as escolhas de Morrison e Fo como sinais de que a Academia sueca tinha perdido o discernimento em matéria literária e estaria com

isso a comprometer seriamente a reputação internacional do Prémio Nobel de Literatura.

O interessante nessas reacções, que também foram reflectidas em parte da imprensa sueca, é a ênfase dada ao facto de a literatura de alta qualidade poder ser objectivamente identificada. Esta literatura de alta qualidade define-se por uma antiga estética de enredo modernista e constitui uma parte fundamental da herança cultural literária. Nesta tradição são ainda escritas obras de grande significado. No entanto, é nos poetas, que conseguiram libertar-se do academismo, que se encontra a renovação artística. Se a Academia não tivesse feito esta descoberta, a indiferença relativamente ao Prémio Nobel de Literatura iria intensificar-se seriamente.

No tocante a Dario Fo, adicionou-se, obviamente, o tradicional desprezo literário pelos textos teatrais. A situação não ficou nada melhor com o facto de as peças de Fo serem populares e politicamente provocantes. Para além disso, o autor usava dialectos, improvisava e deixava uma grande parte da expressão a cargo do corpo e da linguagem dos gestos.



Com Saramago a Academia não corre o risco de tais reacções. É um escritor do gosto tanto dos leitores como dos críticos. O que não tira o valor da escolha. Numa perspectiva de longo-prazo podemos constatar que a escolha do vencedor do Prémio Nobel tem tido inúmeros exemplos excêntricos e a qualidade dos laureados tem variado, conforme a composição da congregação instalada no prédio da Bolsa de Valores. Mas nos anos 90 uma nova imprevisibilidade tem caracterizado a actuação da Academia.

Em virtude desta imprevisibilidade, deixa de ser possível a comparação dos autores, do ponto de vista da qualidade literária, como acontecia anteriormente. Claude Simon (1985) tinha certamente um estatuto literário mais elevado do que William Golding (1983). Heinrich Böll (1972) foi um nome controverso entre os escritores de fama mundial Pablo Neruda (1971) e Patrick White (1973).

Este tipo de comparação de grandeza torna-se cada vez menos possível, devido a uma maior abertura do leque literário, o que não constitui qualquer problema para a Academia, cuja única função é nomear anualmente um escritor de grande mérito. Por outro lado, a dificuldade aumenta para os críticos e comentadores, aqui e no estrangeiro, que defendem a todo custo uma hierarquia de valores literários baseada em critérios estéticos ultrapassados.

Seria banal afirmar que não há possibilidade de fazer um campeonato mundial de literatura. O Prémio Nobel estaria, no entanto, em perigo se esta fosse a opinião geral. Particularmente estou convencido de que a imprevisibilidade crescente da Academia sueca serve mais para aumentar do que para diminuir o interesse em torno de um acontecimento que é indiscutivelmente o maior evento de relações públicas da Suécia. A atribuição do Prémio Nobel de Literatura possibilita que, num mesmo dia, uma obra literária seja o alvo da atenção em todo o mundo.

A inspiração decorre da voz interior

Madeleine Gustafsson

In *Dagens Nyheter*, 9 de Outubro de 1998

HÁ POUCO MAIS DE UM ANO ATRÁS ENTREVISTEI Saramago em Estocolmo. Naquela altura, o seu romance *Ensaio sobre a cegueira* tinha acabado de ser publicado em sueco. O local da entrevista foi muito frio e impessoal, uma sala de conferência do Hotel Sheraton, e o tempo estava cronometrado em minutos. No entanto, a frieza da sala desapareceu assim que Saramago começou a falar de modo intenso, mostrando a sua capacidade de prender completamente a atenção do seu interlocutor.

Saramago na ocasião tinha 75 anos. Falou dos seus livros, em particular do último, *Todos os Nomes*, que agora no Outono será publicado em sueco. Eu tinha a ideia que uma obra literária deste quilate — quatro romances tinham sido traduzidos para sueco num período de apenas quatro anos — tinha de ter florescido durante uma longa carreira. Pergunto-lhe, então, sobre as suas primeiras obras. Sim, tinha começado cedo, disse-me Saramago, mas enquanto jovem não tinha muito para dizer.

«Se tivesse morrido aos cinquenta anos, com os romances que tinha até então publicado, ocuparia um lugar muito pequeno na história da literatura portuguesa».

A sua obra literária tinha quase toda surgido nos últimos quinze anos. O que é que aconteceu para além do óbvio, que uma pessoa tem mais para contar aos 60 do que aos 25 anos?

A resposta a esta pergunta é o que melhor me recordo de toda a entrevista. Saramago



disse que em 1980, quando estava a trabalhar num romance na região em que nasceu no Sul de Portugal, começou subitamente a escrever de uma nova maneira. Não foi nada premeditado, veio como uma inspiração. Pela primeira vez o narrador apareceu no texto. Não como um «eu» e absolutamente não como o seu próprio eu, «*mas como uma instância que cria a justiça, que lá está para separar o bem do mal*». Uma voz em defesa da bondade, da compaixão, da honra e do bom senso. Uma voz em defesa da vida — que só quando a ouviu pôde escrever.



Laureado deste ano: um narrador «Saramágico»

Örjan Abrahamsson

In *Göteborgs Tidning*, 9 de Outubro de 1998

FINALMENTE ACONTECEU O QUE MUITOS ESPERAVAM: um escritor português foi contemplado com o Prémio Nobel de Literatura deste ano. Mais precisamente, José Saramago, que juntamente com o seu compatriota António Lobo Antunes tem figurado durante muitos anos

entre os nomes mais invocados neste contexto. Finalmente, dado que a rica literatura portuguesa deste século nunca foi distinguida com o Prémio Nobel.

Este ano quem tirou a «sorte grande» foi o romancista, novelista, dramaturgo e ensaísta José Saramago. A contemplação de Saramago irá, provavelmente, contribuir para intensificar a rivalidade que existe entre os dois escritores. Ambos gozam de muito boa reputação internacional. Os devaneios fantásticos de Saramago, no entanto, agradam mais ao público e são de leitura mais fácil do que as experiências de prosa barroca de Lobo Antunes. Sendo assim, resta-nos apenas felicitar os leitores interessados.

Saramago é, de facto, um narrador virtuoso, um artista de romances da mais alta categoria, que desvenda os problemas sociais e existenciais clássicos de modo compreensível e extremamente cativante. Com uma inclinação especial pela narração metafórica, que se aproxima do mundo dos contos de fadas, Saramago tanto elucida como reinterpreta muitos temas clássicos da literatura. Fugindo à regra no que diz respeito ao Prémio Nobel, Saramago não só é apreciado pelos críticos, mas é também lido em todo o mundo. Os seus livros estão traduzidos em cerca de 30 línguas. No seu país é imensamente popular; os seus livros são publicados em edições de mais de cem mil exemplares. No entanto, o escritor, que se diz ateu e comunista, é alvo também de muita polémica, especialmente depois de ter publicado a sua interpretação muito pessoal da vida de Cristo, intitulada *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. A campanha hostil que durante algum tempo foi dirigida a Saramago em Portugal, não exclusivamente pela Igreja, foi um dos motivos que contribuíram para que fosse viver em Lanzarote. [...] Nada levava a crer que José Saramago um dia viesse a tornar-se escritor, dado que os



seu pai eram analfabetos. Percorreu um longo caminho antes de se dedicar à escrita. Entre outras coisas, exerceu as profissões de serralheiro mecânico, torneiro e jornalista. Apesar de se ter estreado em 1947 com o romance *Terra do Pecado*, não publicou nenhum livro durante quase vinte anos alegando não ter nada para dizer, limitando-se a escrever crónicas de jornal e algumas poesias. Recusa-se, todavia, a fazer nova publicação do seu primeiro romance. O seu reconhecimento como escritor deu-se em 1966, aos 44 anos, com a colecção de poesias *Os Poemas Possíveis*, para além da publicação de peças teatrais e de ensaios. Só em 1977 foi publicado o primeiro romance, de uma série de oito, que serviu de base para a atribuição do Prémio Nobel de Literatura deste ano.

O romance *Levantado do chão*, sobre a luta da população rural contra a ditadura neste século, teve sucesso imediato e veio a conquistar um público grande e dedicado. Dois anos depois, com *Memorial do Convento*, Saramago foi definitivamente reconhecido pelo público, tanto a nível nacional como internacional. Este romance de amor inspirado numa lenda desenvolve-se no Portugal do século XVIII, onde a ilusão e o realismo formam uma união fascinante. Saramago move-se frequentemente na fronteira entre a história e a ficção, entre o sonho e a realidade, entre o então e o agora. O poeta Fernando Pessoa, provavelmente o maior escritor da literatura portuguesa do século XX, é invocado em dois romances de Saramago. A personagem principal em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de 1984, é um dos muitos heterónimos de Pessoa, que escreveu poesias sob diversos nomes, todos com biografia própria. Saramago fez Reis sobreviver a Pessoa, que na realidade morreu em 1935, permitindo, desta maneira, que esta personagem vivesse durante a ditadura salazarista.

Precisamente como ocorre nos outros roman-

ces do escritor, há um confronto permanente entre conceitos de identidade e de história. Nada é o que parece ser. Tudo poderia ser diferente. Saramago escreve com uma alegria contagiante, a sua prosa flui como um nó de correntes fortes. Para além de possuir a autoridade óbvia do escritor, este sapientíssimo autodidacta é também um grande humorista e satírico que, apesar de não ser um romancista histórico no sentido lato da palavra, se move livremente entre diferentes épocas. Na história de Saramago há espaço tanto para a verdade como para a ficção e para a mentira. Talvez seja esta a lição que o autor nos quer dar. Os romances de José Saramago parecem normalmente ser fruto de caprichos repentinos. Como a simples palavra «não» pode alterar a história? É exactamente esta ideia que constitui o ponto de partida de *História do cerco de Lisboa*, um romance no qual um revisor de textos, Raimundo Silva, insere um «não» numa obra histórica sobre o cerco de Lisboa, um acontecimento de dimensão praticamente mítica na história de Portugal. O que aconteceria se os cruzados tivessem partido para a Terra Santa em vez de permanecerem em Lisboa para salvar a cidade dos sarracenos? O que teria acontecido se de repente a Península Ibérica se separasse do resto da Europa ficando a flutuar no Atlântico? pergunta Saramago no romance *A Jangada de Pedra*, de 1986.

E finalmente o que poderia ter acontecido às pessoas e à sociedade se todos repentinamente ficassem cegos? É o que Saramago se põe a imaginar na sua distopia aterrorizante *Ensaio sobre a cegueira*. Este aspecto lúdico é mais um elemento que faz de José Saramago um narrador tão expressivo e tão cativante; um artista mágico que com a sua varinha de condão escreve o que lhe vem à cabeça. Como poeta, Saramago é tão desconcertante como encantador. Resumindo: «saramágico».



ESPAÑHA

Um grande escritor comprometido

Rafael Conte

In *ABC*, 8 de Outubro de 1998

FINALMENTE, QUASE UM SÉCULO DEPOIS DO SEU nascimento em 1901, o prémio Nobel da Literatura redimiu-se de si mesmo coroando a obra do grande escritor português José Saramago, cujo nome já tinha soado nos últimos anos como um dos candidatos que tinham mais possibilidades de o obter, ao lado do patriarca brasileiro Amado ou o seu directo concorrente Lobo Antunes. Foi uma pena que

a literatura portuguesa tenha sido tão tardia-mente reconhecida por este galardão, em princípio o mais importante do mundo, mas é sobre ele que até hoje recai a ofensa imperdoável de não ter honrado antes a literatura que se escreveu em português de ambos os lados do Atlântico durante este mesmo século, dentro do qual, além disso, existiram figuras tão incontestáveis como Pessoa, Guimarães Rosa ou Torga, dignos herdeiros daqueles outros grandes da história que foram Camões, Gil Vicente, Mendes Pinto, Herculano, Almeida Garrett, Castelo Branco, Eça de Queiroz, Euclides da Cunha e tantos outros.

O prémio para este grande escritor, poeta, dramaturgo, ensaísta e sobretudo narrador que é Saramago, tem características de absoluta necessidade tanto pela sua própria qualidade como por uma justiça duplamente cumprida, pela sua envergadura pessoal e pela língua em que escreve, uma das literariamente maiores da história universal; embora precisamente por ele mesmo só parcialmente redimir a injustiça de tão absurdo atraso. De facto também ao honrar, através de Saramago, a literatura escrita em português, o prémio Nobel honra-se finalmente a si mesmo.

No entanto, alguma desta injustiça sentia-se nos ambientes europeus nas últimas décadas. Recordo um facto significativo a este respeito, quando, em meados dos anos 80, Saramago foi convidado pelo «Carrefour des Littératures Européennes», que anualmente se celebra em Estrasburgo, e ao qual tive oportunidade de assistir.

Ali, em torno da sua pessoa e obra, que já era muito conhecida na Europa, onde já tinha sido traduzida profusamente em quase todas as línguas, organizou-se uma mesa redonda sobre o seguinte incompreensível tema: «*Será que a literatura portuguesa é uma literatura europeia?*» Perante este disparate levantaram-se





numerosos protestos fazendo notar que a Europa era uma criação nascida do cruzamento entre Roma e os bárbaros, e que se Estrasburgo tinha sido uma criação destes últimos, a Lusitânia fazia parte do mundo romano, desde muitos séculos antes. Mas a serenidade, a boa vontade e a facilidade de expressão de Saramago cativou o público assistente e o sangue, por esta vez, não chegou ao Reno.

Talvez por isso Saramago tenha expressado muitas vezes as suas reticências frente a esse europeísmo tão simplificador que faz grandes estragos, tanto no seu país como no nosso, convertendo-se a uma espécie de «pensamento único» alienador, contra o qual escreveu essa mítica narração que é *A Jangada de Pedra*, em que ficciona a imaginária ruptura do velho continente pela linha dos Pirinéus, com a qual a Península inteira, Espanha e Portugal, se convertem numa gigantesca jangada à deriva através do Atlântico em busca da sua verdadeira localização. Talvez também por isso Saramago tenha eleito como local de residência, nos braços da jovem mulher, a espanhola Pilar, a ilha de Lanzarote, como se fosse um resto dessa utopia, ou quiçá a sua semente para o futuro. Não há que pensar por isso que Saramago seja antieuropeísta, pois não desconhece a realidade europeia de Espanha e Portugal: simplesmente adverte contra essa Europa dos mercados e das bolsas, frente aos quais tanto o seu país como o nosso têm que ir cultivando as suas próprias características e as suas mais profundas raízes.

Por último, no que se refere ao seu pensamento geocultural, creio que tão-pouco se pode simplificar demasiado dizendo que Saramago é um hispanista total, um hispanófilo a martelo somente. É-o, porém, através daquilo a que chama «iberismo», que no seu caso é uma total mescla peninsular, que cuida de cada um dos seus pormenores, ao ponto de ter ido viver

para uma ilha. É um português ibérico, peninsular e insular ao mesmo tempo, que desembocou nessas ilhas precisamente porque parecem tão separadas da península continental como atraídas por ela. Se foi viver para Lanzarote foi tanto por amor como por refúgio, pois a vida literária é pouco cómoda em Portugal, onde as injustiças e invejas são tão usuais como entre nós, e bastaria relembrar as dificuldades que se levantaram quando publicou essa obra admirável que é *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e que o seu próprio país (o seu governo) vetou para o concurso europeu. Os seus *CADERNOS DE LANZAROTE* reflectem muitas dessas dolorosas circunstâncias, que por vezes até lhe proporcionaram, infelizmente, algumas considerações um pouco paranóicas. Pois se se pôde queixar, com razão, contra as injustiças que no seu país se praticaram, não creio que possa fazê-lo com a recepção que se lhe fez em Espanha, onde sempre gozou do respeito, do carinho e da admiração que a qualidade da sua obra e a objectiva honestidade da sua pessoa inspiram.

Só me resta uma reflexão final, se bem que me apresse a dizer que é a mais importante: Saramago é um dos últimos grandes escritores comprometidos da história, agora que a noção de compromisso está tão esquecida e até abandonada por um implacável mercado literário da nossa sociedade de consumo. Embora retirado hoje da política «activa», na qual teve uma longa vida de militante, chegando a ser — apesar de apenas por uns meses, findo os quais se demitiu — presidente da Assembleia Municipal de Lisboa por uma coligação socialista/comunista, o seu pensamento sempre foi e é político, comprometido com as forças de esquerda, o que se reflectiu em alguns livros admiráveis, como *Levantado do chão* (o mais realista), a par de outros mais míticos como a sua obra prima *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de*



Ricardo Reis; o combate libertador em *História do cerco de Lisboa*, o anti-dogmatismo de *O Evangelho...* já citado, ou essa fábula anti-totalitária que é o *Ensaio sobre a cegueira*. E estes não são ainda «todos os nomes», porque felizmente ainda nos falta aguardar muitos mais. E pela parte que nos toca, que é mais do que aquilo que pensamos e do que porventura merecemos, também nós, os leitores espanhóis, estamos hoje de parabéns.

Saramago ou a Profecia de «Todos os Nomes»

J. J. Armas Marcelo

In *ABC*, 9 de Outubro de 1998

VEJO SARAMAGO EM SILÊNCIO, SENTADO — E PILAR del Río junto a ele — na escadaria do anfiteatro do Palácio de Exposições e Congressos — deve ter sido lá — de Valência. Durante o Congresso de Escritores de 1987, que Ricardo Muñoz Suay organizou no princípio do Verão desse ano, para comemorar o meio século de memória daquele outro antifascista, celebrado em plena Guerra Incivil, em 1937. Vejo-o ali, sentado e em silêncio, com os seus olhos quase fixos, diminuídos, atentos aos gritos, ao protagonismo transbordado de tanto escritor congressista, à

palavra interminável e exaltada dos poetas e aos romancistas que entram e saem incessantemente do encontro valenciano. Falava Octavio Paz sobre Popper, e Juan Goytisolo, e falava Vargas Llosa, e falavam Semprún e Cabrera Infante; gritavam os cubanos do interior da Ilha, diziam aos gritos que no seu país havia liberdade, vejo-os, Miguel Barnet acima de todos; falavam os cubanos, e falavam Savater e Vázquez Montalbán; falavam, falávamos e falaríamos todo o tempo de nós próprios. Mas eu vejo Saramago em silêncio, sentado junto de Pilar del Río, às portas do Verão de 1987, escutando atentamente a insaciável ladainha das liberdades de todos os lados, os compromissos múltiplos e as ambições dos escritores.

Depois vi-o em muitos outros lugares, encontrámo-nos, falámos (não discute: olha e escuta, com os lábios estendidos, como se procurasse convencer com o silêncio, que silêncio, o de Saramago!); sigo-o e li-o em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, nas páginas de *Memorial do Convento* e encontro-o no *Ensaio sobre a cegueira*, para citar três pilares essenciais deste Prémio Nobel da Literatura. Finalmente os suecos, depois de tanta distância e tanto esquecimento injusto, chegaram a Lisboa e às literaturas portuguesas neste homem autêntico, neste romancista do Sul que vive na ilha de Lanzarote, Canárias, e que portanto é — também — profunda toca vulcânica, além de lisboeta «de nascimento», de origem, memória e natureza. Quando lhe perguntaram porque é que tinha ido viver para tão longe, Saramago respondeu com a melancólica ironia que muitas vezes se escapa do seu olhar atento: «*Longe não, vivo num bairro da Europa*», que também é a sua terra porque nenhum português se sentiu estrangeiro nas Canárias; e muito menos Saramago. Por isso, nesse bairro da Europa, Lanzarote (ontem e hoje, capital Lisboa), nas Canárias inteiras e em toda a Península Ibérica há festa justificada.



Finalmente os académicos suecos premeiam-se a si próprios premiando José Saramago.

Como numa metáfora literária da sua própria biografia, Saramago converteu-se agora na memória recordada de «todos os nomes» das literaturas de língua portuguesa, os nomes de todos os que foram esquecidos pelos ilustres nórdicos, até infiltrar no autor de *A Jangada de Pedra* a justiça literária que haviam negado à poesia de Pessoa, aos textos de Torga, aos romances de Guimarães Rosa e de Jorge Amado, e aos de Clarice Lispector, os nomes de tantos poetas e romancistas, escritores da palavra portuguesa nesta parte do mundo peninsular; entre as ilhas da Macronésia e mais além do Atlântico, e muito mais além da imaginação geográfica, ainda mais além de Goa e Timor, quase no outro mundo que Vasco da Gama trouxe até à história e à memória do Ocidente.

Vejo Saramago observando o horizonte do Atlântico desde a sua casa da Ilha (levantando a cabeça para ver o mar longínquo) e vejo-o descendo lentamente até ao mar, com as mãos nos bolsos das suas calças, erguido no ar, como uma cana alta de bambu, vejo-o descendo a avenida da Liberdade lisboeta até chegar à Praça do Comércio, junto ao estuário do Tejo, os lábios abertos da América. Contam que quando Felipe II se debatia com a dúvida sobre a localização da capital do Império, visitou o Rei Pai, velho e sábio, em Yuste, onde estava já retirado para lhe serem perdoados todos os seus pecados menos o da gula, que exerceu como um profissional do excesso gastronómico até à sua morte. O Velho Imperador, cheio de solidão e contradições, aconselhou com a visão de quem já havia pensado o futuro: «*Se queres manter o Império, põe-na em Toledo, se queres acrescentá-lo põe-na em Lisboa, e se queres perdê-lo, põe-na em Madrid*», disse-lhe. Contudo também hoje em Madrid, cidade à qual se atribui as culpas de tudo, capital de tantas coisas, de tantas alegrias e tantas

dores, a celebração de Saramago e da língua e literaturas portuguesas é sincera, alargada e fresca, própria desta cidade franca e aberta a todos neste fim de século.

Vejo Saramago na Feira do Livro, caminhando pelo pó de Maio e pelas suas chuvas, como que alheado de tudo mas sempre atento a qualquer ar que se mova em seu redor. Vejo-o entre luzes de literatura e muitas gentes com eco nos salões do Círculo de Belas Artes de Madrid, tentando passar despercebido, afastando-se para não chamar a atenção e parando, reservado, no ambiente claro/escuro e fronteiro onde se dá a mão ao silêncio, o olhar pessimista do escritor e o trato afável e claro de nós, que o admiramos, Juan Madrid, em calças de ganga, César Antonio Molina, Pilar, Saso Blanco, eu mesmo. Vejo-o — imagino-o, enquanto jantamos as velhas fritadas do mar da Ilha, em Puerto del Carmen — no Brasil, há uns anos, comprometendo-se com os sem terra, as gentes dos Estados perdido no inferno, de quem ninguém faz caso e onde nem sequer o diabo se atreve a entrar para impor a sua ordem.

Vejo Saramago daqui a dois meses em Estocolmo, engalanado dentro do círculo eterno que por uns instantes talvez justifique tudo para muitos outros escritores, embora nem a importância de ser Nobel vá conseguir modificá-lo em nada. Vejo-o em Estocolmo (vejo também os olhos brilhantes de Pilar del Río, a seu lado), e reli-o agora mesmo nesses invejáveis e despojados diários dos *Cadernos de Lanzarote*, que me inspiraram e alimentaram os meus próprios *Cuadernos de Casa de América*. Vejo e releio esse texto de Saramago, o diário descarnado do escritor nu perante si próprio, desafiando-se sempre a resistir, a ancorar-se sempre na heresia; tal qual se pode ler nos seus *Cadernos de Lanzarote*, uma radiografia que o põe a descoberto sem hipocrisia nem floreios, uma geografia escrita a golpe de tatuagens, memórias, sustos, regozijos, angústias e, por vezes, acalmias. E vejo-o e leio-



-o com a sua coerência às costas, com a austeridade irritante, invulnerável, resistente à perseguição implacável do tempo, imerso o escritor na sua própria estatura de herege, fazendo frente aos fantasmas, aos demónios, às Santas Inquisi-

ções do passado, do presente e do futuro. Um achado impagável, pelo menos para mim, esses *Cadernos de Lanzarote*, a escrita do homem a partir de um bairro da Europa, capital Lisboa, a que chega até ao mar, a cidade antiga e senhorial que connosco se alegra porque os académicos suecos concluíram finalmente que a única maneira de não continuarem a envergonhar-se lá em cima, no Norte, por não terem outorgado até ontem o Nobel de Literatura à língua e à literatura portuguesas, era concedê-lo — tarde, mas já não tão tarde — a José Saramago, todos os nomes, ao fim e ao cabo um escritor completo, inteiro e verdadeiro.

«Leiam-me em voz alta»

Juan Manuel de Prada

In **ABC**, 9 de Outubro de 1998

O PRÉMIO NOBEL NÃO CONTA ENTRE AS SUAS VIRTUDES com a da infalibilidade; talvez por isso, quando acerta, a reacção de quem acolhe os seus ditames com cepticismo, junta a perplexidade ao alvoroço. Ao premiar José Saramago, a assembleia dos académicos suecos não se limita a reparar uma obscena e demasiado repetida injustiça; dirigiu também o seu veredicto para a literatura em estado puro, sem condimentos políticos, folclóricos ou sociológicos, essas rémoras que nos últimos anos têm enturvado o elenco dos ganhadores, com nomes tão discutíveis ou estranhos como Morrison ou Fo.





Foi premiado um homem na plenitude dos seus recursos, entregue a uma obra que em cada título incorpora novos motivos de deslumbramento. Em 1985, quando foi publicado em Espanha *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago era para nós um escritor quase secreto, mas desde aí a sua envergadura literária e moral continuou a crescer, com um vigor impetuoso, dono de uma coerência interna que distingue os mestres. Porque a obra de Saramago sempre se caracterizou pela sua condição de rescrita da realidade e revisão histórica, por um afã de conhecimento crítico que por vezes decanta pelos caminhos da alegoria e da parábola, ou pelo esforço retrospectivo (não direi «histórico», pois esta etiqueta banaliza as pretensões da narrativa de Saramago), mostrando que a melhor maneira de entender o presente e actuar sobre o futuro consiste em explorar o substracto do passado.

Esta escrita entendida como indagação na história e na realidade coloca Saramago numa posição privilegiada, afastada em igual medida do esteticismo orgulhoso e do compromisso vociferante. No citado *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago presta homenagem à figura de Fernando Pessoa, através de um dos seus grandes heterónimos, mas não se trata de uma homenagem suave e desanimada, tratando-se, pelo contrário, de uma crítica implacável à atitude resignada do protagonista, que assiste estoicamente ao envilecimento do mundo. Esta mesma atitude crítica anima outras obras da mesma época, como *Manual de pintura e caligrafia*, onde nos narra a crónica de uma derrota e de uma crise estética e vital, através da figura de um pintor de encomendas que afasta da sua submissão o academicismo e usa a escrita como veículo de revolução interior. Insistindo nesta mesma intenção, Raimundo Silva, o protagonista de *História do cerco de Lisboa*, proporá uma história alternativa que desmonta a história ofi-

cial e herdada, audácia que será também uma forma de intimamente se redimir. São, todos eles, romances nos quais Lisboa tem um protagonismo local, erigindo-se, mercê do encantamento quase de salmo que a prosa de Saramago tem, e da sua capacidade para recriar atmosferas opressivas, numa geografia cheia de sombras, envolvente e barroca.

Este projecto estético e de crítica e introspecção nos abismos da realidade e da inter-história que sustém os romances de Saramago e que se tornará ainda mais notória em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, onde nos é proposta a revisitação de um dos mitos germinantes da nossa cultura a partir de uma perspectiva humaníssima, não nega o maravilhoso nem o inexplicável. *Ensaio sobre a cegueira*, a meio caminho entre a parábola e o pesadelo, afunda-se com sombria lucidez num cenário de caos e depredação, onde o homem se converteu num lobo do homem, mas no qual ainda é possível uma centelha de luz e de esperança. *Todos os Nomes*, por fim, coroa uma trajectória regida pela fidelidade aos compromissos estéticos e vitais que sempre defendem o humanismo face ao silêncio burocrático que nos oprime.

Um escritor é a procura de um estilo que unifique a sua obra. Saramago soube dotar a sua prosa de uma respiração inexorável e tenaz que actua sobre a linguagem com um ritmo lento, tecendo sobre o leitor a teia doce de uma ladainha. Nesse estilo que é forma e fundo ao mesmo tempo, música interior e fluxo sustenido da primeira à última linha, reside a principal singularidade de uma obra que exerce sobre nós o mesmo poder de convicção da melhor poesia. «*Leiam-me em voz alta*», recomendou Saramago aos seus leitores em mais de uma ocasião; quando seguimos este conselho, a sua literatura atinge essa nitidez solene e quase oracular das palavras que nasceram com vocação de eternidade.



Kempner



O Labirinto e a sua Metáfora

M. Vázquez Montalbán

In *El País*, 9 de Outubro de 1998

O PRÉMIO NOBEL RECONHECE, ENFIM, UM ESCRITOR da língua portuguesa, um escritor difícil, contrário ao literariamente correcto e que agora, mais do que nunca, precisa de apresentação para fugir ao imaginário feito de lugares comuns, como se se tratasse de um *funetto* de banda desenhada. O imaginário Saramago reproduz um escritor tardio, como Buffalino ou Camileri, jornalista e comunista, nascido à sombra da estética de Pessoa em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, construtor de utopias irónicas impossíveis em *A Jangada de Pedra*, interpreta-

da como uma balada anti-europeísta, exemplo de escritor comprometido com a literatura e com a ideologia, mas possuidor dessa verdade literária que não depende da ideológica.

Ensaio sobre a cegueira introduz-nos ao Saramago actual, à procura de um discurso no qual Vida, História e Morte resultam em paciência expositiva, como se o escritor se auto-concedesse um tempo sem limites de exposição literária, em contradição com os limites biológicos e históricos. Pode dizer-se até que Saramago parece afastar-se da esperança laica, da História, do optimismo histórico, mas procurando não se render à tendência para o pessimismo biológico. *Todos os Nomes* parece-me ser uma das obras mais reveladoras da relação ética-estética do Saramago actual. Vida, mundo, tempo, espaço, encontram neste romance o plutónico referente do arquivo onde tudo está escrito.

O protagonista busca e rebusca na trama da geometria da Conservatória Geral do Registo Civil concebido como um universo de arquivos ou como o Universo arquivado, materialização da relação do espaço com o tempo, um e outro embalsamados. Se para Borges o Universo era, ou merecia ser, uma Biblioteca, Saramago propõe que ela seja a Conservatória Geral do Registo Civil, com dois sujeitos dominantes: o chefe e o Sr. José, o chamado «funcionário exemplar», da classe dos funcionários oitocentistas, cheio da náusea dos autodidactas e da indeterminação de Joseph K. Saramago recria-se na reconstrução de um romance de escriturários em atmosfera do século dezanove, como que à procura de uma cenografia falsamente naturalista, uma cenografia enterrada, sepultada, pré-kafkiana, um dos maiores achados do livro.

Se no romance introspectivo dos anos sessenta e setenta os protagonistas levavam 30 páginas para subir uma escada e 40 para abrir



uma janela, em *Todos os Nomes* o Sr. José leva quarenta páginas para abrir uma pasta, partindo da íntima satisfação de proprietário da memória das vidas de toda a gente nos seus dados mais óbvios. O leitor vê-se submetido à intriga da revelação esperada e assume a aproximação até que chega a luminosidade da notícia de uma mulher que leva o Sr. José e o leitor para fora do Registo, talvez com a esperança de sair do labirinto. Deve dizer-se que, se a metáfora do mundo é a Conservatória, o labirinto é a metáfora da vida. Talvez essa mulher que chama o Sr. José a partir da própria substância de um papel amarelado seja Ariadne, oferecendo o fio redentor.

O labirinto interior está separado do exterior pela pele, mas Valery escreveu que o mais profundo no homem é a pele. O Sr. José, o próprio Saramago, pensa que não tomamos decisões, mas que são as decisões que nos tomam. Encontramos aqui a primeira presença de Beckett: «*Isto não é mexer-se, isto é ser mexido*». Nos seus percursos em busca da construção de uma

mulher real, o Sr. José está lá, descontraído, porque a indagação irá levá-lo à morte, dentro dos dois hemisférios separados da Conservatória do Registo Civil, o dos mortos e o dos vivos. O chefe, sabedor de todas as pequenas, angustiantes transgressões que o Sr. José teve de perpetrar, o ar a atravessar o subtil tabique que separa a vida da morte, propõe-lhe a contemplação dos dois universos como se fossem um só.

Numa patética cena quase final, a investigação leva-o a ouvir a voz da mulher procurada numa banal gravação de atendedor telefónico. O protagonista confessa ter ficado sem pensamentos e a voz da fita é a segunda evocação de Beckett, numa referência a *Knapps's Last Tape*. A vida está gravada, apenas gravada, e só tem sentido em torno dessa voz. Romance de intriga morosa, ao passo lento dum funcionário. Romance, literatura de amor, toda a de Saramago, por cima do sensorial e dos corpos concretos: trata-se de construir um mito emocional com a vagareza de um burocrata incapaz de assumir que a sua angústia se chama angústia.

«[...] a fama não é positiva em si mesma, [...] a fama não passa disso, de ser conhecido. [...] Porém, o que tem de ser muito claro é que há milhões de pessoas que não sabem quem nós somos. [...] O único ponto positivo que encontro nisto da fama, implica que eu chegue a um certo grau o qual, na realidade, apenas significa um maior reconhecimento público, o que me permite conhecer mais gente e não o contrário, que me tenha permitido ser mais conhecido. Tudo o que se relaciona com a minha actividade de escritor não me trouxe a fama no sentido material,

nem sequer vaidade, mas beneficia-me ao permitir que eu chegue mais perto das pessoas entre as quais eu sou famoso. [...] Creio que tomamos estas coisas demasiado a sério. [...] Estamos condenados a não ser nada, mais, estamos condenados a ser aquilo que fomos e o que fizemos, e vai acontecer o que sempre aconteceu, ou seja que tudo isso se vai perder no esquecimento, que tudo isso acaba séculos depois ou meia dúzia de anos depois por não ter nenhuma importância, ou quase nenhuma».

(Entrevista a Juan Cruz, in *El País*, 9 de Outubro de 1998)



Ou o leitor assume esse tempo vagaroso, identificação do tempo e do espaço embalsamados, ou não entrará no labirinto e na sua metáfora.

Deram o Nobel da Literatura a um grande escritor e a uma grande literatura que o mereciam. Porque a notícia não é só o prémio para Saramago, mas também porque pela primeira vez foi outorgado o Nobel a um escritor da língua portuguesa, apesar de Eça de Queiroz, de Torga ou de Jorge Amado.

A Ética como princípio criativo

Miguel García-Posada

In *El País*, 9 de Outubro de 1998.

SUPONHO QUE A FRASE QUE MAIS SE OU VIRÁ NESTES dias será a que diz que pela primeira vez o Nobel é concedido a um escritor de língua portuguesa. Mas este resumo noticioso ou mediático tem pouca relação com outras realidades mais profundas. Saramago é, sim, desde ontem, o primeiro Prémio Nobel de uma literatura que tem uma tradição magnífica, desde a lírica galaico-portuguesa medieval, passando por Luís de Camões e Gil Vicente, seguindo por Antero de Quental, Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, até chegar a Fernando Pessoa, sem esquecer os bons escritores que mais tarde nos deu a literatura portuguesa: Miguel Torga, Virgílio Ferreira, Fernando

Namora, José Cardoso Pires, António Lobo Antunes ou Agustina Bessa-Luís, mais ou menos contemporâneos de Saramago, ou o poeta Eugénio de Andrade, para já não referirmos a abundante e sugestiva nómina actual. Tudo isto sem esquecer a importante literatura brasileira, onde brilham nomes como os de Euclides da Cunha, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, os *poetas concretos*, encabeçados por Haroldo de Campos, mais João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Jorge Amado. De modo que a Academia sueca, o primeiro que faz com esta decisão, é descartar-se da defesa que implicava não reconhecer, na sua lista de galardoados, uma das indubitáveis literaturas do Ocidente.

Além disso, a obra de Saramago está perfeitamente divulgada em Espanha e o escritor, unido ao nosso país por diversos vínculos, incluindo o territorial, pela sua residência em Lanzarote, tornou a sua figura popular entre nós, onde algumas das suas obras alcançaram uma repercussão notável. A Academia não concedeu, desta vez, o seu prémio de literatura a um autor estrangeiro. «Pepe» Saramago é, em certo sentido, um dos nossos, embora seja, sobretudo, português.

O autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* foi um escritor tardio. Também Cervantes o foi. O seu verdadeiro debut como escritor aconteceu com *Manual de pintura e caligrafia* (1977), romance que já contém as suas ideias poéticas e éticas fundamentais, para depois se desenvolver numa expansão sistemática para diferentes, embora convergentes, núcleos de significação, que se baseiam todos numa cosmovisão comum: uma ética de esquerda, comprometida, de raiz marxista que, no entanto, nunca se anula nas insuficiências expressivas históricas de alguns discursos social-realistas. Dessa raiz ética deriva, em meu entender, um dos grandes vectores da obra de Saramago: a condição coral, colectiva, dos seus romances, que raras vezes se



encerram em esferas estritamente individuais. Até certo ponto, cabe dizer que Saramago é o último escritor comprometido, mas ninguém deve tomar esta frase como pauta jornalística. Comprometido, sim, com a história, com todos aqueles que a suportam, mas, em primeiro lugar, comprometido com a literatura.

Levantado do chão (1979) é o mais contundente dos seus romances de conteúdo social, e narra com mestria a história de uma família camponesa do Alentejo desde o início do século até à revolução dos anos setenta. *Memorial do Convento* (1982) projecta a crítica política e social para o passado, para o delírio cruel, ignorante e obscurantista do barroco português. Foi um êxito mundial, a que se seguiu um outro, também estrondoso, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), homenagem à grandiosa obra de Pessoa e a um dos seus heterónimos, que é, ao mesmo tempo, crónica da primeira Lisboa salazarista, com a paisagem de fundo da guerra civil espanhola.

Veio depois a declaração de iberismo de Saramago e a sua dissidência do rumo europeísta dos povos peninsulares com *A Jangada de Pedra* (1986), deliciosa em configurações e episódios, à margem do núcleo doutrinário. Esta etapa de revisão crítica da história culmina com *a História do cerco de Lisboa* (1990), concebida como uma emenda por parte da poesia da narração às mistificações da história. Abriu-se a seguir o que se pode chamar o ciclo alegórico de Saramago, que eleva as suas preocupações para níveis mais categóricos. A primeira obra deste ciclo foi *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, diatribe contra o totalitarismo cristão, a que se seguiram *Ensaio sobre a cegueira*, fábula sobre a peste — peste da alienação, do individualismo — e *Todos os Nomes* (1997), incursão alucinante pelo mundo das burocracias funerárias e dura acusação contra o uniformismo do capitalismo pós-comunista.

O Amor Impossível

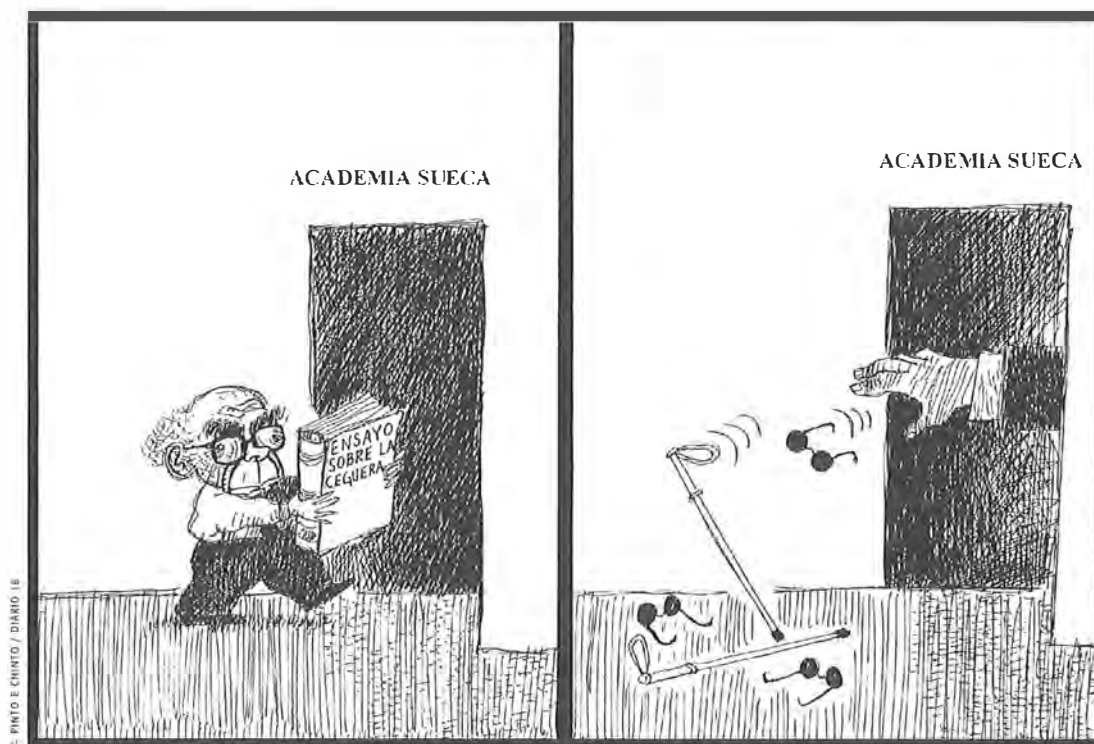
Juan Arias

In *El País*, 9 de Outubro de 1998

É PROVERBIAL O PESSIMISMO QUASE VISCERAL DE José Saramago. No entanto, durante as longas conversas que mantivemos há um ano na sua ilha de Lanzarote, ele afirmou que são os pessimistas que fazem maiores esforços na construção da sociedade. Saramago quis, paradoxalmente, que aquelas conversas se intitulassem *O amor possível*, porque, segundo ele, nos seus romances o amor é sempre possível. Os críticos também não acreditaram naquela centelha de optimismo do autor, tendo por um *lapsus* freudiano, na maioria dos casos e começando por este jornal, escrito *O amor impossível*, o que fez sorrir o escritor.

A sua mulher, Pilar del Río — Saramago diz ser a sua relação de amor com ela o melhor que lhe aconteceu na vida —, afirma que se o escritor fosse tão pessimista como diz, já teria atirado com a toalha. O que na verdade acontece é que o novo Nobel da Literatura é um escritor comprometido com o seu tempo e com o grito de desespero dos marginalizados. Daí que não compreenda um escritor que trabalhe encerrado na sua bola de cristal. Daí que ele continue a sentir-se e a proclamar-se comunista, porque afirma que o socialismo é, antes de mais, um movimento do espírito. Está convencido de que nem o capitalismo actual é capaz de resolver a miséria e a solidão do mundo, nem o socialismo esgotou todas as suas possibilidades de libertação.

Saramago, que por vezes parece duro e inabordável, encerrado em si mesmo, é uma personagem terna e vulnerável de quem a sua mulher



afirma que «*escreve para se fazer amar*». Saramago confessou que não vai escrever a sua autobiografia e, no entanto, na nossa conversa em Lanzarote, começou por dizer que «*vivemos para dizer quem somos*». Ele considera-se ateu e confidenciou-me que, se na hora da sua morte tivesse a debilidade de converter-se, como o fizeram outros grandes escritores e artistas, não seria ele, mas um outro. Porém, afirma polemicamente que não compreende «*como é que se fala tão pouco de Deus*», já que, em seu entender, foi a religião o que em boa parte condicionou as nossas vidas e as nossas consciências. Ateu convicto, escreveu um dos mais belos livros sobre Jesus Cristo. E teólogos da Libertação, como Leonardo Boff, adoram a sua afirmação de que «*Deus é o silêncio do universo e o homem é o grito que dá sentido a esse silêncio*».

29

Quando lhe perguntam se crê na felicidade, responde «*Eu costumo dizer que sou feliz. Mas falo assim para não ter que explicar que há mais alguma coisa para dizer, como que existe aquilo a que se chama serenidade e harmonia, o que talvez seja uma espécie de sabedoria*». E acrescenta: «*Quando digo que não tive ambições, que nunca desejei nada e que por isso agora posso dizer que tenho tudo, é porque me sinto em paz com tudo o que me rodeia: pessoas, coisas, animais, árvores, o céu, o mar*».

Saramago costuma avisar que não nos devemos esquecer que «*não existem derrotas nem vitórias definitivas*», porque as vitórias de hoje podem acabar em derrotas amanhã e, pelo contrário, os derrotados de hoje podem ser os triunfadores de amanhã.



O Ritmo Antigo

Enrique Vila-Matas

In *El País*, 9 de Outubro de 1998

É A PRIMEIRA VEZ QUE DÃO O NOBEL DA LITERATURA a um escritor que eu conheço pessoalmente. Suspeito que será a última vez que o dão a um escritor com quem eu subi a um farol.

Nunca tive a honra de subir 39 degraus em companhia de Hitchcock, mas subi, de uma vez, sem pausa, a um ritmo alucinante, 250 degraus com José Saramago. Isto aconteceu há uns anos, e foi na Costa da Morte, no farol de Cabo Villano, perto de Finisterre. Lembro-me de termos subido à gigantesca lâmpada através de uma escada de taipas, estreita e alta que, pelo lado de fora, tem a forma curva de uma serpente.

Subimos, Pilar del Río, Carmen Martín Gaité e eu, e aquilo que mais recorde da dura subida foi a minha descoberta da impressionante robustez física do grande escritor português, que subiu ao farol com um ritmo de campeão olímpico.

Tratando-se de um escritor tardio, podíamos construir uma metáfora comparando a fulminante ascensão literária de Saramago com aquela subida imparável ao farol do fim do mundo de Cabo Villano.

Em Fevereiro deste ano, Saramago passou por Barcelona e aí recordámos a ascensão. Lembro-me que, numa sala a abarrotar de público, Vázquez Montalbán referiu-se aos primeiros romances de Saramago — aqueles que cimanta-

ram a sua ascensão fulminante — dizendo que, por causa do costume de reduzir a obra de um grande autor a quatro lugares comuns, esses romances tinha acabado por se converter em sinais menores que tornavam falsamente reconhecível o escritor Saramago. «*Por isso*», disse Vázquez Montalbán, «*ao contrário daquilo que se pensa, José Saramago precisa de ser apresentado*».

Por isso, hoje, premiado com o Nobel, e apesar da sua grande popularidade entre os leitores espanhóis, precisa de certas apresentações (das quais já se encarregaram os especialistas), que não fazem mal à obra deste Nobel merecido, deste homem, comunista e sábio, entendendo-se por este último termo aquilo que Ricardo Reis, heterónimo de Pessoa, entendia como tal: «*Sábio é quem se contenta com o espectáculo do mundo*».

Embora eu seja um admirador do *Memorial do Convento* e de *Todos os Nomes*, o meu livro favorito de Saramago é *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, onde, com prosa compacta e alta poesia, meditou genialmente, através de um poeta e de uma cidade, acerca do sentido de toda uma época: uma sábia contemplação do espectáculo do mundo, concentrada na figura de Ricardo Reis, o poeta — talvez aldeão, como Saramago — que falava do ritmo antigo que há nos pés descalços e que bem poderia ser o ritmo enérgico do próprio Saramago no farol da Costa da Morte.



A Academia sueca reconheceu anteontem a voz deste autor singular como uma das grandes do nosso tempo.

(In *El Mundo*, 10 de Outubro de 1998)



Obrigado, Vaticano

Manuel Rivas

In *El País*, 10 de Outubro de 1998

MAIS UMA VEZ, A NOSSA AMANTÍSSIMA IGREJA vaticana não nos desilude e, para desconcerto da crítica laica, indecisa no necrotério onde se vela o romance, já que duvida se o defunto está a fingir, pois com duas admonições ela o ressuscita. Maldito Saramago! Ou seja, pecadores: leiam Saramago! Se o pobre homem é comunista, e além disso recalcitrante, para que nos vêm os do Nobel pôr-nos este incómodo argueiro no olho? Já anteriormente, em Portugal, um ministro beato, supostamente da Cultura, quis cortar as pernas a *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. A isto chama-se dar no cravo. A obra de Saramago transborda sensualidade. Quer dizer, é demasiado humana. Inclusivamente demasiado cristã.

Perante a ideia da literatura como um exercício escolástico ou pirotécnico, uma personagem do *Ulisses* de Joyce expõe na medida certa: o importante é a profundidade da vida começando pela que se escreve. A viagem literária de José Saramago vai nessa direcção de sonda. Num mundo de *peter pans* com medo de envelhecer, ele define-se como um escritor tardio, uma uva passa. Ironia. Antes da epifania narrativa de *Levantado do chão* (1980) há toda uma exploração sensorial e poética, uma biologia da alma onde se vão afivelando os sentidos externos e internos. O ouvido e a memória, o olhar e a imaginação, o cheiro e a melancolia. É em *Levantado do chão*, no solo do Alentejo, que germina este estilo singular, uma voz nova que parece ser tão natural como a recordação e a rebeldia no coração do homem. Sem se apegar à moda ou à tradi-

ção clónica, esta voz de Saramago foi adquirindo a áurea de um classicismo carnal, um palpitar indómito, a linguagem da dor e do gozo, que flui pelos interstícios do ruído e da fúria da engrenagem histórica. E esse é o selo de *Memorial do Convento* e de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Não seria lícito traçar uma linha divisória, por mais que fosse condescendente, entre a obra e as ideias que o autor defende sobre o mundo de hoje. No desvio histórico, a figura deste «comunista recalcitrante» na admoestação vaticana, tem o perfil honesto de um «resistente incondicional». A sua obra traça o caminho inverso ao da abstracção e o partido em que o escritor milita é o do indivíduo que não renuncia a sentir e a ver com a própria vista. É dessa progressiva profundidade de vida que nos falam *Ensaio sobre a cegueira* e o último *Todos os Nomes*.

Na realidade, não faz sentido perguntar quem foi primeiro, se o lutador ou o escritor. Uma vez apostada a cabeça, e tal como dizia Albert Camus, «*não é a luta que nos obriga a ser artistas, mas sim a arte que nos obriga a ser lutadores*».

Obrigado de novo ao perspicaz Vaticano por nos iluminar o caminho até à escada de incêndio.

Saramago

Manuel Vicent

In *El País*, 11 de Outubro de 1998

SEMPRE PENSEI QUE O PRÉMIO NOBEL DESMENTIA o princípio de Arquimedes: desloca muito mais do que pesa. Isto sucede também com muitos escritores, artistas e políticos. O seu volume social aumenta à medida que a sua própria densidade interior diminui. Por vezes este caso chega ao prodígio. Vi autores que a meio de uma conferência se convertiam paulatinamente num



globo que pendia da poltrona, elevava-se por cima da mesa e ao chegar ao tecto ficava preso, disputando a luz com a lâmpada, e daí continuava a falar sobre as cabeças de um público forçado a olhar para cima onde só havia uma bexiga de pato. Outras vezes, o princípio de Arquimedes quebra-se ao contrário. Há autores, artistas e políticos que pesam muito mais do que socialmente demonstram. Uma destas personagens é Saramago, o homem de Lanzarote, o português que habita entre a lava. Quando um raio cai muito perto, o trovão e a luz quase se sobrepoem. Assim recebi a notícia do Prémio Nobel para este admirável escritor. Sentimo-nos tão perto que é como se essa centelha de glória tivesse caído no pátio das traseiras de onde estamos a ler deslumbrados o seu *Ensaio sobre a cegueira*. Não tenho muita simpatia pela instituição do Nobel porque a sua detonação é demasiado expansiva, ruidosa e triunfal, como convém ao inventor da dinamite, e não se ajusta à estética da solidão, que é o alimento do verdadeiro criador. Por outro lado, o Nobel da Literatura estabeleceu-se como o culminar definitivo de um escritor, e a sensação de que alguém não o obtém é a de alguém que parou pelo caminho, sem fôlego para chegar à meta. O século XX deu três génios absolutos, Kafka, Proust e Joyce, que revolucionaram a literatura. Nenhum recebeu esse galardão. Deram-no a Churchill. A partir deste facto, cada ano se estabelece uma aposta: não tanto a que ignoto literato o darão, mas se ele será digno de o lermos. Este ano o Nobel terá tido sorte. Saramago está acima do prémio. É um escritor vertical. Além disso, é sabido que uma pessoa sábia recupera-se de um fracasso e que um idiota nunca se recupera de um êxito. Como Saramago é um sábio, sem dúvida suportará a glória com cepticismo e, depois de agradecer como um cavalheiro português, continuará a escrever obras-primas, a partir da solidão da lava.

Contra a Corrente



Luis García Montero

In *El Mundo*, 9 de Outubro de 1998

JOSÉ SARAMAGO É UM EXEMPLO, UM ESTILO digníssimo de vida e de literatura que nos mostra a possibilidade de navegar contra a corrente. A sua preocupação ética, o seu pessimismo solidário, a sua inteligência limpa, o seu gosto pela palavra exacta, a sua capacidade para contar e meditar ao mesmo tempo, navegam através dos livros com um rumo seguro. É o seu próprio rumo, a pegada dos passos peregrinos que correspondem ao caderno da bússola da sua consciência.



A sua palavra tem a qualidade do anti-congelante, de um remédio pessoal contra os vendavais do cinismo, as palavras que flutuam ocas, as frases que se desentendem do mundo, sem a preocupação de pensarem o que dizem ou de dizer o que pensam.

Quando alguém se atreve a nomear a miséria, a solidão, a cegueira ética, as evidências do poder, corre o perigo de ficar só, de passar por ingénuo ou por perturbador, por um sentimental sonâmbulo ou por um ideólogo visionário. Preferimos não interpretar, não ver, ouvir pouco os gritos que vêm da rua. Está na moda criticar os moralistas, definindo-os com desprezo como personagens «politicamente correctas».

Devemos agradecer a Saramago essa «intrépida e estranha vulgaridade» de ser um cidadão politicamente correcto quando o deve ser, e de jogar de maneira fértil com as incorrecções da verdadeira rebeldia. Mostra-nos que o compromisso político não é incompatível com a imaginação livre, com as exigências criativas da literatura. Walter Benjamin explicou que os poetas e os romancistas são produtores tecnicamente vinculados ao seu trabalho. O compromisso de Saramago supõe forçosamente uma ética literária, um modo de pensar em escrita. Com as suas descrições minuciosas e os seus labirintos interiores, com a sua dignidade de cipreste cansado e de antigo resistente, com a sua proximidade de companheiro de viagem, Saramago significa o respeito pela palavra, a autoridade da literatura.

O exemplo de Saramago lembra-nos que a utilidade dos livros não depende nem dos êxitos de vendas nem dos elitismos fechados, essa velha pedantaria ensimesmada que se quer impor de novo na sociedade cultural espanhola. A literatura é útil quando consegue compreender e contar, narrar o mundo, o fulgor e as sombras da condição humana.

Um Universo Ético

Basilio Losada

In *El Mundo*, 10 de Outubro de 1998

A CONCESSÃO DO PRÉMIO NOBEL A JOSÉ SARAMAGO vem reparar uma velha injustiça da Academia sueca para com Portugal e para com as literaturas de língua portuguesa. É uma homenagem merecida a uma personalidade relevante no campo da criação literária do nosso tempo e de certo modo também uma consciência ética desperta, eficaz e incómoda.

Diz-se que todo o grande escritor tem um mundo próprio e uma linguagem própria para o expressar. O mundo próprio de Saramago arranca de raízes muito profundas na sua terra natal, do Ribatejo. Recomendo a quem faça agora uma aproximação pela primeira vez à obra de Saramago, que leia as suas crónicas recolhidas em dois volumes publicados em castelhano: *Deste mundo e do outro* (1985) e *A Bagagem do viajante* (1983).

Nesses livros encontra-se a pré-história de um grande escritor, um mundo rural, economicamente muito precário, mas pleno de esperança e solidariedade. Este é o mundo de Saramago e por isso, para ele, o marxismo, mais do que uma ideologia política, é um humanismo de raiz quase religiosa, embora isso soe a paradoxo num homem que se declara agnóstico e que vive como um ateu.

Na obra de Saramago, em todos os seus romances, a mulher tem um papel relevante, talvez porque no mundo dos pobres a mulher se vê obrigada a cultivar dia a dia as virtudes de um heroísmo anónimo que não lhe é reconhecido. Em todos os romances de Saramago, a protagonista tem mais valor do que o protagonista. Mulheres sonhadoras e realistas, sacrificadas, capazes de



Pontua Saramago a sua ária, procurando o efeito do ritmo e as pausas, como quem compõe uma música. E ao lermo-lo, ouvimo-la. O mesmo que nós podemos dizer de Pla. Ambos pertencem a uma classe de escritores, digamos, para quem o importante não é o artifício, mas a naturalidade com que a palavra escrita reflecte a palavra viva. E nos quais, mais importante do que o génio é o humus popular que as suporta. [...]. A Academia sueca continua a sublinhar que as letras são o melhor antídoto contra o pensamento único. O Nobel para Saramago e as suas parábolas narrativas são uma vitória extraordinária da cultura, enquanto reflexão sobre a cultura como diversão ou como simples entretenimento.

(Oriol Pi de Cabanes, in *La Vanguardia*, 15 de Outubro de 1998)

um amor que é o que o amor essencialmente deve ser: generoso. A mulher, na casa do pobre, é a consciência aberta da dignidade.

Um tema interessante para os dias de hoje seria a desconfiança de Saramago em relação à Europa dos tecnocratas. Um romance, *A Jangada de Pedra*, é o testemunho desta desconfiança perante uma Europa na qual realmente não sabemos qual é o papel reservado a nós, países do sul. Talvez o de porteiros, o de operários agrícolas, o de criados de quarto.

Escritor de uma fina consciência ética, a grandeza da sua obra mede-se pela vileza dos seus ini-

migos. Hoje mesmo, algumas instituições expunhamas suas reservas perante a obra de um escritor comunista e ateu. Quem sabe não entendam que, por baixo deste aparente ateísmo, esconde-se uma fome de justiça que é a essência da religião, e por baixo do seu marxismo militante esta mesma ânsia de justiça quer encontrar caminhos de eficácia.

Basílio Losada é catedrático de Literatura galaico-portuguesa na Universidade Central de Barcelona e tradutor de várias obras de Saramago.

Saramago é pois um autor total, o escritor que se foi encontrando nos anos sombrios da ditadura salazarista e se encontrou na dor dos que sofrem e na raiva dos oprimidos, mas também na paixão luminosa dos que amam e se reflectem nos seus semelhante. Porque a vontade de se dar, de oferecer o mais íntimo em forma de linguagem escrita, é a maior redenção da sociedade. Por isso a sua voz predica a desordem vital frente ao aniquilamento da morte. Subversivo contra todas as opressões, é também nostálgico do afecto benéfico da solidariedade.

E, dando-se, entrega-nos o seu precioso tesouro: racionalizar a razão, regressar à filosofia, reduzir a distância entre «os que sabem e os que não sabem», lutar contra tudo o que nos separa, resolver as contradições das religiões e da cultura com entrega amorosa. Dar-nos, enfim, um nome. Humanidade. O que sempre tivemos.

(Ignacio Merino, in *El Mundo*, 10 de Outubro de 1998)



ITÁLIA



José, o meu «herdeiro»

Dario Fo

In *Corriere della Sera*, 9 de Outubro de 1998

GANHOU JOSÉ SARAMAGO E ESTOU CONTENTE POR o meu «herdeiro» ser um homem de esquerda e, sobretudo, um verdadeiro democrata. Um escritor que abordou a relação entre religião e colectividade com uma coragem extraordinária. O seu *Evangelho segundo Jesus Cristo* baseia-se na tradição popular e conta a história de Cristo do ponto de vista da gente comum. Esta característica converte-o numa personagem que tem muitas afinidades comigo.

Passo pois, feliz, o testemunho, após doze meses nos quais me vi obrigado a actuar com um

ímpeto maior do que aquele que vinha a exercer até então... e que já não era pequeno. Em qualquer caso, tenho de dizer que o meu primeiro ano de Nobel se concluiu com alguns êxitos. Dois em particular. Em primeiro lugar, o caso Sofri. O espectáculo teatral serviu para informar as pessoas acerca dos truques e das incorrecções do processo e chamou a atenção de muitos jovens que apenas tinham alguma informação sobre o tema. E já vimos o primeiro resultado. O segundo êxito é relacionado com a decisão de entregar o prémio para ajudar as pessoas carentes. Nesta empresa, somos ajudados por companhias automobilísticas, pelo Banco Popular de Milão, pela Telecom e pelos Caminhos de Ferro do Estado, que vão pôr à nossa disposição um comboio com quatro vagões para fazer uma exposição itinerante dos meus quadros. Nos próximos dias vamos distribuir carrinhos de bebé e computadores. O maior mérito é para Franca, que se dedicou a fundo a esta empresa. Estes são os factos mais importantes do meu primeiro ano como Nobel. O resto é mera decoração.



© TULLIO PERICOLI / LA REPUBBLICA



O Nobel desembarca em Portugal

Luciana Stegagno-Picchio
In *La Repubblica*, 9 de Outubro de 1998

ATÉ QUE ENFIM! AS EXPRESSÕES DE JÚBILO E DE alívio correm, cruzam-se de uma margem à outra do Atlântico, entre Portugal e o Brasil, invadem as ilhas, Madeira, Porto Santo, Açores, Cabo Verde, pedaços de uma mítica Atlântida que hoje fala português. Estas felicitações entrelaçadas chegam a roçar a costa de uma África agora independente, mas sempre lusófona, embora com variantes crioulas, de Angola à Guiné-Bissau, até S. Tomé e Príncipe. Depois com um salto, tocam Moçambique no Oceano Índico e aproximam-se daquelas zonas de uma Ásia que, se já não é lusófona, conserva, num substrato cheio de tradições linguísticas e culturais, a memória de uma antiga presença. E chegam a comover finalmente a Galiza, região de uma Espanha hoje orgulhosa do seu plurilinguismo, em que o galego se conjuga estreitamente com o falar do Alto Minho. Um prémio para a língua portuguesa.

O português José Saramago venceu pessoalmente e de pleno direito o Nobel. Mas sarou também uma ferida que existia há quase um século: de facto, o prémio nunca tinha sido conferido a um autor deste bloco linguístico de mais de 200 milhões de habitantes, fosse ele português, brasileiro ou africano. E, no entanto, o universo lusófono orgulha-se de grandes tradições literárias, tanto em Portugal como no Brasil e

conta com uma nova e impetuosa tradição de escritores africanos de expressão portuguesa. Esperávamos há muito tempo este momento. Esperámo-lo um dia para o velho rapsodo Jorge Amado e para poetas de elite como João Cabral de Melo e Neto. Mas sobretudo para um escritor como ele, José Saramago, que há anos víamos como o candidato mais justo, mais prestigiado, mais nosso: e por quem sofríamos todos os Outubros, como quem espera confiante mas angustiado a chegada da sua mala na passadeira rolante do aeroporto, sem a ver aparecer. A sensação agridoce do ano passado, para nós, italianos, quando Dario Fo bateu sobre a meta o próprio José Saramago, tinha-nos deixado uma grande margem de esperança. A história do Nobel ensinou-nos pelo menos, como já nos tempos do prémio a Octavio Paz, a jogar com as probabilidades.

Apesar do seu corpo impetuoso e longilíneo de adolescente, e o sorriso de quem aos 76 anos pensa num futuro laborioso e sereno junto a Pilar, a jovem mulher espanhola que o acompanhará a Estocolmo, mostrando ao mundo como pode ser belo um casal de intelectuais, Saramago, na sua longa vida teve, como toda a gente, alegrias e desilusões. Sobretudo no seu país.





Comunista militante, nunca faccioso, sempre crítico, nunca trãnsfuga, teve que esperar pelo fim do salazarismo e pela revolução dos cravos, em Abril de 1974, para poder ascender de pleno direito à cena literária portuguesa e internacional. E foi imediatamente um sucesso, como se, à sombra da expectativa, tivesse afinado os seus instrumentos. Veio primeiro a poesia, com *Os Poemas Possíveis* (1966) e *Provavelmente Alegria* (1971) que, com o passar dos anos, revelam hoje toda a sua carga humana e profética: «*Só Direi / Crispadamente recolhido e mudo, / que quem se calar quanto me calei / não poderá morrer sem dizer tudo*» («Poema à boca fechada», in *Poemas Possíveis*). Depois apareceram as primeiras recolhas de crónicas: *Deste mundo e do outro* (1971), *A Bagagem do viajante* (1974), ensaios de escrita que contêm já em esboço todos os recursos da futura narrativa. Seguidamente o teatro (a começar por *A Noite*, 1979), que nos parece hoje em dia uma obra de um escritor «diferente», discursivo, referencial e polémico, tanto a sua invenção criativa é agora misteriosa, alusiva, poética. A justificação do Nobel fala de um José Saramago «*que com parábolas cheias de imaginação, compaixão e ironia, torna constantemente compreensível uma realidade fugaz*». É esta, talvez, a melhor definição de uma obra que, não obstante a inserção minuciosa numa época e num quadro ideológico, (a Lisboa inquisitorial de inícios de Setecentos, a Lisboa das origens, ainda dividida entre mouros e cristãos, os anos do franquismo e o seu contágio ao Portugal salazarista, a Palestina de uma Vida de Jesus na perspectiva do Homem), não surge nunca como a mera revisitação do facto histórico, mas sim como a sua parábola, como pretexto para a interpretação de um *agora* que filtra o passado com a estranheza do *depois*.

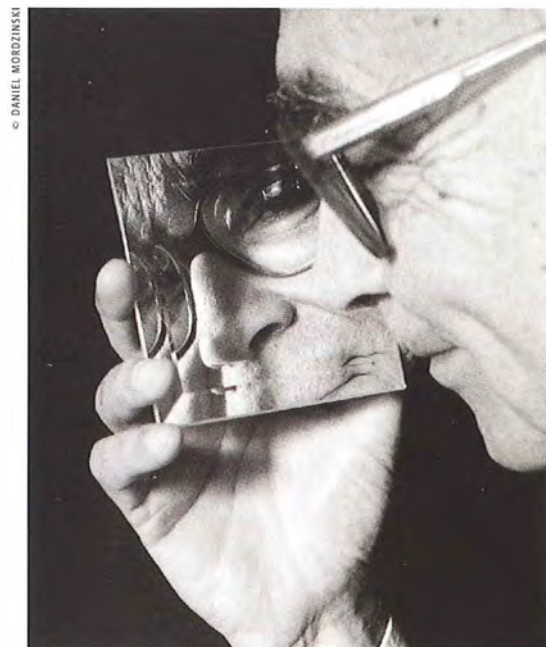
O novo Saramago, um intelectual em plena maturidade que viveu desde sempre em Lisboa, mas que, fora um pequeno círculo de amigos de

trabalho e de tertúlia, poucos conhecem, irrompe de surpresa na cena literária portuguesa em 1980 com um romance singular que o coloca imediatamente na primeira linha entre os narradores nacionais. E é nesse *Levantado do chão*, traduzido em Itália com o título *Una terra chiamata Alentejo*, que aparece, pela primeira vez, numa saga camponesa aparentemente de sabor ainda realista, o seu originalíssimo cunho estilístico. O «discurso oral» de Saramago, as suas páginas densamente povoadas de signos, sem maiúsculas nem pontuação, era, de facto, capaz de sugerir poeticamente, a partir da sonoridade das palavras mais que das suas letras, uma história nacional e individual: as vicissitudes de três gerações de camponeses do Alentejo, que, através da luta de classes, levantando-se do chão, assumem a posição vertical ao reconhecerem-se homens, e surgem como protagonistas de uma história que fora, até então, apanágio dos seus patrões.

A fama internacional virá logo depois, em 1984, com o *Memorial do Convento* que permanece ainda hoje o seu romance mais famoso e do qual partirá para uma viagem de escrita, para uma aventura narrativa que fará dele um escritor sem limitações regionais: um dos mais significativos narradores do nosso tempo. O *Memorial* conta a história da construção do Convento e da Igreja de Mafra, durante as primeiras décadas de Setecentos, erguido com extraordinária magnificência nos arredores de Lisboa, pelo querer

A palavra como uma arma, desde os dias difíceis do salazarismo até à descoberta da literatura, através do jornalismo. José Saramago libertou a narrativa portuguesa dos complexos precedentes e dá o impulso à geração pós-revolucionária.

(In *L'Unità*)



do monarca absoluto D. João V. Romance histórico, pela minuciosa descrição da sociedade portuguesa, cortesã e popular, de inícios do século XVIII, pela sumptuosidade bárbara dos autos-de-fé promovidos por uma Inquisição ainda toda-poderosa, *Memorial do Convento* torna-se também um romance social, pela evocação daquela massa de operários braçais e de canteiros que eram parte constituinte dos materiais de construção da época. Mas transforma-se em romance de realismo fantástico pela invenção das personagens, antes de mais de Blimunda, filha de marrana de olhos claros e de belo nome germânico, que, não por acaso, um músico como Aldo Corghi escolherá para protagonista da sua recriação musical.

A partir deste momento, a inspiração de Saramago torna-se premente. *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) passa-se numa Lisboa atingida pela vizinha guerra de Espanha; a permanência na cidade de um heterónimo de Fernando Pessoa, que sobrevive um ano à morte

do poeta, é talvez a homenagem mais comovente à memória daquele que é hoje considerado o maior poeta do Portugal moderno. Assim como *A Jangada de Pedra* (1987) representa a saborosa e polémica profissão de fé anti-europeísta do português Saramago, a *História do cerco de Lisboa* (1989) é uma feliz correcção da história, em nome da liberdade de interpretação.

Mas o Saramago que nos está mais próximo, para nós mais universal é, sem dúvida, o último. Aquele que, com o sofrido e humaníssimo *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) suportou a incompreensão pátria, escolhendo então o caminho do exílio em Lanzarote, nas ilhas Canárias. E ainda o que, depois do afastamento voluntário de Portugal e da sua «realidade sonora», com a consequente imersão num universo de língua espanhola, todos havíamos temido uma redução da sensibilidade «auditiva»: indispensável, parecia-nos, à criação daquela «literatura oral» na qual se tinha materializado, até então, a sua invenção poética.

Mas Saramago viu mais longe que nós. E com as projecções brancas do seu romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), primeiro, e depois com *Todos os Nomes* (1997), recentemente editado também em tradução italiana, soube mergulhar-nos numa atmosfera de pesadelo e de sonho que a *praxis* académica sugeriu que se definisse como kafkiana; serão estas as características que no futuro a ele ficarão mais ligadas, a sua fantasia, a sua humanidade, a sua capacidade de «ver» e, para além naturalmente de «ouvir», a sua peculiaríssima recriação «auditiva» da realidade circundante. Saramago gosta da Itália, onde tem muitos amigos, onde as suas obras foram primeiro traduzidas, onde recebeu os primeiros prémios literários. E para nós este Prémio Nobel, longamente anunciado e finalmente atribuído, é como se fosse um prémio para um criador nosso.



FRANÇA

Aquele que canta Portugal e os seus Mitos

Gérard de Cortanze

In *Le Figaro*, 9 de Outubro de 1998

CERTOS AUTORES MERGULHAM MUITO CEDO NA espessa floresta da criação literária. Outros, pelo contrário, esperam. Jean Marie Gustave Le Clézio diz do livro que ele é o fruto que deve amadurecer longamente, como se a vida, com as suas voltas e reveses, tivesse a obrigação de o alimentar. José Saramago [...] entrou, como se costuma dizer, «tarde» na literatura [...].

Autor de vários livros de poesia, de contos, de crónicas, de peças de teatro, é sobretudo conhecido em França pela sua obra romanesca. Descobrimo-lo em 1987, graças a Anne-Marie Métaillé que dirigia então a secção portuguesa das edições Albin Michel. *Memorial do Convento* é um livro poderoso, feroz. Este romance era na verdade o seu décimo sétimo livro. Tudo quanto faz a força da sua obra é visível nesta narrativa épica, que mais não é do que uma descrição minuciosa e barroca da Lisboa do século

XVIII, pouco antes desta ser destruída pelo famoso e terrível tremor de terra de 1 de Novembro de 1755. Voltaire fez do acontecimento, como se sabe, uma descrição terrível no *Candide*. José Saramago escolheu um ponto de vista diferente.

Cantando a Lisboa de D. José I, «princesa das cidades do mundo, diante da qual se apaga o mar profundo», para citar as palavras de Camões, ele faz obra de historiador perplexo e céptico. Evoca as feiticeiras e a Inquisição, os escravos e as epidemias, a alquimia e os rituais da corte. No centro do romance, o imenso palácio-convento de Mafra, construído por soberanos portugueses preocupados em rivalizar com o poder espanhol, e que só albergou vento e morte. Já terão compreendido que, como todos os grandes escritores, José Saramago fixa como balizas literárias nada menos do que o universo. Lisboa é o mundo; Mafra, o que a loucura dos homens aí instalou; o tremor de terra, o sinal de que uma justiça divina é sempre possível. O romancista inventa a História, não é sua testemunha, mas participante activo.

Uma literatura do excesso

A literatura portuguesa contemporânea é rica e plural. Se Lúcia Jorge prefere narrar o povo, a terra, a cidade e a sua nostalgia, se Lobo Antunes parece fascinado pelo passado político e pela descolonização ligada à guerra de Angola, Saramago propõe uma terceira via, a meu ver mais rica, mais complexa, mais audaciosa. Assim, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, ele ataca o mito lusitano por excelência: o intocável Fernando Pessoa, pelo menos na pessoa do seu «heterónimo» Ricardo Reis, o latinista meio-helenista, médico monárquico, adepto de um «néo-paganismo indisciplinado». Enxertando uma ficção noutra ficção — a personagem criada por Pessoa não existe —, José Saramago lembra que a literatura é talvez um dos meios esco-



lhidos pela mentira para se atingir a verdade. O que constitui um dos temas principais de uma obra vasta e variada.

Contrariamente a vários escritores franceses que se comprazem na introspecção do ínfimo, do quotidiano, do quase nada, José Saramago pratica uma literatura do excesso, da desmesura, da expansão. As personagens nele têm sempre a ver com a História, os grandes caos temporais, a vida no que esta pode conter de ruído ou de inaudível. Tomemos como exemplo a *História do cerco de Lisboa*. Como ponto de partida, um erro voluntário de dactilografia. Um *sim* que se transforma num *não*, e o capricho de um historiador, contudo eminente, que se transforma em contra-verdade.

Raimundo Silva, o herói *malgré lui* da *História do cerco de Lisboa*, dá-nos a ler, sem ter disso consciência, mensagens que seria ingénuo não atribuir a José Saramago. Claro que ele não é seu porta-voz, mas como não estabelecer uma semelhança quando ele nos lembra que uma intrujice pode levar direitinho à paixão, ou que a História e a literatura fornecem ao pensamento excelentes materiais, ou que a intuição abre mais portas do que o intelectualismo.

Ao publicar, em 1993, o *Evangelho segundo Jesus Cristo*, não fez obra de iconoclasta. O seu Cristo, como o que aparece nas fachadas das igrejas e das janelas do século XVIII, pertence ao mundo e é portador de uma mensagem de esperança. Participando do debate voltairiano entre Deus, o Diabo e Jesus, Saramago propõe ao homem algumas vias de salvação, portas não de saída mas de entrada na vida. A sua rebelião é pois uma reflexão sobre o presente, sobre o lugar do homem que deixou de estar no centro do universo, como professava o Renascimento, mas que também não está perdido e à deriva, como defendia o barroco.

Em *A Jangada de Pedra*, José Saramago emite uma hipótese: a Península Ibérica, em



consequência de um cataclismo, desprende-se da Europa, vai bater nos Açores, antes de parar não se sabe onde para os lados de África. Por um lado, o romance pode ser lido como uma soberba história de amor (sentimento que é sem dúvida o único a poder salvar a humanidade). Do outro, uma imagem simbólica, uma estranha profecia, uma tomada de posição. Saramago, que efectua incursões profundas pelo passado, pela mitologia, pela história literária, pelas religiões, pelos saberes, deseja acima de tudo falar do presente e de um futuro próximo.

Identidade nova

É nesta óptica que é preciso situar a obra de Saramago, escritor português instalado na realidade do seu país. Nesta Europa, que sempre foi uma realidade «intranquila», ele propõe uma reflexão sobre Portugal em busca de uma nova identidade. Como grande escritor que é, transforma esta questão particular em problemática de interesse geral. A sua «mensagem» é muito clara: cuidado, a História anda mais depressa do que o pensamento.



Um Nobel indiscutível. José Saramago, uma obra barroca e subtil

Bruno Corty

In *Le Figaro*, 9 de Outubro de 1998

Ele é o primeiro escritor português a receber o Prémio

O Prémio Nobel de literatura 1998 foi atribuído ao autor português José Saramago. Com 75 anos (fará 76 a 18 de Novembro próximo), aquele que é considerado um dos mais importantes escritores portugueses e europeus é enfim coroado. Todos os anos, o seu nome figurava nas listas mais sérias dos escritores «nobelizáveis».

No ano passado, os meios literários de Estocolmo, nunca falhos de ideias, tinham imaginado uma taluda Saramago-Lobo Antunes. No fim de contas, os jurados suecos puseram toda a gente de acordo ao contemplarem o dramaturgo e actor italiano autoproclamado bobo da corte, Dario Fo. Uma decisão que surpreendeu e consternou uma boa parte dos apaixonados da literatura, desgastando uma vez mais a reputação do Nobel. Ao escolher José Saramago, os jurados suecos recompensam um verdadeiro e consequente escritor.

Por ter «graças às suas parábolas alicerçadas na imaginação, na compaixão e na ironia, tornado de novo tangível uma realidade fugidia», este filho de camponeses modestos, titular de um diploma de serralheiro, e que foi também mecânico, funcionário público, jornalista e tradutor, irá receber no próximo dia 10 de Dezembro em Estocolmo, das mãos do rei Carlos XVI Gustavo da Suécia, um cheque de 7,6 milhões de coroas suecas, ou seja um pouco mais do que cinco milhões de francos. Um bom pé de meia para quem teve que abandonar muito cedo os estudos a fim de entrar na vida activa.

Por falta de confiança nas suas capacidades, este francófilo declarado, leitor apaixonado dos historiadores Fernand Braudel, Jacques Le Goff e Georges Duby, levará muito tempo para dar a conhecer uma obra poética, romanesca e teatral cujo principal protagonista é Portugal. É de facto preciso esperar pelo início dos anos 80 para ver Saramago ter um verdadeiro êxito com o romance *Memorial do Convento* seguido de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Para a Academia sueca, este romance, situado na Lisboa de 1936, então sob regime autoritário, «está mergulhado numa atmosfera de irreabilidade habilmente evocada». Saramago faz reviver a personagem de Pessoa e fá-lo encontrar o seu criador, com o qual discute horas a fio sobre as coisas da vida.

Membro do Partido Comunista português desde 1969, casado com uma Sevilhana muito católica, José Saramago teve alguns dissabores em 1992 aquando da publicação do romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Nesta leitura muito pessoal dos Evangelhos, o escritor mostra Jesus sob uma perspectiva pouco invejável. Uma polémica rebentou inicialmente no seu país, e depois no Parlamento europeu, quando o governo português, considerando que o livro era «um atentado ao património religioso português», o riscou de uma lista de candidatos portugueses aos prémios europeus de literatura. O facto não



diminuiu de modo algum a influência do escritor em Portugal, visto que ele recebeu em 1995 o Prémio Camões, considerado o prémio literário português mais importante.

Tomando conhecimento da notícia no automóvel que o levava do aeroporto à Feira de Frankfurt, José Saramago declarou-se «*não totalmente consciente*» do que lhe acontecia, antes de acrescentar «*não é uma surpresa total porque já há cinco ou seis anos que o meu nome circula*».

Por seu lado, o *Osservatore Romano*, órgão da imprensa do Vaticano, criticou a atribuição do Nobel ao escritor português: «*Saramago — escreve o Osservatore — permaneceu ideologicamente um comunista*» e a sua obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, publicada em 1992, demonstra uma «*visão substancialmente anti-religiosa*».

Saramago concede um prémio ao Nobel

Antoine de Gaudemar

In *Liberation*, 6 de Novembro de 1998

Premiado em 1998, o escritor português faz tenção de continuar a dizer o que pensa

É no próximo dia 10 de Dezembro que José Saramago irá receber oficialmente em Estocolmo o 95º prémio Nobel de literatura, acompanhado de um cheque de 7,6 milhões de coroas suecas (mais de 5 milhões de francos). Primeiro escritor de língua portuguesa a ser assim distinguido, José Saramago, de 75 anos de idade e que vive desde há alguns anos nas ilhas Canárias, acaba de efectuar uma *tournee* triunfal no seu país de origem. Uma consagração para este escritor tardio: praticamente mudo sob a ditadura salazarista, de que era um opositor declarado, explodiu publicamente na cena portuguesa e internacional no princípio dos anos 80.

Baseado na história real ou mítica do seu país, os seus romances, de uma arquitectura complexa e de uma ironia voltairiana, testemunha a todos uma riqueza de invenção que levou à adesão dos jurados suecos. De passagem por Paris por dois dias (é convidado desta noite na emissão de Bernard Pivot *Bouillon de Culture*), evoca a sua nova popularidade e os seus deveres de que, segundo ele, é responsável.

© DANIEL MOROZINSKI





vazio. Pensei: finalmente, as grandes coisas não passam de pequenas coisas.

Logo a seguir, você diz ter sentido um «sentimento patriótico»

Sim, utilizei essa palavra. Mas sabia que Portugal inteiro estava contente. O Nobel tinha enfim pousado na nossa terra. Podemos sempre dizer que o patriotismo é uma noção passada, desvalorizada, mas há ocasiões em que a palavra volta quase ao estado puro, sem todos os aspectos suspeitos e mesmo sujos que a contaminam frequentemente.

Não é incrível ter sido necessário esperar tanto tempo para ver a língua portuguesa recompensada?

Sim, é incrível. É por essa razão que muitos portugueses e brasileiros disseram que foi feita finalmente justiça. Alguns teriam preferido que tivesse sido um poeta, porque a poesia é a essência da língua portuguesa. É verdade, mas o destino é cego. A reacção foi quase unânime, e o meu amigo Jorge Amado, que teria grandemente merecido este prémio desde há muito tempo, foi muito generoso para comigo. Ao regressar, fiquei admirado pela força do sentimento popular. Em Lisboa, Évora, Coimbra, Porto, abraçavam-me, não só para felicitar-me, mas para me agradecer. Estava muito emocionado.

Este prémio dá-lhe alguma responsabilidade particular?

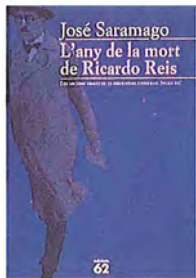
Vou tornar-me mais visível e mais audível. E como tenho o hábito de dizer o que penso, vou continuar, de maneira responsável. Sinto um dever moral, mas não de sermonear. Este mundo é uma catástrofe. Milhões de pessoas a morrerem de fome e outros a enviarem *robots* para Marte. É terrível porque acabamos por dizer que é mais fácil ir a outro planeta que em direcção ao nosso semelhante. Isso não tem sentido. Estamos pres-

Um mês depois do Nobel, como se sente?

Ainda um pouco atordoado. Um pouco como se estivesse cortado em dois. Por um lado, sei que o que me está a acontecer é real, por outro lado ainda não tomei consciência disso. Quanto ao dinheiro, uma quantia considerável, não penso. Pensamos sempre que um escritor tem de ser pobre, mas perguntamos raramente a um futebolista o que ele faz com o dinheiro. Se calhar é demasiado, se calhar o mito do Prémio chegaria.

Como soube da notícia?

Estava no aeroporto de Frankfurt. Vinha da Feira do Livro e ia para casa. O meu editor tinha-me pedido para esperar pelos resultados. O meu avião partia mais ou menos à hora da proclamação. Mesmo antes de embarcar, telefonei para a Feira e disseram-me que tinha ganho. Anulei a minha partida e vivi então um momento inesquecível: para sair do aeroporto, fui por um corredor deserto. Cerca de setenta a oitenta metros, intermináveis, ao longo dos quais fui tomado por um sentimento de solidão como nunca na minha vida. Estava como esmagado,



© DANIEL MORDZINSKY



tes a celebrar o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas isso são *fait divers*. Frequentemente sinto o mundo da literatura como um mundo à parte, enquanto que ao lado reina a crueldade, a miséria e a violência. Aceitamos tudo, sem revolta. Porque deixámos nós, como únicos mestres do mundo, os políticos e os especuladores? Onde ficou a palavra de ordem de 68, mudar a vida?

Não estaremos nós a assistir a um retorno de uma forma de intolerância?

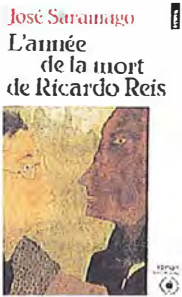
O pensamento único estende-se de diferentes formas. Pouco a pouco, fecham-nos num mundo uniforme. O outro tornou-se o inimigo, sobretudo num sistema como o nosso que fez do sucesso pessoal um valor. Claro, e ainda bem, que ainda há momentos de grande solidariedade. Chego de Espanha, onde vivo, e o país inteiro, até nas pequenas aldeias, está mobilizado.

Em que está a trabalhar neste momento?

Quando o tumulto do Nobel acabar, espero acabar o meu novo romance, *A Caverna*. É uma interpretação contemporânea do mito de Platão. Jamais a nossa situação foi tão semelhante à dos homens presos, acorrentados, e a olharem as sombras reflectidas na parede da caverna. Puseram-nos na caverna de Platão e nós temos de lá sair. Dou-me conta que, com este romance, fecho a trilogia iniciada com o *Ensaio sobre a cegueira*¹ e *Todos os Nomes*². Aparentemente, os temas dos três livros não têm nada em comum: no primeiro, é a cegueira da razão; no seguinte, é a procura do outro, e o último insiste sobre a imobilidade do espírito num mundo onde a única mobilidade é de ordem tecnológica. Mas no fundo, há algo comum: que maneira é esta de viver? O que estamos nós a fazer? Mas é se calhar uma reflexão do velho homem que já sou.

¹ Traduzido na Seuil com o título *Aveuglement*.

² A publicar pelo mesmo editor em 1999.



ALEMANHA

Um realista com a coragem para o fantástico

Albrecht Buschmann
in *Die Welt*, 9 de Outubro de 1998

Pela primeira vez um Português recebe esta distinção. José Saramago é agraciado com o Prémio Nobel da Literatura

Ensaio sobre a cegueira é o título de um dos romances de José Saramago. Se olharmos para o relacionamento entre a Academia Real Sueca e a literatura portuguesa, bem parece que Estocolmo sofre de cegueira. Até agora, nunca um português conseguiu ganhar esta distinção, nem sequer Fernando Pessoa, embora não devamos esquecer que ele só conseguiu o reconhecimento literário após a sua morte, nem Miguel Torga, o mestre do neo-realismo português.

Mais fortes eram as especulações nos últimos anos de que era a vez de um português, tanto mais que havia dois candidatos de reconhecido renome: António Lobo Antunes e José

Saramago. A Academia decidiu-se pelo mais velho e mais popular dos dois candidatos. Saramago tem 76 anos e publicou nos últimos 30 anos romances que tanto têm efeito junto do grande público, como também são literariamente versados. Pelo contrário, Lobo Antunes tem apenas 55 anos, o seu ajuste de contas com a mais recente história portuguesa provoca escândalos, são sucessos de folhetins mas não encontram eco no grande público.

Nascido de uma família de trabalhadores rurais, Saramago era ainda uma criança quando veio a Lisboa onde o seu pai trabalhava como polícia. O salário do pai não chegava para pagar o ensino superior. Saramago aprendeu o ofício de serralheiro mecânico, e passo a passo foi progredindo: para desenhador técnico, para empregado numa editora, para leitor numa editora. Nos anos 60, as suas primeiras críticas literárias são publicadas em revistas, o seu primeiro livro é um livro de poesia.

O seu dinheiro, ganha-o entretanto como redactor em diferentes jornais diários. Entretanto, na sequência da revolução dos cravos, em 1974, Saramago torna-se membro do Partido Comunista, e redactor chefe do *Diário de Notícias*. No entanto, apenas por um ano. Já com 52 anos decide trabalhar como escritor independente.

A sua marca passa a ser um estilo metafórico





com coragem para o fantástico, uma arte para inventar histórias sem nunca esquecer a responsabilidade social do escritor. Uma mistura, devido à qual tem sido comparado com autores latino-americanos e com o realismo mágico dos mesmos. O, até agora, mais alto agraciamento do romancista que só tardiamente sentiu a sua vocação, foi no ano transacto onde recebeu o Prémio Camões, o mais valioso prémio do mundo lusitano.

Em 1977 publicou-se em Portugal o seu *Manual de pintura e caligrafia* (em alemão em 1990), o romance com traços de autobiografia de um pintor que pinta por encomenda e que nos tempos perturbados da revolução dos cravos se transforma num escritor consciente de si mesmo. O carácter político da sua escrita vem ao lume no seu segundo romance, *Levantado do chão* (1980, em alemão em 1985). Com extensão épica, conta-nos a história da família dos trabalhadores agrícolas Mau-Tempo desde o princípio do século até à revolução de 1974, após a qual os subjugados trabalhadores rurais se têm «levantado do chão».

O grande êxito surgiu com o *Memorial do Convento* (1982, em alemão em 1988). Neste romance, Saramago mostra toda a sua capacidade de escritor. À volta da construção de um convento expõe uma crítica política (a megalomania do rei relacionada com os ditadores portugueses da época moderna) com uma arte de contar intemporal: níveis de tempos, vozes de figuras, mitos e modelos literários confluem num rio de histórias polifónico que, no entanto, ao contrário de outros autores denominados de pós-modernos, não se centra em si próprio, mas que continua a ser transmissível ao leitor médio.

Quando o Estado português, contrariamente à sua primeira intenção, não quis propor o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* para o Prémio Literário Europeu por suposto receio de ferir sentimentos religiosos, Saramago mudou-se para Lanzarote, onde vive até hoje.

Esteve na Alemanha, em 1997, quando Portugal foi o país-tema da Feira do Livro e levou com ele o romance *Ensaio sobre a cegueira* para sessões literárias, uma parábola onde o *Leitmotiv* da sua escrita, a visão, se tornava no ponto central. Conta-se aí como numa cidade alastra, de um momento para o outro, uma misteriosa epidemia de cegueira e como de repente todas as regras sociais ficam anuladas. Nos seus livros anteriores tinha sido esta a pergunta que, através do narrador, ele se punha constantemente e constantemente tinha posto em dúvida, e que agora passou a todos nós: o que fazemos quando deixamos de ver? A sua visão era a de um pessimista e a sua resposta era: o nosso comportamento volta a ser como o de animais selvagens. No fim do livro, os fantasmas acabam, mas a pergunta continua.

Quem muito espera tudo alcança. Depois de, durante vários anos, ter sido a notícia quente na lista dos entendidos, foi ontem distinguido com o Prémio Nobel da Literatura de 1998, o primeiro escritor português, o romancista de 75 anos, José Saramago. [...] Já no ano transacto quase todos os críticos de literatura estavam de acordo que simplesmente tinha chegado a vez do escritor português. O tema principal da Feira de Frankfurt foi Portugal, ter-se-ia ajustado tudo tão bem. No entanto, a escolha da Academia sueca recaiu sobre o italiano Dario Fo – uma escolha muito discutível. [...] Este ano a Academia sueca não tem críticas a recear [...].

(In *Handelsblatt*, 9 de Outubro de 1998)



Jangada das ficções José Saramago recebe o Prémio Nobel da Literatura

Christian Thomas

In *Frankfurter Rundschau*, 9 de Outubro de 1998

ONTEM, HOJE, AMANHÃ. TODO O PASSADO, E também o futuro atravessou, sempre de novo, o presente, carregado do misticismo, dos contos de José Saramago. É por isto que ainda há milagres na obra do escritor português. Agora, Saramago foi distinguido com o Prémio Nobel da Literatura. Ele, o romancista, desde sempre preso nas malhas da ficção que ele próprio teceu, sabia há anos que tinha conseguido uma

anotação nas agendas do júri de Estocolmo. Sendo assim: nova candidatura?

Que sorte! Nove livros de Saramago existem na língua alemã (todos da editora Rowohlt), oito novelas, um volume com contos. E não existe uma única obra em que na versão oficial da história não se tenha infiltrado o subversivo da ficção. Nenhuma em que o *Juste Milieu* da história oficiosa de Portugal não tenha sido minado por fábulas. Tudo começou com o romance (largamente ignorado pela crítica alemã) *Levantado do chão*, um conto maravilhosamente rico: uma crónica do mais pobre dos pobres. E assim continuou até ao ano passado quando, por altura da Feira do Livro de Frankfurt e devido ao facto de Portugal ser o tema principal da Feira, foi editado *Ensaio sobre a cegueira*: uma parábola assustadora sobre a razão cega debaixo do reino dos instintos.

Saramago, que é oriundo de uma família pobre de trabalhadores rurais, sendo um autor de esquerda que ainda hoje se denomina comunista, confronta o leitor com um pessimismo sem limites contra o qual se levanta sempre de novo um humanismo moral. Na sua obra isto

Roubaram definitivamente a auréola aos heróis de Portugal que, tal como Vasco da Gama e os navegadores, ajudaram a criar um império mundial. Começou uma nova era de as pessoas se auto-encontrarem, à qual José Saramago dá um contributo decisivo com a sua literatura. Ao mesmo tempo, o Prémio Nobel é uma distinção para a riqueza da literatura lusitana tantas vezes ignorada.

(In *Süddeutsche Zeitung*)



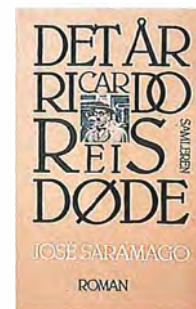
Saramago: «Escrevi o meu primeiro romance quando tinha 25 anos. A propósito, após ter sido considerado perdido durante muito tempo, e depois de ser encontrado, foi agora publicado. Decorridos 50 anos, não mudei uma vírgula. Naquela altura deixei de escrever porque pensei que não tinha nada de especial para dizer».

(In *Der Spiegel*)

acontece sob a forma de inúmeros milagres, mistérios sem fim. Quem fala? As vítimas, os agressores. Homens e mulheres, o autor — e o leitor escuta uma polifonia portuguesa. «Começa-se a contar uma história», assim podemos ler em *Levantado do chão*, «mas esta está a ser ultrapassada por outras». Saramago variou este credo criando sempre de novo uma densa textura de vozes, de episódios e derivações que o grande fabulista expõe num tom irónico que, mesmo sendo soberano, conhece muito bem o coquete e também os maneirismos. Quem lê Saramago, ouve uma voz poderosa como a de um órgão barroco, que abre todos os registos do sarcasmo e da compaixão. O cinismo revolta-se perante a impotência da razão. A tristeza manifesta-se perante a surdez dos sentimentos. As histórias de Saramago tocam-nos — maliciosas tanto em relação aos heróis como aos santos. Pois só aí reside a veracidade frente à história lusitana.

José Saramago que, ao lado de António Lobo Antunes, é o mais representativo escritor contemporâneo português e cujas obras foram traduzidas em 25 línguas, imaginou um cosmos literário onde não pode haver racionalismo sem mito, nem futuro sem razão. No entanto, o autor vê nisto tudo menos uma razão instrumental,

mas antes uma razão que se fundamenta no telúrico. Racionalismo e mito: ambos se encontram na linha de demarcação entre a tradição portuguesa e o modernismo europeu. De modo tão exemplar no seu romance *A Jangada de Pedra*, na qual a Península Ibérica se separa de um modo inexplicável do continente europeu, anda à deriva no Atlântico e, no entanto, é a convulsão teutónica que arrasta atrás de si as convulsões sociais. A jangada como foco de crises de repúdio moral: acerca deste mito moderno ironizou Saramago, nos finais dos anos oitenta: o mito da Europa unida; uma vez mais, escreveu uma história prolixa e, como sempre, à deriva pelo espaço e pelo tempo, enquanto as perspectivas da história mudam, permitindo ao idioma falado um sentido próprio que, uma vez mais, se revolta de modo subversivo contra-interpretação da historiografia oficial (como é também o caso de outros grandes portugueses como Lobo Antunes ou Cardoso Pires). As hipotecas morais do papão lusitano são uma carga. Assim se passa, por exemplo, em Mafra, que se transformou no símbolo do híbrido humano, um gigantesco edifício barroco, temporariamente jugo para 50 000 trabalhadores. Para várias gerações do país, este empreendimento louco do século XVIII representou um esforço mortífero. No seu romance *Memorial do Convento*, o leitor é confrontado com a ordem barroca como uma esquizofrenia transformada em pedra e é envolvido numa memória dos tempos em que os divertimentos eram bárbaros e as barbaridades eram festas. A transformação da história dá-se através das possibilidades da ficção: os romances de Saramago acreditam neste potencial e é neste potencial que se embriagam os seus episódios. Assim acontece também no romance *História do cerco de Lisboa*, onde a intervenção na história através da pena do corrector é intencional. Uma boa acção? Uma má acção? É neste golpe de mão que a fantasia obtém a sua vitória sobre os



supostos heroísmos dos cruzados medievais. «Onde conta o imaginário», diz-se algures, «tudo e qualquer coisa é fabricado pondo tudo constantemente em dúvida».

Pôr tudo em dúvida. É esta a atitude político-moral do autor e, ao mesmo tempo, a sua perspectiva literária sob a qual o realismo de Saramago tanto se revolta contra as continuidades da história portuguesa como também evidencia as suas rupturas. As feridas supuram, as cicatrizes não fecham. Atrozes são as dores fantasmagóricas de uma potência colonial, de uma potência mundial no início da era moderna, de uma ditadura no início da época moderna da história portuguesa. O que é o passado? Para Saramago uma tragédia das ilusões. A colonização dos corpos e das almas durante o feudalismo, depois ainda mais durante os anos do regime de Salazar: é disto que tratam as histórias expostas em excesso às imagens.

Causou estranheza que na sua última obra traduzida para alemão, *Ensaio sobre a cegueira*, este furor das imagens parecesse dominado, tanto mais que a visão de Saramago foi aquilo levada ao horror total. Todas as ilusões, todos os equívocos de que o autor tanto gosta, não estão aqui à mercê da anulação irónica. Assim sendo, esta visão apocalíptica, esta alegoria à cegueira da razão, na qual as sete personagens principais são mandadas para uma odisseia horrível, é simultaneamente uma odisseia moderna através da falta de dignidade. Através do assassinio, da violação, da chantagem e do roubo. Depois de uma epidemia de infâmia, o leitor vê-se confrontado — ironia arrepiante? — com um final sentimental, em que os cegos recuperam a sua visão e enfrentam um mundo por eles devastado, expostos agora a uma culpa sem culpa.

Viagem de horror ao futuro, expedição horrosa ao passado. Ontem, hoje, amanhã: com todo o seu realismo, com todo o seu empenhamento, o cosmos de Saramago é o território dos

grandes mistérios, dos verdadeiros milagres, que resistem à interpretação, à conclusão, à explicação. Também quando Ricardo Reis atravessa a obra de Saramago. Reis é algumas vezes protagonista como, por exemplo, no romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Aí é um homem abatido, um amante enxangue, seguramente um grande poeta. Mas um intelectual zé-ninguém. Ou então aparece, numa cena muito curta, num outro sítio da obra, em *Levantado do chão*, como eterno salvador da vida. Como o eterno estranho.

Em 1996, no dia em que foi atribuído o Prémio Nobel da Literatura, José Saramago tinha desligado o telefone na sua casa em Lanzarote. Demasiadas vezes nos últimos anos, amigos bem intencionados lhe tinham telefonado, dando-lhe uma notícia que acabaria por mostrar-se como sendo falsa. Agora, José Saramago recebeu a boa nova precisamente a caminho do aeroporto. Neste caso pode dizer-se: a ficção não conseguiu escapar ao seu destino.

Ganhou um pessimista numa jangada de pedra.

(In *Frankfurter Allgemeine*)

Foi um êxito tardio de um candidato permanente, um pessimista que faz da ironia a sua esperança.

(In *Stuttgarter Nachrichten*)

Finalmente o júri ousou tomar esta decisão louvável, que pode ser considerada uma distinção para a abertura da literatura portuguesa depois da época de Salazar.

(In *Neue Züricher Zeitung*)



HOLANDA

O Mundo é infinitamente cruel e sem engagement

Cees Zoon

In *De Volkskrant*, 9 de Outubro de 1998.

OS ESCRITORES NÃO EXISTEM PARA SALVAR O mundo, diz José Saramago, o escritor português que ganhou, ontem, o Prémio Nobel da Literatura. Contudo, não devem calar-se. Saramago é esquerdista «à antiga». Um comunista contra a corrente, que metralha todos com os seus ideais para um mundo melhor.

Falar de literatura não é com o vencedor do Prémio Nobel da Literatura. Prefere deixar isso aos outros, para ele poder elucidar os problemas do mundo «real», participar nos debates políticos e defender pontos de vista que já estão «fora de moda».

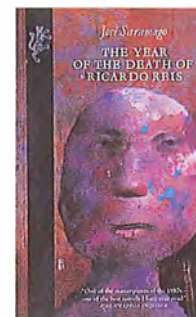
«Tenho cada vez menos vontade de falar de literatura», repetiu Saramago, por várias vezes, durante a conversa que tivemos há umas semanas. Aceitou falar sobre a filosofia por trás da sua obra, caracterizada, como ele diz, por uma «pre-ocupação humana, talvez até humanística», mas sempre que vê uma possibilidade de mudar o assunto da conversa para, vá lá, a democracia



européia, a situação em África ou a crise da esquerda, não hesita um segundo.

Saramago vive longe do nosso mundo, na ilha espanhola de Lanzarote. Aqui, o escritor de 75 anos dedica-se de corpo e alma à literatura, cuja presença trespassa pela casa. Até o seu cãozinho se chama Camões, em memória do Homem português.

Esse isolamento, todavia, é só aparente. Mais do que uma torre de marfim, Lanzarote, para Saramago, é uma base de ataque, donde prepara os seus passeios para os mais variados palcos em todo o mundo. Palcos donde bombardeia o seu público com opiniões muito explícitas sobre a «situação no mundo», opiniões que nem sempre são bem recebidas.



Na semana passada, ainda perturbou um congresso meio adormecido de filosofia, em Espanha. Pelo espanto da assistência, não deixou pedra sobre pedra da imagem da conquista da América do Sul como encontro de culturas, tão cara aos pensadores ibero-americanos: a Europa, segundo Saramago, conquistou um lugar no novo continente através da violência, roubo e repressão.

José Saramago é de esquerda, ou melhor: é um comunista contra a corrente. Não pensa nem remotamente em desistir dos seus ideais de uma sociedade mais justa, mesmo se o pensamento comunista já foi deitado para o lixo e a propagação de ideias de esquerda já não é visto de bom grado.

«Se aceitássemos a hipótese de que já não há lugar para a esquerda», disse durante a nossa conversa, «o que é que então nos restaria? Para onde iria o mundo? Para uma crueldade sem fim, onde a única lógica seria a do dinheiro».

Dizem as más línguas que Saramago poderia ter ganhado o Prémio Nobel muito antes, se tivesse deixado de dar azo às suas ideias de esquerda. O escritor conhecia a história, que achou engraçada, e respondeu que não trocava as suas ideias «nem por todos os Prémios Nobel do mundo». Afinal, não precisou de fazê-lo: até um comunista civilizado pode ganhar um Prémio Nobel.

Durante a maior parte da sua vida, a ideia de ganhar qualquer prémio literário era completamente impensável. Só escreveu o seu primeiro romance, *Levantado do chão*, em 1979, quando tinha 57 anos. Nos anos seguintes, contudo, perturbou a «harmonia e ordem estabelecida do Portugal literário» com uma série de livros. «Nunca me perdoaram isso».

Saramago nasceu em 1922, numa família de camponeses pobres, que se mudaram para Lisboa poucos anos depois. As escassas finanças

não lhe permitiram estudar e o único diploma que obteve foi o de serralheiro mecânico; durante anos, trabalhou como funcionário público e numa agência de publicidade.

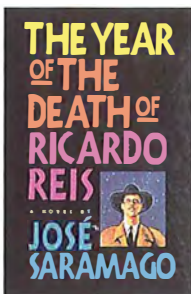
Em 1969, juntou-se ao Partido Comunista português. Depois da revolução dos cravos de 1974, que pôs fim à ditadura em Portugal, foi editor principal do jornal *Diário de Notícias*. Saramago foi despedido na sequência da contra-revolução, que também deixou marcas na comunicação social.

Em contrapartida, o despedimento salvou-o para a literatura. Desempregado, resolveu tentar a sua sorte na literatura. Nos anos quarenta, já tinha escrito um romance, mas não gostou do resultado. Depois disso, só tinha publicado dois livros de poesia.

O grande êxito começou com o *Memorial do Convento* (1982), um romance sobre o rei português D. João V (1689-1750), que mandou construir o maior convento do mundo. O estilo exuberante do livro e a mistura de ficção e factos históricos induziu os críticos a fazer comparações com o realismo mágico de Gabriel García Márquez.

Em 1985 publicou *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, um livro sobre Lisboa, vista por um dos heterónimos do grande poeta Fernando Pessoa. No romance *A Jangada de Pedra* (1986) o escritor imaginou literalmente a separação de Portugal e Espanha da Europa, uma imagem para evocar as imensas diferenças culturais de ambos os lados do Pirinéus.

Em 1991 apareceu *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, uma visão muito própria sobre a vida de Jesus, que causou grande agitação no Portugal católico. O livro foi nomeado para o Prémio Europeu da Literatura, mas o Secretário de Estado da Cultura retirou o livro pessoalmente da lista. Saramago ficou tão desgostado com este «regresso da Inquisição» que virou costas a Portugal e mudou-se para Lanzarote.



O *Ensaio Sobre a cegueira*, recentemente traduzido para holandês, é um romance que caracteriza bem tanto o lado humano como o escritor em Saramago («*Eu não faço distinção entre os dois; onde vai um, vai o outro*»). Neste livro, os homens perdem a vista um a um, e Saramago mostra como a luta cega pela sobrevivência os faz degenerar num ápice, transformando o mundo num lugar infernal.

Apesar do seu *engagement*, Saramago detesta os escritores que usam a literatura para fins panfletários. «*Não acredito que o escritor seja um engenheiro da alma, como afirmou Estaline: mais absurdo não há. Tampouco acredito que o escritor tenha de ser infiltrante da alma, como disse um dos slogans do Partido Comunista da China. Não sou nem engenheiro nem infiltrante. O Homem tem de construir a própria alma*».

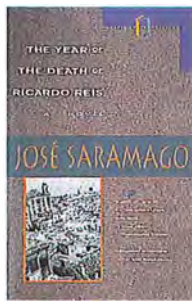
Os escritores não existem para salvar o mundo, diz Saramago. Mas não podem calar-se e aproveitam o facto de serem ouvidos, de lhes prestarem atenção.

«*Não faz sentido*», disse Saramago, «*se um escritor aparece num jornal para dizer quanto é bom, quanto bem é que escreve, quantos livros já escreveu, quanto bem dizem os críticos. É preciso dizer algo mais*».

Agora que ganhou, como primeiro escritor de língua portuguesa, o Prémio Nobel da Literatura, Saramago terá de conformar-se com a ideia que vai ser obrigado a falar justamente dessas coisas. Que vai ter de falar, contra a própria vontade, sobre literatura. Mas não deixará escapar nenhuma oportunidade para mudar de assunto e falar do seu tema preferido: por que razão o mundo vai mal e como podemos melhorá-lo.



© DANIEL WORDZINSKI



Dinamarca

Uma escolha nobre

Editorial

In *Berlingske Tidende*, 9 de Outubro de 1998

HÁ VINTE ANOS QUE JOSÉ SARAMAGO TEM VINDO a ser mencionado como um dos nomes preferidos para o Prémio Nobel da Literatura. Portanto, não se pode propriamente dizer que tenha sido uma surpresa a atribuição do prémio ao escritor português de 76 anos. Já tinha sido esperado no ano passado, mas um desacordo na Academia sueca causou a surpresa de o prémio ser atribuído ao dramaturgo Dario Fo em 1997.

Este ano a Academia evitou o compromisso e deu o prémio a José Saramago, que tem um tra-

balho de escritor abrangente e épico e que com o seu profundo humanismo também merece um prémio e, portanto, a atenção do mundo.

José Saramago é uma figura conhecida e os seus grandes romances estão traduzidos em muitas línguas, e também em dinamarquês. José Saramago é um escritor popular cujos livros, especialmente nos países de língua portuguesa, têm grandes edições mas que, em simultâneo, são controversos. Este ateu declarado, céptico, irónico e ex-comunista foi censurado em Portugal, em especial pela sua descrição de Cristo no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), que causou protestos. Esta situação fez com que José Saramago se exilasse em Lanzarote.

José Saramago afirmou, numa entrevista ao *Berlingske Tidende* em 1996, já não acreditar na ideia da Providência, quer na comunista quer na cristã. Saramago acredita no livre arbítrio das pessoas e na sua capacidade de diálogo. Todo o seu trabalho de escritor gira à volta desse tema, integrando-se, portanto, muito bem na maneira de pensar da civilização europeia. Parabéns.

Nobre – em dinamarquês escreve-se nobel, tal como Nobel (prémio).





Finlândia

Saramago no labirinto da história



In *Hufvudstadsbladet*, 9 de Outubro de 1998

O ROMANCE DO ANO PASSADO *Todos os Nomes* de José Saramago, recém-premiado com o Nobel da literatura, conta de um modesto funcionário preso nos labirintos de um enorme registo civil. A história decorre numa cidade que podia ser Lisboa, num tempo que podia ser o nosso. No meio de todo o pessoal, de todos os nomes, o funcionário é o único que tem um nome. Chama-se José, como o autor do livro.

Parábolas do nosso tempo

O senhor José do romance, na sua solidão, fica obcecado pela ideia de aprender a conhecer pelo menos um de todos os nomes no registo, o de uma mulher desconhecida. Para conseguir isso, o senhor José, até agora tão cumpridor das leis, viola as leis do registo e da sociedade. Abre porta sobre porta na direcção do desconhecido e proibido, acabando apenas por constatar que a mulher cometeu suicídio enquanto estava à procura dela.

Nada no mundo tem qualquer importância; o mundo está sem significado, verifica o senhor José no fim das suas andanças kafkanianas.

No romance *Ensaio sobre a cegueira*, de 1995, uma cidade é vítima de uma epidemia

mística que resulta finalmente em cegueira. As pessoas que vêem, isolam os cegos num reservatório, uma espécie de campo de concentração. O estado de sítio, o medo de ser contagiado, elimina as leis de um comportamento humano. Ambos os romances podem ser vistos como parábolas do nosso tempo, sendo simultaneamente eternos de um ponto de vista universal.

Durante vinte anos de uma intensa escrita de romances, José Saramago entrou assim na tradição kafkaniana do romance europeu. A questão é se não esteve lá todo o tempo, apesar de anteriormente ter sido comparado com o realismo mágico latino-americano, com Garcia Márquez e Alejo Carpentier.

Revolta e sensualidade

José Saramago viu-se reconhecido em 1980, quase aos 60 anos de idade, com o romance *Levantado do chão*, que descreve 70 anos da história de Portugal no século XX. Saramago, filho de camponeses, escreveu uma epopeia de camponeses, cuja verdadeiro herói é uma heroína. Maria Adelaide é de uma família de camponeses revolucionários e obstinados. Ela própria participa na revolução



dos cravos de 1974, que liberta o país do fascismo.

Também um romance anterior, *Manual de pintura e caligrafia*, decorre durante a revolução dos cravos. Os novos tempos encontram o casal de namorados do livro, em pé, a uma janela aberta ao romper do dia, embrulhado no mesmo lençol.

Esta cena transmite algo da maneira sensual e pouco convencional de Saramago ver a história do seu país — uma maneira de escrever que, em 1982, resultou no sucesso mundial *Memorial do Convento*, também um recorde de vendas. Também aqui, a figura principal é uma mulher, Blimunda, que, com o seu carácter de ter os pés solidamente na terra, conquista a vontade de Baltasar, temente a Deus.

Durante 15 anos, *Memorial do Convento* saiu em 24 edições só em português, facto que diz algo da proximidade que Saramago tem com o povo. Não é todavia um escritor fácil. Experimenta tanto as formas de romance como a sua linguagem. Mas Saramago pode e quer sempre contar uma boa história, e isso, sem dúvida, é a chave para o seu sucesso não só quanto aos críticos e académicos como também nos vastos círculos de leitores.

Além de *Memorial do Convento*, de *Ensaio sobre a cegueira* e de *Todos os Nomes*, há mais dois romances da rica produção de Saramago traduzidos em sueco. *História do cerco de Lisboa* decorre no tempo das cruzadas e descreve um episódio conhecido da luta dos portugueses contra os mouros. Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago escreve sobre a vida de Jesus e dá a Maria Madalena o papel de professora de Jesus.

«Mas tudo pode ser contado de uma outra maneira», é uma das réplicas chave em *Levantado do chão*, e isso também se transformou na chave para a visão de Saramago sobre a história.

Poeta, dramaturgo, jornalista

Aos olhos do mundo exterior, o autodidacta José Saramago subiu de repente para a cena literária a partir da abertura internacional nos inícios dos anos 80. No seu país, não era todavia totalmente desconhecido. A sua primeira produção abrange um romance debutante, publicado já em 1947. É também poeta e tem atrás dele uma carreira prestigiosa de jornalista. Para além de romances, escreve peças de teatro e dedica-se a uma actividade literária muito portuguesa; desde 1994, publica anualmente os seus *Cadernos de Lanzarote*, diários escritos na ilha de Lanzarote nas Canárias, onde actualmente reside.

Um Saramago feliz: «que prémio para o meu país»

O prosador português, José Saramago, encontrava-se no aeroporto, a caminho de casa depois da feira do livro em Frankfurt, quando ouviu ter sido premiado com o Nobel da literatura.

O seu editor disse-lhe para regressar à feira, onde foi recebido com um mar de rosas e exclamações alegres.



Saramago, há muitos anos um dos candidatos mais importantes ao prémio, é, antes de mais nada, um prosador a nível internacional, um poeta ligado à história mas simultaneamente aberto a experiências modernistas com a língua. Tornar continuamente uma realidade traiçoeira inteligível, motiva o prémio da Academia da Suécia.

Cinco do total de 26 livros de Saramago estão traduzidos em sueco. O último, *Todos os Nomes*, é tão recente que ainda não se encontra nas livrarias.

(In *Ulfjindstadsbladet*, 9 de Outubro de 1998)



«Pessoalmente, estou muito feliz. Sou feliz também pelo meu país», disse Saramago.

Saramago disse sentir uma particular responsabilidade como o primeiro premiado português com o Nobel da literatura.

«Para isso existe também um motivo patriótico», disse, e acrescentou que espera que a língua portuguesa seja agora uma língua mais lida.

Quando lhe foi perguntado por que motivo os seus livros eram tão importantes, respondeu: «Isso não me cabe a mim dizer. Cabe aos meus leitores».

Saramago foi traduzido em cerca de 20 línguas e é um dos escritores portugueses mais populares da actualidade.

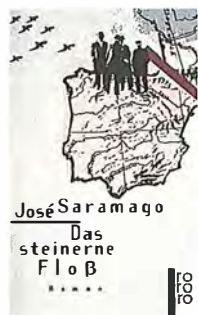
Depois de uma espera de décadas, Portugal teve o seu primeiro prémio Nobel da literatura.

[...]

O português é uma das grandes línguas mundiais. É mais falado no Brasil, que foi uma colónia portuguesa até à independência em 1822. O escritor brasileiro Jorge Amado, também dado como candidato ao prémio Nobel, e grande amigo de Saramago, disse que o prémio foi uma vitória tanto para a literatura portuguesa como para o próprio escritor: «se alguém merece o prémio Nobel é Saramago. Premiado Saramago, um dos mais significativos escritores da actualidade no mundo inteiro, o prémio Nobel reconhece os méritos da língua portuguesa», disse Amado.

© DANIEL MORDZINSKI





GRÉCIA

A José Saramago, primeiro Nobel de Literatura atribuído a Portugal

In *I Kathimerini*, 9 de Outubro de 1998

O Nobel demorou um século!
O autor português, José Saramago, aceitou o prémio com um prazer não dissimulado.

Cinco minutos antes de partir do aeroporto de Frankfurt para Espanha, José Saramago foi informado de que lhe fora atribuído o Prémio Nobel. O seu editor português insistiu para que voltasse à Exposição Internacional do Livro, onde as pessoas já manifestavam o seu entusiasmo. Quem diria que, com 75 anos, seria objecto de tantas câmaras de televisão, tantas quantas podiam encontrar-se numa cidade como Frankfurt. Uma multidão de fotógrafos, um mar agitado de jornalistas. Uma torre de Babel, e no centro, um senhor idoso, tímido, de fato cinzento, que a «única coisa que tinha feito» era ter ganho o Prémio Nobel de Literatura de 1998.

Saramago não devia, logicamente, ter sido apanhado de surpresa, porque, como ele pró-



prio disse, era candidato há muitos anos. «No princípio tinha esperanças, mas com o tempo desvaneceram-se. Parti de Frankfurt porque me sentiria humilhado se o prémio fosse atribuído a outro autor. E porque poderiam pensar que tinha ficado só para receber os aplausos». A artilharia pesada internacional da literatura portuguesa era desta vez uma personagem dos seus livros, um homem simples, que vê a sua vida derrubada pelo peso dos factos.

Os portugueses festejavam; «o azar já acabou» pareciam dizer por causa do primeiro Nobel para a literatura portuguesa. Com rosas vermelhas a acenarem entre as câmaras e os altifalantes, foi acolhido pelos «seus» e foi significativa a componente nacional nestes contraditórios tempos da globalização.

«A minha alegria é mais patriótica», foi uma das suas primeiras declarações, interrompida devido à multidão compacta. Bastante mais tarde, durante a conferência de imprensa, organizada com todas as formalidades alemãs, Saramago prosseguiu: «Demorou um século para o Nobel chegar a Portugal. Os autores portugueses trabalham duramente e havia outros que mais mereceriam receber o prémio. Espero que o mesmo ajude o meu país e o torne mais conhecido».



José Saramago: talvez o Nobel mais justo da literatura da nossa década (com Octavio Paz). Um premiado com grande alcance temático, com modos de expressão refinados e nítidos, com divagações de ousada imaginação, [...] um contador de histórias no melhor sentido da palavra. Saramago é um daqueles autores que sabem dar ao «estigma local» uma dimensão universal, sem a restringir, tornando-a objectiva em si própria.

(In *Tit Nea*, 20 de Outubro de 1998)

O Nobel a José Saramago dará certamente mais impulso ao interesse pela literatura portuguesa. Mas porquê só agora Portugal? «Durante este século – explica o autor premiado – Portugal teve uma produção considerável no campo da novela; o que impediu a sua avaliação pelos outros países foi o jugo fascista».

(In *Kathimerini*, 18 de Outubro de 1998)

Familiarizado com conflitos culturais, sejam eles a nível nacional ou pessoal, Saramago foi cuidadoso e muito justo nas suas declarações. Dedidou o Nobel a todos nós — que procuramos, como ele, compreender quem somos — os que não se contentam com agradecimentos formais. Referiu-se aos tradutores e editores e a todos quantos trabalharam para difundir a sua obra pelo Mundo. «A sua opção de esquerda tem a ver com o seu prémio agora ou com a sua preterição no passado?», foi uma pergunta, e ele respondeu «quero crer que os critérios são estritamente literários», evitando qualquer outra polarização.

Os espanhóis também ficaram felizes, e Saramago disse então a um jornalista espanhol:

«Permita-me considerar os prémios Nobel espanhóis, também portugueses».

Patriota, mas de um modo quase esquecido, exteriormente calmo, mas interiormente pessoa de tensões e conflitos, Saramago instalou-se ontem em Frankfurt no pedestal dos «mega-stars» dos autores, uma espécie consumida aqui com bulimia. Porém, ele próprio parece pensar noutras coisas.

José Saramago, o compadecido...

K a t e r i n a S h i n a

In *Kathimerini*, 11 de Outubro de 1998

As agonias humanas são o tema do escritor português que foi honrado com o Nobel de Literatura

Desde quinta-feira, o Prémio Nobel de Literatura pertence, pela primeira vez, a um português: José Saramago, escritor popular no seu país, muito traduzido no estrangeiro, foi honrado com a prémio da Academia Sueca por uma obra que, segundo o veredicto dos jurados, «com narrações alegóricas fantasiosas, humanidade e ironia nos ajuda a compreender uma realidade fugidia». A utilização radical da tradição, um realismo mágico que evoca os escritores latino-americanos, uma linguagem rica, densa e particular, que consegue unir uma visão do mundo materialista — por causa da sua posição política — com a riqueza do barroco, compõem a fisionomia do escritor Saramago.



Este comunista militante, que desejou seguir o movimento e as contradições da história através dos olhos de homens simples, este ateu — que provocou a cólera da Igreja, apresentando, no seu romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, um Jesus que cede nos desejos humanos — é considerado hoje o melhor escritor português vivo.

Um escritor polígrafo — com os seus romances *O País do Pecado* (1947), *Manual de pintura e caligrafia* (1977), *Memorial do Convento* (1982, em grego pela editora Sihroni Epohi [Época Contemporânea]), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984, em grego pela editora Alexandria, um «livro hermético, genial», segundo o comentador do diário *New York Times* Edmund White), *Jangada de Pedra* (1986), *História do cerco de Lisboa* (1989, em grego pela editora Kastanioti), *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991, em grego pela editora Kastanioti) e *Ensaio sobre a cegueira* (1995) — e honrado com muitos prémios, ocupou-se ainda com sucesso de poesia, teatro e ensaios. Porém, o género de que mais gosta, com o qual restabelece um relacionamento muito mais familiar com os seus leitores, são os *Cadernos*: ultimamente, publica um volume por ano. E os *Cadernos* não são aquilo que alguém espera — uma crónica privada, que se limita a descrições da rotina de trabalho do escritor, ou de pequenos acontecimentos da sua vida quotidiana; antes pelo contrário, trata-se de um balanço, muito emotivo, das ideias e dos sentimentos dos seus leitores.

Porque Saramago é um dos poucos escritores do nosso tempo que investem substancialmente na relação com os seus leitores. Talvez o funcionamento do escritor como mentor intelectual ou guru espiritual apareça ultrapassada, uma reflexão atrasada do papel que desempenhava Jean Paul Sartre e os intelectuais franceses nas décadas de 50 e 60, contudo, ele não hesita em responder às perguntas a que os seus lei-

tores ousam submetê-lo, as quais cobrem um amplo espectro: dos problemas morais do nosso século até aos mistérios da reencarnação — «*O relacionamento estreito de Saramago com os seus leitores deve-se a três factores*», assinalava caracteristicamente num artigo, mais antigo, no *Times Literary Supplement* Luís de Sousa Rebelo, Leitor no King's College de Londres, «*À sua preferência por assuntos de interesse universal, à sua certeza de que todos os homens têm expectativas comuns e à sua fisionomia, como espelho da personalidade*».

Saramago ocupa-se corajosamente de temas complicados e controversos — uma atitude que suscitou em Portugal reacções pusilânimes, quase vingativas: em 1992, o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros (*sic*), Sousa Lara, retirou o nome do escritor das candidaturas de Portugal para o Prémio Europeu de Literatura, porque com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ofendeu as convicções religiosas dos Portugueses e provocou discórdia no país, e a Igreja Católica tinha condenado a obra como blasfema e impura. Na altura, Saramago enfrentou os seus acusadores com um «*não vim trazer a paz, mas sim a espada*», e, desgostoso, retirou-se para Lanzarote, uma das ilhas das Canárias Mas não era a primeira vez que se degladiava com os governantes.

É conhecida a sua oposição ao regime ditatorial de Salazar, a sua posterior posição anti-conformista, a sua temática provocante, pois o escritor não hesitou em julgar, através da suave alegoria da *História do cerco de Lisboa* e da *Jangada de Pedra* a história europeia e a unificação europeia.

A sua contestação para a Europa Unida reproduz-se na *Jangada de Pedra* com uma parábola: a Península Ibérica separa-se do Continente Europeu, e sozinha navega no Atlântico Norte — uma metáfora para a procura da identidade dos Espanhóis e Portugueses, fora da fi-



sionomia estandardizada da União Europeia.

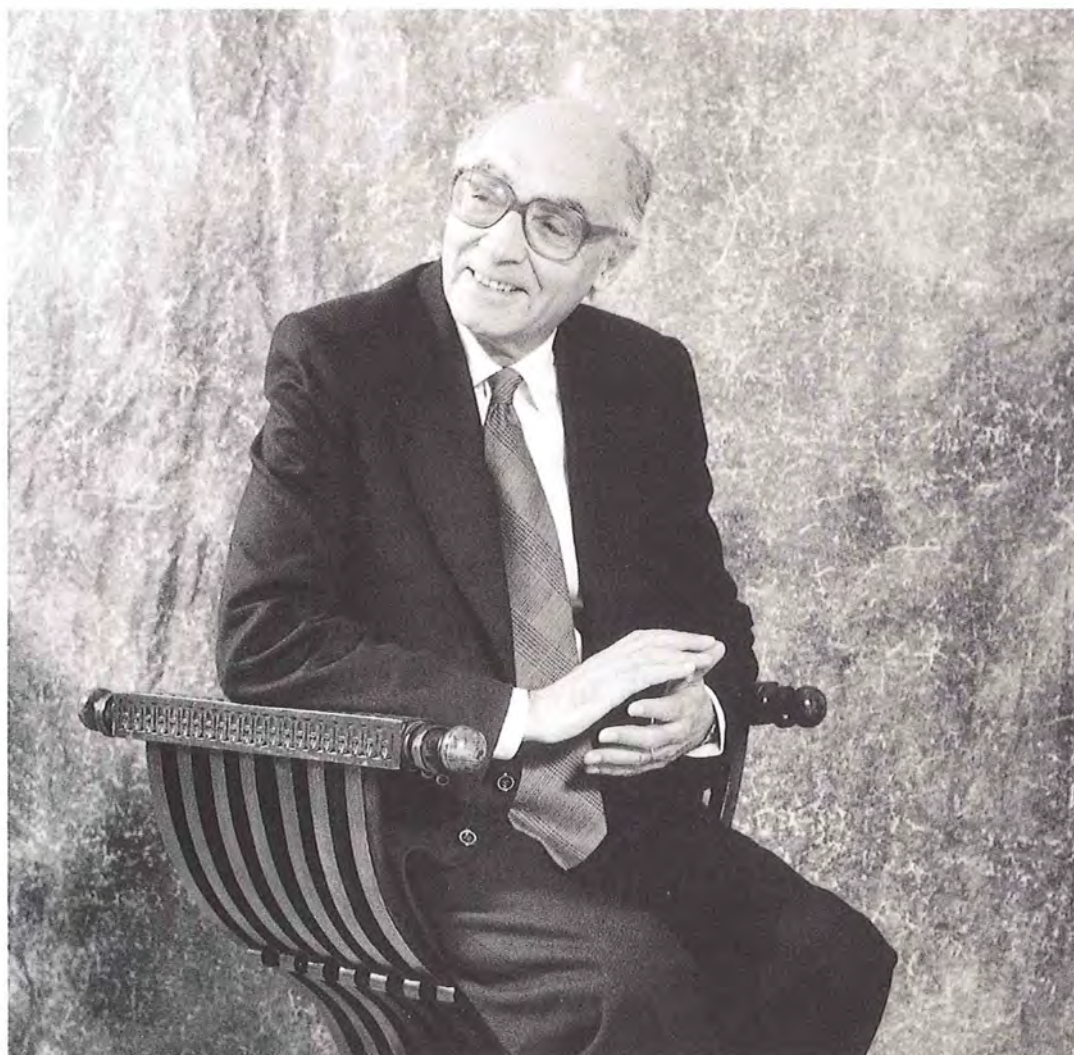
Igualmente provocante é o tema do seu último romance *Ensaio sobre a cegueira*.

Aquilo que a mundo contemporâneo perde não é a vista, mas a lógica, proclama Saramago, nesta sua nova alegoria, onde uma plena comunidade anónima, à excepção de uma pessoa, é acometida pela cegueira, e onde não existem personagens, mas somente vozes, que se radicam num espaço mítico.

A ansiedade da época contemporânea é o tema de Saramago, se bem que recorra, para reproduzi-la, ao realismo imaginário e à rica fauna do jardim da história universal.

O homem, sozinho e sofrendo com os outros, com as suas perguntas não respondidas e as suas agonias, é o centro da narração — da narração elegante de Saramago no tom verbal do poeta homérico, que percebeu a mente de muitos homens e mostrou a sua compaixão.

© DANIEL MOROZINSKI





REINO UNIDO e EUA

Grande favorito ganha Prémio Nobel da Literatura



Imre Karacs

In *The Independent*, 9 de Outubro de 1998

O PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA FOI ONTEM atribuído em Estocolmo ao grande favorito, o escritor português José Saramago.

Saramago, 76 anos, um romancista que irrompeu na cena literária apenas há 16 anos, estava no topo das listas dos candidatos há vários anos — facto que parecia desqualificá-lo aos olhos dos jurados da Academia, provocadores de controvérsia. O ano passado surpreenderam o mundo ao entregar o cheque ao «dramaturgo do povo» italiano, Dario Fo.

Há muito que Saramago tinha sido indicado como provável vencedor do Prémio Nobel da Literatura pelo *The Independent*. Em 1993 foi galardoado com o prémio de Ficção Estrangeira do *The Independent*, pelo seu romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, depois de ter sido pré-seleccionado para o prémio em Setembro de 1992.

Houve um ar de profunda desilusão nas caras dos *literati* reunidos ontem no sumptuoso Grande

Salão da Academia sueca. Talvez os jurados tenham, apesar de tudo, sido sensíveis à controvérsia gerada pelas suas acções. Qualquer que fosse o seu motivo, Saramago foi a escolha mais segura.

A única crítica que poderia ser tecida a esta escolha é que o autor português é o segundo esquerdista sul-europeu, e o quarto europeu consecutivo a receber o prémio — mas a Academia sempre negou ter tendência para simbolismos.

A mítica poetisa asiática, supostamente sempre a próxima a receber o prémio, vai ter que esperar mais um ano.

«O nosso critério é exclusivamente literário», declarou Sture Allen, o secretário permanente da Academia, na noite da proclamação. Por esta bitola, não pode haver dúvidas quanto à escolha de Saramago que, segundo o elogio oficial, usa um vasto leque de «parábolas suportadas pela criatividade, compaixão e ironia».

«O desenvolvimento idiossincrático do seu ressonante estilo próprio dá-lhe um lugar de excelência», dizia a declaração da Academia. «Por toda a sua independência, Saramago invoca a tradição de um modo que... pode ser descrito como radical.



A sua obra assemelha-se a uma série de projectos, com cada um, mais ou menos, a contradizer os outros, mas todos envolvendo uma nova tentativa de debater-se com uma realidade ilusória».

Sobre o *Ensaio sobre a cegueira*, um dos seus mais recentes trabalhos, o louvor dizia: «*A imaginação exuberante, o capricho e a perspicácia de Saramago estão no seu auge nesta obra irracionalmente cativante*».

Os 18 membros da Academia sueca, tendo em conta o último testamento de Alfred Nobel, escolhem o vencedor de cada ano a partir de nomeações recebidas por outros membros da Academia e antigos laureados Nobel de todo o mundo. Os membros confiam, até certo ponto, nos conselhos de uma rede de peritos, e é esperado que leiam apenas as obras dos cinco ou seis candidatos que são secretamente pré-seleccionados por uma comissão com seis membros.

O Prémio de Literatura reconhece a escrita que caminha «num sentido ideal». Ao longo dos anos, o Prémio Nobel tem sido atribuído a escritores com uma visão do mundo que se estende desde a fraca futilidade de Samuel Beckett às vívidas epopeias do islandês Halldor Laxness.

Galardoados anteriores incluem Winston Churchill e Bertrand Russell, que não escreviam ficção nem poesia.

É um homem modesto e franzino, que parece mais um velho empregado de escritório que um gigante literário.

(In *Los Angeles Times*)

Saramago é um homem alto e careca cujos óculos grandes e largos lhe dão um ar severo.

(In *New York Times*)

Prémio Nobel atribuído a romancista português.

A «Realidade Ilusória» de Saramago é louvada

Alan Riding

In *Herald Tribune*, 9 de Outubro de 1998

NO FINAL DOS ANOS 70 TAMBÉM SE VIROU PARA OS romances, publicando três seguidos em 1977, 1978 e 1980. Mas foi em 1982, com *Memorial do Convento*, que Saramago irrompeu no mercado internacional. «*Este é um texto rico e multifacetado, que tem ao mesmo tempo uma perspectiva histórica, social e individual*», constatou a Academia sueca, na quinta-feira. «*A visão e riqueza de criatividade que exprime, são características do trabalho de Saramago como um todo*».

Passado no Portugal do século XVIII, no período da inquisição, o livro conta dos esforços de Baltasar, o veterano de guerra, e da visionária Blimunda para escapar para os céus a bordo de uma máquina voadora movida por vontades humanas, que Blimunda recolhia. Esta história fantástica tem como pano de fundo a tortuosa



construção do convento de Maфра por milhares de homens, controlados pela inquisição.

No seu romance seguinte, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, uma homenagem ao grande poeta português Fernando Pessoa, que nele aparece como fantasma, Saramago situa a história nos anos iniciais da ditadura salazarista, com a história a seguir as desventuras românticas e sexuais dum poeta-médico. Escrevendo no *New York Times*, Herbert Mitgang considerou-o «um romance raro, antiquado — lírico, simbólico e meditativo de uma vez só».

Saramago, cujo sentido de liberdade literária é evidente na sua pontuação pouco convencional e no uso conflituoso de tempos verbais, procurou uma forma diferente de liberdade em *A Jangada de Pedra*, onde imagina a confusão que é desencadeada quando, de repente, a Península Ibérica se liberta do resto da Europa e começa a flutuar em direcção ao Novo Mundo, ameaçando colidir com os Açores. Para delícia dos Bretões, Gibraltar fica para trás.

Como esperado, a amarga sátira *O Evangelho segundo Jesus Cristo* revelou-se controversa, com Deus usando o inocentemente humano Jesus Cristo para criar uma religião que provoca violência e intolerância. Quando um júri de Lisboa escolheu o livro como representante português para um prémio Literário Europeu em 1992, o governo conservador vetou a escolha por ser blasfema. Foi então que Saramago decidiu deixar o seu pequeno apartamento em



Lisboa pelo relativo isolamento de Lanzarote.

A História do cerco de Lisboa é um conto extravagante, despoletado pela decisão, de um humilde revisor de uma editora, de inserir a palavra «não» numa passagem essencial de um livro de História de Portugal. «Com este acto criador lunático», como disse Edmund White no *New York Times Book Review*, ele «descarrila completamente a saga nacional» ao afirmar que os cruzados *não* ajudaram a libertar a Lisboa do século XII da ocupação Mourisca.

Com a recente publicação de *Ensaio sobre a cegueira* nos Estados Unidos, apenas o último romance de Saramago, *Todos os Nomes*, não foi ainda traduzido para inglês.

Apesar de ter seguido a linha de tradição de Andre Gide e Julien Green, aventurou-se agora na escrita dos seus diários. O quarto volume de *Cadernos de Lanzarote* foi recentemente lançado em Lisboa.

Saramago vai receber o seu Prémio Nobel, este ano no valor de 160 mil contos, numa cerimónia em Estocolmo no dia 10 de Dezembro.

Um inconformista sincero com um gosto particular pelas pessoas comuns, desvios históricos e literários.

(In *Usa Today*)



Carta de Lisboa

Richard Zenith

In *Times Literary Supplement*, 23 de Out. de 1998

NO LIVRO DE JOSÉ SARAMAGO, *Manual de pintura e caligrafia* (1977), um pintor de talentos modestos, mas de grandes ideais, é convidado, durante os últimos anos do regime salazarista, a executar o retrato de uma família de fortuna recente. A tensão apropriada-se do relacionamento, e a família descontente com o retrato pouco lisonjeiro que tomava forma no cavalete, cancela a encomenda. Oferece ao pintor o pagamento pelo trabalho até aí desenvolvido, que apesar de tudo quer guardar, mas H., anti-burguês, prefere ficar com o retrato inacabado e a sua auto-estima. Este *Manual*, pelo meio do qual surgem as pouco inspiradas entradas dum diário de viagem em Itália (a «caligrafia» de H.), não é um grande romance, mas constitui uma intrigante peça de uma oblíqua ou mesmo accidental autobiografia. José Saramago que, nesse momento da sua carreira, era ainda um medíocre autor de ficção, já adquirira o hábito de dizer não, e de seguir obstinadamente o seu caminho algo errático, que o tornou um dos escritores mais marcantes do final do século XX.

Saramago, particularmente crítico do capitalismo global e especialmente hostil em relação ao sistema político-económico norte-americano, sem dúvida escarneceria do optimismo de Horatio Alger que actualmente parece justificar a doutrina capitalista, mas constitui o perfeito exemplo do *self-made-man* de letras, no seu sentido mais profundo. Este não é apenas um autor cujo talento natural se desenvolveu graças

ao trabalho árduo, ganhando reconhecimento com a persistência; com Saramago o próprio talento parece ser o produto dum longo trabalho de paciência.

O homem agraciado com o Prémio Nobel da Literatura de 1998 revelou-se não só tardia, como lentamente. Nascido em 1922 numa pobre família rural do Ribatejo que se mudou para Lisboa dois anos depois, Saramago foi enviado para a escola comercial e começou a trabalhar, aos dezoito anos, como mecânico. Foi nessa mesma época que se iniciou na literatura, passando os serões na biblioteca pública. Embora *Manual* seja frequentemente considerado o romance de estreia de Saramago, na verdade o seu primeiro esforço, *Terra do Pecado*, foi publicado em 1947. E foi tudo o que escreveu no domínio da ficção, durante trinta anos. Talvez tenha sido bom Saramago parar naquele momento. A sua primeira novela, escrita num competente estilo herdado do século XIX, não contém qualquer marca do génio presente em *Memorial do Convento* (1982) e nos seis romances seguintes. «*Nos primeiros cinquenta anos de vida devemos aprender, só depois trabalhar, e depois morrer*». Disse Saramago, cuja longa aprendizagem incluiu o casamento e uma filha, empregos no Estado, numa companhia de seguros, numa editora e no jornalismo — não como repórter, mas como crítico literário e comentador político. As peças jornalísticas de Saramago foram reunidas em vários livros do princípio dos anos 70, e publicou ainda três volumes de poesia. Sempre comprometido nos movimentos de esquerda que, ora aberta, ora clandestinamente, se opunham a Salazar, Saramago inscreveu-se no Partido Comunista em 1969. Um ano após a revolução de Abril de 1974, Saramago tornou-se co-editor do maior jornal de Lisboa, *Diário de Notícias*, mas foi forçado a sair em Novembro de 1975, quando a facção mais moderada derrotou os comunistas.





Saramago passou os anos seguintes a fazer traduções. Foi-lhe encomendado um livro de viagens, *Viagem a Portugal* (1981). E voltou a escrever ficção. *Manual de pintura e caligrafia* era uma espécie de rascunho demasiado esquemático para ser um romance verdadeiramente bom, mas constituía uma tentativa: arte aliada às ideias, ideais e à expressão da experiência. Esta intenção tornou-se ainda mais forte em *Levantado do chão* (1980), uma saga sobre os camponeses do Alentejo que nos três primeiros quartos deste século lutam contra a opressão e a fome. A realização plena chegou com *Memorial do Convento*, cujo título em inglês (*Baltazar & Blimunda*) se refere à quase devoção entre os dois amantes, que vogam sobre e entre os tristes acontecimentos da história portuguesa no princípio do século XVIII, quando o pouco esclarecido D. João V forçou milhares de camponeses a arruinarem-se na construção do convento de Mafra, uma estrutura tão pesada como delicada. Este é, entre outras coisas, um romance político que não se limita a opor oprimidos a opressores. Só as classes mais elevadas beneficiavam das riquezas que então chegavam do Brasil colonial, mas a ignorância, a cegueira e o gosto pelo sangue eram traços generalizados. As touradas e os autos-de-fé da Inquisição serviam de divertimento quer a ricos, quer a pobres.

Saramago, ainda um militante comunista, nunca deixou de apontar o dedo à exploração dos pobres pelos ricos, mas está francamente mais preocupado com a corruptível natureza humana. Ver e não ver são imagens recorrentes, e a arte da percepção perfeita um dos temas obsessivos do autor. O antigo soldado Baltazar, chamado Sete-Sóis porque só pode ver à luz, apaixona-se pela clarividente Blimunda, chamada Sete-Luas porque pode ver no escuro, e juntos voam na Passarola, uma máquina voadora concebida pelo Padre Bartolomeu, uma figura histórica introduzida na ficção, juntamente

com Domenico Scarlatti, que no mundo de Saramago está mais interessado em voar do que nos seus deveres como professor de música da filha do rei. Estas personagens, cúmplices no seu olhar, acreditando em si próprios e uns nos outros, conseguem sobrepor-se ao determinismo histórico. É a vontade humana que, de acordo com o Padre, faz voar o seu engenho.

Grande e sumptuoso, misturando habilmente fantasia e história e empregando um narrador irónico, mas simpático, *Memorial do Convento* foi o primeiro grande romance de Saramago e o seu primeiro sucesso internacional. As reflexões do autor, que em *Manual de pintura e caligrafia* surgiam de forma entediante e pouco imediata, dissolvem-se agora na trama da história. Com *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), a cronologia avança — para Lisboa em 1936 — enquanto a ironia e as reflexões ontológicas se aprofundam e tornam mais sofisticadas. O Dr. Ricardo, um heterónimo criado por Fernando Pessoa (1888-1935) supostamente exilado no Brasil em 1919 devido às suas simpatias monárquicas. No livro de Saramago, Reis, ao ser informado por outro heterónimo, Álvaro de Campos, da morte de Pessoa, regressa de barco a Lisboa, onde é confrontado com a sua cidade natal e as suas raízes culturais, e com o fantasma do seu criador de identidade problemática, que o visita e envolve num diálogo tipicamente pessoano. Saramago, que conhece a obra de Pessoa, diverte-se com isso e presta homenagem ao maior poeta português desde Camões, e o romance funciona em tantos níveis que os leitores estrangeiros, mesmo que não atinjam o jogo intertextual, deixar-se-ão fascinar pelo cenário (uma Lisboa escura e chuvosa, fascista, tornada ainda mais obscura pelas sombras da Guerra Civil de Espanha, que estava iminente), pelos retratos dos vários estratos sociais, pelos jogos de espelhos e labirintos *à la Borges*, pois se as referências a Pessoa podem perder-se, as paráfrases pro-



vocadoras são elas próprias apelativas. Saramago é, por vezes, acusado de ser retórico, sem o recurso às referências físicas que se esperam dum romance (especialmente quando escrito ou traduzido num inglês que resiste às abstrações), mas *O Ano da Morte de Ricardo Reis* recusa essa carga. O retrato que nos dá da Lisboa dos anos trinta é joyceano no detalhe, e a inclusão de Ricardo Reis na peregrinação a Fátima é muito convincente. Saramago tem um gosto especial por grandes e fantásticas metáforas — o seu romance seguinte, *A Jangada de Pedra* (1986), põe a Península Ibérica a deslocar-se do resto da Europa — mas os viajantes são detidos pelas grandes e concretas realidades que têm de admitir. Alguns chamaram a Saramago um realista mágico, mas seria melhor chamar-lhe um realista profundo, no sentido em que o seu realismo está frequentemente sob ou atrás da história imediata. A posição de Saramago é esclarecida por Ricardo Reis, que refere «*o objectivo da arte não é a imitação*», mas a invenção duma realidade alternativa, que realça «*a realidade que queremos admitir. A diferença entre elas demonstra-as mutuamente, explica-as e mede-as, a realidade como invenção que foi, a invenção como realidade que será*». Saramago reforçou a tradição continental dos romances baseados em ideias, em detrimento do modelo doméstico de Updike, que se tem estendido dos Estados Unidos à Europa. Saramago também recusou uma proposta de Hollywood para filmar *Memorial do Convento*, embora tenha permitido que o compositor italiano Azio Corghi adoptasse o romance para uma ópera.

Uma das ideias que mais impressiona Saramago é o modo como os pequenos erros — acidentais ou deliberados — podem ter enormes consequências, como a *História do cerco de Lisboa* divertidamente demonstra. Raimundo, um tímido e pacífico revisor de provas, adquire auto-afirmação ao rever a História, introduzin-

do uma nota que alteraria drasticamente a história do cerco à Lisboa moura, em 1147. Os editores descobrem o erro antes de ser demasiado tarde, mas a superior hierárquica, Maria Sara, está encantada com este acto de revolta, ele está encantado com ela, e a sua vida pessoal dá uma volta radical. Ela encoraja-o a escrever uma história de Portugal baseada na falsa nota ao cerco de Lisboa, o que ele faz, e o romance desenvolve-se num fascinante choque entre a História verdadeira e a falsa, entre o Portugal de hoje e o do século XII, entre o amor do revisor por Maria Sara e o amor dum soldado por uma tal Ouroana, entre a religião católica e o Islão.

Uma previsível polémica rodeou o livro de Saramago, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), no qual Deus usa um Jesus totalmente humano para fundar uma religião repressiva chamada catolicismo. A Igreja não perdoou a heresia, e o autor não perdoou ao governo conservador ter retirado o livro «blasfemo» da corrida para o Prémio Literário Europeu. Ele afirma que esta decisão o moveu a trocar Lisboa por Lanzarote, nas Canárias, onde vive com a sua segunda mulher. Saramago mantém-se activo na vida literária portuguesa, e as notícias do seu Nobel foram entusiasticamente recebidas no seu país natal. Os dois maiores diários de Lisboa dedicaram-lhe as dez primeiras páginas das suas edições de 9 de Outubro. Mas houve quem lamentasse que as suas primeiras entrevistas e conferência de imprensa tivessem ocorrido em Espanha, onde toda a sua produção literária — incluindo quatro peças de teatro e um volume de contos — foi traduzida. Saramago, céptico em relação ao que chama «*a obsessão europeísta*», teria gostado que espanhóis e portugueses esquecessem velhas rivalidades e se unissem em torno duma consciência ibérica.

O tema de ver e não ver foi levado tão longe quanto possível em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), o último romance que o tradutor de Sara-



magos, Giovanni Pontiero, traduziu maravilhosamente para inglês, já nos seus últimos dias de vida. Localizado em nenhum tempo e em nenhum espaço particulares, e povoado por personagens sem nome, esta alegoria lembra Kafka, que Saramago considera um dos três grandes escritores do século. As suas outras escolhas são Borges, para quem a cegueira não foi apenas uma metáfora, e o ultra-racional Pessoa, que declarou (através de um dos seus heterónimos, o clarividente Alberto Caeiro) «*O que interessa é saber como se vê, / Saber como se vê sem ver*». O romance de Saramago — um dos mais importantes que apareceram na Europa deste século — não é sobre a cegueira congénita, mas sobre o não saber ver, ou sobre o recusar-se a ver. A sua habitual falta de pontuação, a mudança de tempos verbais e os narradores alternantes ou ambíguos aumenta o mistério, o tom alegórico desta história, na qual todas as personagens, excepto uma, cegam misteriosamente.

Um assunto pesado, da parte dum escritor que admite ser «*pessimista a ponto de não acreditar na cura da humanidade. Passamos dum desastre a outro, sem aprender com os nossos erros*». Mas Saramago não desespera completamente (de outro modo como continuaria comunista?), e quando conta uma história triste, dá-lhe um toque de fantasia, com uma realidade inventada na qual se torna mais fácil respirar. A máquina voadora em *Memorial do Convento* constitui um símbolo de liberdade mas também de luz. É a memória da Passarola que mantém as duas personagens, durante os longos e obscuros dias da construção do Convento, e a luz é o que salva os livros de Saramago do peso que os títulos parecem prometer (o editor norte-americano de *Memorial do Convento* preferiu *Baltasar & Blimunda* a *Annals of the Convent*, proposto por Giovanni Pontiero, e *Ensaio sobre a cegueira* ficou *Blindness*). O humor e a ironia são os agentes mais óbvios da

escrita de Saramago, mas ainda mais importantes são as relações amorosas, que nas suas histórias são quase sempre alegres, embora problemáticas. Mesmo no horrível asilo onde são mantidos os cegos do penúltimo romance de Saramago, somos momentaneamente aliviados por um jovem casal que cega e alegremente faz amor no chão sujo.

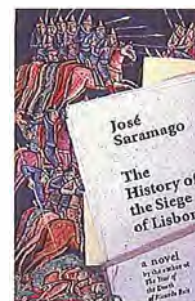
A última novela de Saramago, *Todos os Nomes* (1997), trata de um empregado que procura obsessivamente, numa conservatória do registo civil, os dados duma mulher anónima que nasceu e morreu em Lisboa. Esta é a essência de Saramago: pessoas comuns que procuram outras, e por amor, sem que necessariamente saibam quem é o outro. O funcionário pode esperar qualquer pessoa, e muito especialmente o autor. A pesquisa nunca é fácil — o funcionário nunca saberá o nome da mulher — mas continuará, esperançado. E no final de *Ensaio sobre a cegueira*, algumas personagens readquirem a visão. Uma delas afirmará: «*a experiência ensinou-nos que não há cegos, apenas cegueira*».

Há muito que a visão ateuísta, anti-institucional de José Saramago o marcou como um estranho em Portugal.

[...]

Criou uma reputação de contador de histórias imaginativo e irónico, combinando a realidade e o misticismo, à semelhança do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Pessimista e sério, lúcido e elegante são palavras usadas para descrever o homem e a sua literatura.

(In *The Independent*, 9 de Outubro de 1998)



Parábolas das políticas do poder em Portugal ganham Prémio Nobel

Stephen Moss

In *The Guardian*, 9 de Outubro de 1998

JOSÉ SARAMAGO FOI GALARDOADO COM O PRÉMIO Nobel de Literatura, sendo o primeiro escritor de língua portuguesa a receber o prémio literário mais prestigiado do mundo. «Estou muito feliz

por mim próprio», disse a uma multidão exultante na Feira do Livro de Frankfurt. «Mas estou também contente pelo meu país».

O antigo Presidente português, Mário Soares, [...] disse: «Penso que é, finalmente, um acto de justiça».

Saramago, que tem 75 anos, tem tido indícios de uma vitória em anos anteriores e ficou desiludido por não ter ganhado o prémio o ano passado, quando este foi atribuído a Dario Fo.

A Academia sueca, com a linguagem fantástica pela qual é conhecida, disse que tinha atribuído o prémio de 160 mil contos a Saramago pela obra que «com parábolas suportadas pela criatividade, compaixão e ironia nos permite continuamente aperceber-nos de uma realidade ilusória».

A revelação de Saramago surgiu em 1982, com *Memorial do Convento*, uma fantasia enraizada no século XVIII mas satirizando as políticas do poder do Portugal contemporâneo. Os seus romances, que incluem *A Jangada de Pedra*, *História do cerco de Lisboa*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a cegueira*, estão traduzidos para mais de 25 línguas.

«Ele é o grandioso velho homem das letras portuguesas e tem lutado pelo Nobel durante anos» disse Guido Waldman, director editorial na Harvill, a sua principal editora do Reino Unido. «Muita gente se perguntava por que tinha sido esquecido». «É um escritor muito português, preocupado em estabelecer a identidade de Portugal como parte do veio central da cultura europeia, e não apenas uma pequena saliência da península espanhola. É um escritor cuidadoso e os seus romances são escritos de uma forma densa».

«Sem dúvida é o maior romancista ibérico do século», disse Michael Schmidt, director editorial na Carcanet, que publicou Saramago quando ele chegou à proeminência nos anos 80. «O que



é maravilhoso é que consegue manejar e desenvolver uma forma convencional — é um romancista muito legível — mas é também muito experimental». «Ele é extremamente difícil de traduzir, porque usa os elementos mais profundos da linguagem. Não escreve naquele esperanto literário preferido por muitos dos romancistas europeus plausíveis dos nossos dias». «Ele é muito hostil à Igreja e há ainda uma corrente comunista no seu trabalho. É muito hostil a acumulações de poder. Cresceu sob Salazar e num ambiente dominado pela Igreja, e reagiu contra isso. É um Marxista liberal, interessado na resistência e na emergência do ego ao tentar aguentá-lo».

Os pais de Saramago eram agricultores e, apesar de ter ido para a escola em Lisboa, passou grande parte da sua infância no campo. Trabalhou em metalurgia e foi desenhista antes de se tornar revisor, editor e tradutor de uma editora. Mais tarde tornou-se um comentador político no jornal *Diário de Notícias* de Lisboa, e no final dos anos 60 publicou um livro de poesia, seguido de colecções de ensaios, contos e uma peça de teatro.

O seu primeiro romance, *Manual de pintura e caligrafia*, despoletou pouco interesse quando foi publicado em 1977. O segundo, o abertamente político *Levantado do chão*, mereceu louvor quando foi publicado em 1980. *Memorial do Convento*, publicado dois anos mais tarde, trouxe-lhe uma fiada de prémios literários e foi-lhe dada atenção internacional.

Saramago entrou para o Partido Comunista em 1969, quando tal era ilegal sob a ditadura portuguesa, mas tem criticado tanto o partido como a sua ideologia. O seu envolvimento na política levou a um breve comoção na Assembleia Municipal de Lisboa, aquando da sua eleição como comunista em 1989, mas cedo abandonou o cargo para se concentrar na escrita.

«Não quero um cargo político, faz demasiadas exigências», disse. «Sou um escritor que por

vezes intervém na política». Está agora casado com uma jornalista espanhola, e vive em Lanzarote.

O seu estilo lírico, tecendo fantasia, história de Portugal e ataques à repressão política e à pobreza, levou a comparações com escritores latino-americanos como o antigo galardoado do Nobel Gabriel García Márquez. Mas Saramago nega que haja uma influência e diz que velhos mestres como Cervantes e Gogol deixaram uma marca maior.

O prémio deste ano foi discutido no habitual secretismo e controvérsia. A Academia dos 18, com base em Estocolmo, está dividida desde que três membros a abandonaram devido a planos de acção, incluindo a recusa pública de apoiar Salman Rushdie sobre a *fatwa*. Sture Allen, o secretário permanente da Academia, enfrentou este ano um grau nunca antes visto de ofensa pessoal devido ao seu modo de lidar com o processo de selecção.

A Academia não revela quem foi nomeado ou pré-seleccionado. As nomeações podem ser feitas por anteriores galardoados, doutores em História e Literatura, membros da Academia e presidentes de algumas organizações nacionais de autores.

É provável que o sucesso de Saramago seja bem recebido, mas comentadores politicamente correctos poderão apontar o facto de ele ser o quarto europeu consecutivo a ganhar o prémio.





EGIPTO

Saramago e a Comunidade dos Cegos

M o a m e d S a l m a w y

In *Al-Ahram Hebdo*, 28 de Outubro de 1998

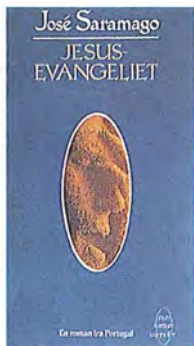
CONHECI O GRANDE ROMANCISTA PORTUGUÊS José Saramago, Prémio Nobel da literatura deste ano, em 1992. Estava então de visita a Lisboa, como convidado pessoal do Presidente da República Mário Soares, e de sua mulher Maria Barroso [...]. No decurso de um almoço em minha honra, no Palácio de Belém, perguntei a Maria Barroso, que estava sentada à minha direita: «Na sua opinião, se eu quisesse conhecer apenas um escritor durante esta visita, quem me aconselharia?». Ela respondeu: «Se quiser um escritor consensual, eu diria António Lobo Antunes. Mas se quiser um escritor diferente dos outros, aconselho José Saramago». E foi assim, que a discussão à volta da história, da política, do teatro e do cinema, foi interrompida para se concentrar neste estranho escritor que abandonou a literatura com 25 anos depois de ter escrito o seu primeiro romance *Terra do Pecado* (1947), e isto durante aproximadamente 30 anos. Foi só em 1975 que voltou à literatura com o [...] livro *O Ano de 1993*. O último romance valeu a Saramago o maior prémio literário, embora a sua obra não ultrapasse os dez romances.

Na realidade, quando Maria Barroso me falou de Saramago, eu tinha lido apenas um dos seus romances na tradução inglesa, *A Jangada de Pedra*, que se encontrava entre as minhas leituras de preparação para uma anterior visita a Portugal, devida a uma entrevista com o primeiro ministro português Cavaco Silva, a publicar no *Al-Ahram*.

Como um dos objectivos de Cavaco Silva, enquanto primeiro ministro, era a integração de Portugal na União Europeia, então Comunidade Económica Europeia, estudei o assunto sob todos os ângulos, tentando familiarizar-me com as diferentes opiniões expressas pela sociedade portuguesa em relação à adesão de Portugal à CEE. Entre as posições mais contrárias à política do governo, estava a do escritor José Saramago, que expressara o seu ponto de vista em vários artigos e no seu soberbo romance, *Jangada de Pedra*. É um romance único, para a defesa desta opinião. Porém, quando abordei o tema com José Saramago, ele precisou que o conteúdo da sua obra ia muito mais além, não se podendo dizer que tratasse desta questão em particular.

Na realidade a polémica causada por *A Jangada de Pedra*, quando foi publicado em 1986, adveio essencialmente da posição clara que exprimia a propósito da adesão de Portugal à CEE. O romance inicia-se com um fenómeno estranho: um dos grandes rios que nasce em França, desaparece antes de chegar a território espanhol. Depois abre-se uma enorme fenda entre a Espanha e o resto da Europa. A falha alarga-se rapidamente de tal modo que a Península Ibérica se separa totalmente da Europa. Alguns dias depois, os habitantes da península, transformada em ilha, descobrem que esta começa a mover-se em direcção ao oceano Atlântico, como se fosse uma jangada.

Rapidamente os habitantes se dão conta que a sua jangada de pedra se move para oeste, primeiro devagar, depois mais depressa, atin-



gindo os cem quilómetros/hora. Os habitantes estão devastados pelo medo, receando o seu destino... Até descobrirem que o seu país flutuante chegou às praias da América latina. Este deslocamento da Península Ibérica simboliza a posição de Saramago, que recusa totalmente a adesão à CEE. O autor defende a proximidade de Portugal e Espanha com a América latina e a cultura hispano-portuguesa.

Ora Saramago tinha feito questão em assegurar, no decurso da nossa conversa um dia de Março pela tarde, que o seu romance não tratava realmente de uma jangada de pedra flutuando no oceano, sendo esse apenas o lugar onde se desenrolava a acção. O verdadeiro tema do livro, eram os habitantes da terra. Disse-me: «*Os romances não tratam nunca dos sítios mas sim das personagens... As personagens deste romance estão estreitamente ligadas à cultura latino-americana, que emana de uma língua comum, de uma história comum e mesmo de um presente comum entre a Espanha, Portugal e os países da América latina*».

Saramago pensa que estes laços estreitos não existem entre Portugal e os países europeus de origem anglo-saxónica, germânica e gaulesa, para além das diferentes origens dos estados da Europa de leste... Disse-me: «*Toda a Europa tem necessidade de virar-se para sul. É necessário largar a nossa torre a norte e tratar com o Sul onde se encontra a maior parte dos países do Mundo*».

Quanto aos habitantes da jangada flutuante de Saramago, fazemos notar, por exemplo, que os estrangeiros, tanto turistas como investidores, deixaram o país quando este se separou da Europa. E quando a jangada atingiu a América latina, já só restavam a bordo os indígenas, que saíram à rua dançando para expressar sua alegria.

Está presente neste romance aquela ironia amarga, célebre nos escritos de Saramago. Pois os países da CEE, que se tinham sempre oposto

à adesão de Portugal, emitem um comunicado firme recusando a separação de Espanha e Portugal. A Naro também publica um comunicado confuso não se percebendo se é a favor ou contra; quanto à Inglaterra, fica muito feliz ao perceber que o estreito de Gibraltar, objecto de conflito com a Espanha, ficou no seu lugar, no Mediterrâneo, depois da separação da Península Ibérica. A partir de então, ninguém disputará o estreito à Grã-Bretanha.

Neste livro Saramago dirige-se também aos jovens europeus, já que muitos entre eles começaram a defender a separação de Espanha e de Portugal, provocando graves conflitos com as forças da ordem, que vêem nesta posição uma violação da política oficial dos Estados europeus.

Embora este romance seja o símbolo mais forte da oposição à adesão europeia, quando o seu autor obteve o Prémio Nobel da literatura doze anos após a sua edição, Portugal não só tinha aderido à União, como estava entre os dez países fundadores da moeda única.





A posição de Saramago advém de opções políticas que fizeram dele membro do Partido Comunista português. Deste modo, Saramago tornou-se este ano o primeiro comunista laureado com o Prémio Nobel.

Para aderir à CEE, Portugal teve que efectuar mudanças profundas na sua economia centralizada, de maneira a transformá-la numa economia de mercado como nos Estados capitalistas.

Quando encontrei Saramago, num dos cafés da capital portuguesa, a ideologia comunista acabava de desmoronar-se em todo o mundo e a União Soviética tinha entrado em processo de desmantelamento. Mas ele era ainda um comunista resistente. Lembro-me que, quando falei da queda do muro de Berlim ele respondeu: «*As grandes ideias não são destruídas pela queda de algumas pedras, em Berlim ou noutro lado qualquer*». Parece que o escritor português foi sempre da mesma opinião. A semana passada, quando o Prémio Nobel foi anunciado, o autor

estava de partida de Frankfurt, onde tinha ido participar, no quadro da Feira Internacional do Livro, num colóquio intitulado: «*Por que razão ainda sou comunista?*»

José Saramago é um homem alto que perdeu a maior parte do cabelo ao longo dos seus 75 anos. Tem grandes óculos pousados no nariz. Fala francês com um claro sotaque português. Quando lhe perguntei: «*Onde aprendeu francês?*», respondeu: «*Onde aprendi tudo, na rua!*» [...]

No ano em que encontrei Saramago, o escritor e a sua mulher deixaram definitivamente Portugal para se instalarem nas ilhas Canárias, no oceano Atlântico. Ele assegurou que não mudaria nunca de opinião nem que estivesse em desacordo com todos os homens do seu país. Quanto ao seu último romance traduzido, intitulado *Ensaio sobre a cegueira*, conta a história de uma sociedade atingida pela cegueira colectiva, excepto o herói que vê o que os outros não vêem.



ÍNDIA

Saramago arrecada prémio Nobel de Literatura

Barry Hutton

In *The Asian Age*, 9 de Outubro de 1998

Escritor iconoclasta de modos brandos, primeiro vencedor do Nobel de língua portuguesa.

Lisboa, Portugal: José Saramago, que na quinta-feira se tornou o primeiro autor de língua portuguesa a ganhar um prémio Nobel de Literatura, é um homem de modos brandos, conhecido por ser um sólido iconoclasta. Esta atribuição eludiu escritores de uma língua usada por cerca de 140 milhões de pessoas pelo mundo fora.

«Não falemos disso [o Nobel]. Eu apenas escrevo», insistiu numa entrevista telefónica dada a partir da sua casa nas ilhas espanholas das Canárias.

Aos 75, continua a ser um não-conformista assumido, através dos seus comentários regulares nos jornais e rádios, apesar de as suas opiniões serem sempre inspiradas na sua profunda preocupação com os seus semelhantes.

Ensaio sobre a cegueira, o seu último livro traduzido para inglês, é uma alegoria descon-

certante sobre a fusão social em que uma cegueira inexplicável atravessa toda a sociedade. «Esta cegueira não é uma cegueira real, é uma cegueira de racionalidade», disse, «Somos seres racionais, mas não agimos de um modo racional. Se o fizéssemos não haveria fome no mundo».

Tal ansiedade quanto à escolha de prioridades na sociedade moderna é evidente em toda a sua obra e também dá uma ideia da sua resoluta simpatia para com o Partido Comunista. Nasceu a 16 de Novembro de 1922, na vila de Azinhaga, perto de Lisboa, Saramago foi criado na capital. Oriundo de uma família pobre, nunca acabou os estudos universitários, mas continuou a estudar em *part-time*, enquanto trabalhava em metalurgia para se sustentar.

O seu primeiro romance, publicado em 1947, *Terra do Pecado*, conta a história de camponeses em crise moral. Vendeu pouco, mas trouxe a Saramago reconhecimento suficiente para que saltasse da oficina de metalurgia para um emprego numa revista literária.

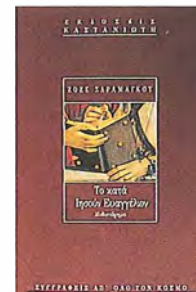
Nos 18 anos que se seguiram, Saramago, então comunista aplicado que se opunha à ditadura de António Salazar [...], publicou apenas alguns livros de poesia e viagens enquanto trabalhava como jornalista.

Voltou à ficção apenas depois de o regime de Salazar ter sido derrubado pela revolução militar de 1974.

É frequentemente comparado com o escritor colombiano Gabriel García Márquez e a sua escrita é descrita como realismo com um toque de misticismo latino-americano, especialmente devido à sua técnica de confrontar personagens históricas com outras de ficção.

«Ele tem procurado conciliar os racionalismos da sua visão materialista do mundo com a riqueza do seu estilo barroco. E foi bem sucedido», disse o crítico português Torcato Sepúlveda.

Outros discordam, dizendo que Saramago é demasiado intelectual e que a sua velocidade



de de contar histórias por vezes desacelera até um passo extremamente lento. Foi aclamado internacionalmente pela sua fantasia histórica de 1982, *Memorial do Convento*, publicada em inglês em 1988 como *Baltasar and Blimunda*.

Situa-se durante a inquisição e explora a guerra entre os indivíduos e a religião organizada, voltando ao tema, recorrente em Saramago, do solitário que luta contra a autoridade.

O tema faz lembrar o desentendimento que houve entre Saramago e o sub-secretário de Estado Sousa Lara, que retirou o nome do escritor da lista de nomeados portugueses para o prémio Europeu de Literatura, por achar que o seu romance de 1991, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, ofendia as convicções religiosas portuguesas e dividia o país.

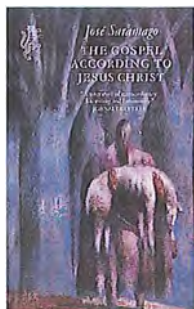
Nesta obra controversa Saramago, um ateu, propõe um Cristo que, sujeito a desejos humanos, vive com Maria Madalena e tenta escapar-se à sua crucificação.

«Não trago a paz, mas a espada», disse Saramago na altura, retirando-se para a sua casa nas ilhas Canárias.

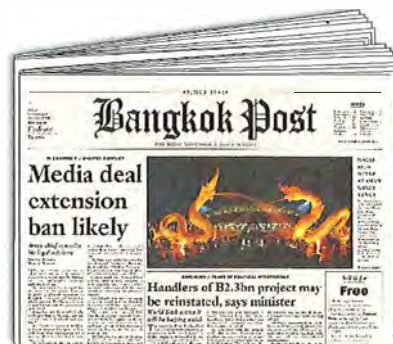
No seu romance de 1984, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago critica a passividade portuguesa durante a ditadura salazarista, fazendo o poeta nacional austero Fernando Pessoa voltar do reino dos mortos para festejar e profanar.

A História do cerco de Lisboa, de 1989, fala de um revisor que por brincadeira introduz a palavra *não* num texto sobre a captura da capital portuguesa pelos Mouros no século XII, alterando assim o curso da História europeia com um toque da sua caneta.

Tais brincadeiras históricas e literárias são típicas de Saramago. No seu livro de 1986, *A Janagada de Pedra*, a Península Ibérica solta-se do resto da continente europeu e flutua pelo Atlântico Norte, aparentemente numa metafórica busca pela identidade, longe da natureza reguladora da União Europeia, da qual Portugal e Espanha são membros.



TAILÂNDIA



O mexicano Fuentes louva Prémio Nobel de Saramago

Martin Roberts

In *Bangkok Post*, 10 de Outubro de 1998

A aclamação da literatura e da intervenção social de José Saramago

Um dos mais famosos romancistas do México aclamou, na quinta-feira, o recente laureado português com o Nobel da Literatura, José Saramago, louvando as suas proezas literárias e a sua coragem em intervenção social.

Carlos Fuentes lembrou o modo como Saramago desencadeou as hostilidades oficiais contra visitantes estrangeiros, no perturbado estado mexicano de Chiapas no início do ano, visitando a região para protestar contra o massacre de camponeses indígenas. Elogiou a coragem de Saramago por fazer a visita a Chiapas, um estado onde a violência é constante desde que a guerrilha Zapatista se insurgiu contra o governo mexicano em 1994, para exigir mais direitos para os Índios.

«Talvez Saramago merecesse dois prémios desta vez. Um prémio Nobel da Literatura e outro pela Paz», disse Fuentes.

Saramago, com 76 anos, guardou algum tempo, durante uma viagem de conferências ao México em Março, para viajar para Acteal, uma vila onde os paramilitares haviam abatido 45 refugiados índios, a 22 de Dezembro de 1997.

«Ele veio dizer que atrocidades como esta não podem acontecer, não se podem repetir, não podem ser esquecidas e precisam de testemunhas», acrescentou Fuentes, antigo diplomata.

Autoridades mexicanas acusaram turistas estrangeiros e observadores dos direitos humanos em Chiapas de intervenção política e expulsaram dúzias deles enquanto a região estava no centro da atenção dos *media*, nos meses que se seguiram ao massacre de Acteal.

A identificação de Saramago com a tradição latino-americana de escritores com o papel de interlocutores sociais, também o levou a fazer o prefácio de um documentário fotográfico sobre o Movimento dos Sem Terra brasileiro, *Terra* de Sebastião Salgado.

Entretanto, por todo o mundo, oradores portugueses aplaudiram Saramago como o primeiro laureado com um Nobel na sua língua, e Fuentes disse que isto mostrava, mais uma vez, que as notícias da morte do romance são prematuras, pois esta forma literária continua a desbravar novos terrenos geográficos.

«A escrita de Saramago, desde *O Ano da Morte de Ricardo Reis* até *Ensaio sobre a cegueira*, é prova constante da vitalidade do romance moderno, independentemente da língua, nacionalidade, ou do que se pensa», disse Fuentes.

O Ano da Morte de Ricardo Reis é um dos marcos literários de Saramago, um romance surreal, publicado em 1984, cuja acção se passa em 1936 no meio do nascimento do fascismo em Portugal.



CHINA

Como é na realidade a Lushan Mountain

In *Beijing Evening News*, 17 de Outubro de 1998

A verdade sobre Saramago, vencedor do Prémio Nobel da Literatura.

A 30 de Janeiro de 1996, o escritor português José Saramago chega a Brasília, [...] e recebe do Presidente do Brasil o Prémio Camões 95 — o mais importante da literatura portuguesa.

Apesar da controvérsia, José Saramago, tornou-se um dos escritores de maior prestígio no meio literário português. O seu trabalho tem recebido vários prémios literários em Portugal e no estrangeiro, foi traduzido para muitas línguas e os círculos literários mundiais têm dado a maior atenção à sua obra.

Têm vindo a ser apresentadas inúmeras teses de pesquisa sobre o seu trabalho, várias escolas e universidades têm demonstrado o maior interesse na sua obra, a apreciação da crítica literária e dos leitores fizeram com que ele se tornasse um clássico na história da literatura portuguesa deste século. Considerou-se que seria, entre alguns dos escritores portugueses, aquele que iria ganhar o Prémio Nobel. Agora, a



profecia torna-se realidade. Consequentemente, Saramago tornou-se o primeiro a conquistar essa honra, entre os escritores que escrevem em português como língua mãe.

[...]

José Saramago, de 76 anos de idade, continua a manter a sua energia exuberante e criativa. No último ano escreveu mais um romance — *Todos os Nomes*. Esperamos, e desejamos, que continue a fazer progredir a criação literária.

[...]

Saramago fala com muita franqueza, de tal modo que por vezes é difícil evitar algumas ofensas. Ele disse aos seus amigos: «*eu considero tudo com uma atitude de dúvida e, por natureza, sou muito conservador. Não consigo despejar palavras com fluidez nem pôr uma cara sorridente para as pessoas em todo o lado, ou abraçar toda a gente e tentar ganhar amizades*».

Recentemente, quando foi entrevistado pela U. S. United Press, disse que sempre que se aproximava a altura de anunciar o Prémio Nobel era afectado pela febril agitação provocada pela Imprensa, o que se tornava insuportavelmente maçador.

Quando estava a ser entrevistado por telefone na sua residência em Espanha, disse «*Não me falem nunca mais no que é que vai ser o Prémio Nobel, agora eu apenas quero escrever!*».

Apesar de já ter passado a casa dos 70, continua a fazer com regularidade alguma críticas em jornais e na rádio. As suas críticas não se dirigem os seus compatriotas.

Lushan é uma famosa montanha em Jiangxi, China. Desde que esteve rodeada de nuvens e neblina durante um ano inteiro, *Lushan Mountain* significa o conhecimento da verdade e da realidade «encoberta».



JAPÃO

As obras que exprimem a confiança dos homens

Celebrar
Saramago,
Prémio Nobel
da Literatura

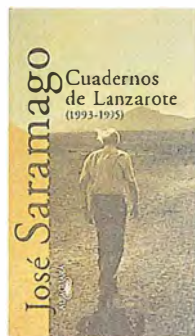
Takiko Okamura

79

In *Asahi Shimbun*, 13 de Outubro de 1998

O PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA SERÁ ATRIBUÍDO a José Saramago. Será a primeira vez que a literatura da língua portuguesa, incluindo a do Brasil e dos países africanos, será galardoada com o referido Prémio, facto que tem sido esperado ansiosamente há muitos anos. António Lobo Antunes, outro escritor português, tem sido também anunciado ultimamente como um dos candidatos, como se estivesse a concorrer com Saramago. Este facto explica-nos que a literatura portuguesa tem atraído globalmente a atenção: com efeito ouvi que a Feira do Livro de Frankfurt do ano passado parecia celebrar o «Ano de Portugal». Infelizmente neste país a literatura portuguesa não é conhecida e espero que haja mais oportunidade para divulgá-la nesta ocasião que se nos oferece. A actividade literária de Saramago é diversa — poesia, teatro e ensaio — mas expressa mais o seu talento nos romances. Desde o primeiro romance *Manual de pintura e caligrafia* (1977), que o autor escreveu já com 55 anos, e *Levantado do chão* (1980), que revelou o nome do escritor, o nome de José Saramago ganha maior valor cada vez que se edita nova obra. Numa dezena de anos tornou-se o escritor mais popular na literatura portuguesa e até um dos autores europeus que mais prémios internacionais da literatura recebeu. As suas obras são publicados simultaneamente em Portugal e no Brasil e muitas delas imediatamente traduzidas nas línguas europeias. É um autor raro em Portugal, que alcançou a fama tanto no seu país como no estrangeiro.

A maravilha da escrita de Saramago está, resumidamente, na capacidade que ele manifesta e na consideração sincera que exprime, ao abordar os problemas essenciais que as pessoas, a sociedade e a literatura contemporâneas enfrentam, tratando sempre temas totalmente diferentes.



De uma obra à outra, Saramago expressa esses temas num estilo característico que diverte os leitores. Todas as obras são profundamente significativas, exprimem a confiança nos homens e atraem e dominam os corações dos leitores.

O escritor abandonou os estudos secundários devido a dificuldades económicas e frequentou uma escola técnica. Não tendo oportunidade de estudar numa escola superior, José Saramago cultivou e diversificou sozinho o seu mundo intelectual. A sua experiência em várias profissões, serralheiro mecânico, funcionário público, etc., bem como a visão social, o talento em captar os temas característicos e o interesse para com o povo anónimo que cultivou quando era o jornalista, ficaram na carne e no sangue do escritor José Saramago. Após o período em que participou activamente como militante comunista na Revolução de 1974, passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário a partir de 1975.

José Saramago ilumina a nova realidade histórica com a ideologia cruzando as vidas do povo oprimido e os acontecimentos históricos. Mais uma característica sua é ser o artífice da palavra utilizando à vontade a sua eloquência mimética do barroco, a imagem realista e pitoresca e o humor. Com este estilo próprio ele conta calmamente problemas sérios e histórias atrozes.

O melhor exemplo talvez seja o *Memorial do Convento* (1982), que o divulgou internacionalmente, em que descreve o povo pobre forçado a construir um convento gigantesco sob o projecto do ditador D. João V, a vida luxuosa da corte, a execução dos hereges em frente da multidão excitada e a mulher vidente que retira as almas dos mortos para fazer um avião voar.

N' *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), obra que causou grande polémica e levou Sara-

mago a emigrar para a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias, o autor põe em questão o significado do pecado, o mito dos personagens e também problematizou o dogma da autoridade.

Não posso esquecer *A Jangada de Pedra* (1986), a história fantástica em que a Península Ibérica larga o continente e flutua em direcção ao Ocidente. Reconhece-se a importância do amor na obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995), em que todas as pessoas cegam subitamente.

A sua mais recente obra é *Todos os Nomes* (1997). Há 5 anos que Saramago tem editado o seu diário sob o título de *Cadernos de Lanzarote*.

Há justamente um ano recebi um fax de Saramago no qual me afirmou «*sem ou com o Nobel, o valor das minhas obras não se modifica*». Sendo um homem honesto, penso que esteja simplesmente satisfeito com o Prémio. Gostaria de celebrá-lo sinceramente.

Takiko Okamura é Professora da Universidade dos Estudos Estrangeiros de Tóquio

Desde há alguns anos atrás, o nome de José Saramago aparece sempre na lista dos candidatos ao Prémio Nobel da Literatura e finalmente, neste ano, este escritor português será galardoado com o dito Prémio.

[...]

Em todas as obras criativas e ricamente embelezadas de José Saramago, o principal ângulo de visão é o estabelecimento do problema da história.

(In *Tokyo Shimbun*, 12 de Outubro de 1998)



O olhar carinhoso e atento de José Saramago, Prémio Nobel da Literatura

O conjunto
das obras
magníficas,
profundas
e cheias
de significado

T a k i k o O k a m u r a

In *Mainichi Shimbun*, 13 de Outubro de 1998

JOSÉ SARAMAGO FARÁ 76 ANOS EM NOVEMBRO próximo mas passou a dedicar-se exclusivamente aos trabalhos literários apenas há 20 anos. Foram precisos só 18 anos para receber o Prémio Nobel, depois de as suas obras serem reconhecidas. A actividade literária de Sara-

magô é diversa — poesia, teatro, contos e ensaio —, mas expressa mais o seu talento nos romances. Lançou dez obras em 20 anos e muitas delas foram galardoadas com vários prémios conceituados tanto em Portugal como no estrangeiro.

Se compararmos as obras com uma voz, a voz de Saramago é forte, madura e alta. Há quem diga que quando Saramago abre a boca, todo Portugal o escuta. Na verdade, as obras dele são demasiadamente difíceis para o público, porém as pessoas compram os livros só por que são escritos por Saramago. As obras dele são magníficas, cheias de significado e profundas, e, além de tudo, o que fascina as pessoas é a técnica da narração do autor. Quando se fala na característica da sua obra, é sempre referida a sua originalidade e sensibilidade tradicional.

Saramago gostava, desde jovem, de literatura e escrevia poesia e ensaios. Porém a vida dele quando jovem era a de um trabalhador. Começando como serralheiro mecânico, o escritor experimentou várias profissões e iniciou-se na vida literária depois de ter participado activamente no mundo político após a Revolução de Abril de 1974. Saramago já tinha passado os 50 anos de idade. É óbvio que o interesse e o carinho do povo anónimo com quem se encontrou na vida diária e o olhar atento sobre os acontecimentos contemporâneos, foram cultivados por Saramago nestas experiências variadas.

Todos os romances são extensos e vendem-se muitos exemplares; entre os que gostaria de resumir, os que melhor sintetizam a obra de Saramago, conta-se *Levantado do chão* (1980), em que descreve a luta pela vida através de quatro gerações numa família indigente do Sul do Alentejo, a região mais pobre de Portugal. A história da vida severa do povo oprimido é narrada do ponto de vista histórico pelo autor e a utilização das palavras e o estilo revolucionário chocou o mundo literário português mas afirmou o nome de Saramago como escritor.



A principal característica das obras de Saramago é que aborda sempre assuntos históricos. Esta tendência aparece claramente no *Memorial do Convento* (1982) que divulgou globalmente o nome do escritor.

A cena passa-se em Mafra, perto de Lisboa, no século XVIII, quando a Inquisição teve o poder absoluto. A história desenvolve-se em redor da construção dum convento gigantesco. Aparecem as personagens que existiram verdadeiramente, como o músico Scarlatti e o Padre Gusmão, que foi perseguido pela Inquisição tentando construir uma máquina que corre no céu; todavia não são as figuras principais.

Os protagonistas são um homem e uma mulher pobres. Baltazar perdeu um braço durante a guerra e Blimunda é a filha duma mulher executada pela Inquisição por ser acusada de bruxa. Eles ajudam o Padre a fabricar o avião — Baltazar com o braço de metal e ela com a capacidade de vidente. Reconhece-se a confiança profunda dos

homens e o optimismo de Saramago através do sonho do padre em fazer o avião e a alegria do amor do casal.

No *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), em que analisou a cristandade como conceito obsessivo de grupo, parece não ter relação com a história e a vida actual de Portugal. Porém, é uma obra que só um português podia escrever, pois a história nasceu duma situação religiosa tradicional de Portugal.

Esta obra provocou grande polémica e o nome de Saramago foi excluído da lista dos candidatos para o Prémio Europeu de Literatura de 1991, porque o escritor ofendeu a herança religiosa portuguesa.

É curioso que Saramago tenha emigrado para a ilha de Lanzarote no arquipélago das Canárias por causa desta «Inquisição» contemporânea.

A obra mais recente é *Todos os Nomes*. Além desta, publica todos os anos o diário *Cadernos de Lanzarote*.





URUGUAI

A coragem de José Saramago

Mario Benedetti

In *Brecha*, 16 de Outubro de 1998



83

A OUTORGAÇÃO DO NOBEL A JOSÉ SARAMAGO, PARA alegria dos seus fiéis leitores e raiva do Vaticano, honra, é claro, o escritor português mas, e sobretudo, prestigia a Academia Sueca e revela a sua actual independência, já que premiar neste globalizado fim de século um escritor confessadamente comunista não me parece que a benquistes com os turiferários do poder. Poucos dias depois de o Papa ter beatificado uma personagem croata que colaborou abertamente com o fascismo, a hipócrita indignação do Vaticano face ao último Nobel mereceu esta resposta de Saramago: «O Vaticano escandaliza-se facilmente pelos outros e não pelos seus próprios escândalos. Gostaria que o Vaticano me explicasse o que é isso de ser um comunista recalcitrante. Talvez queiram dizer coerente. Eu só digo ao Vaticano que continue com as suas orações e deixe os outros em paz. Tenho um profundo respeito pelos crentes, mas não pela instituição da Igreja. O cristianismo ensinou-nos a amar-nos uns aos outros. Eu não tenho a intenção de amar toda a gente, mas sim a de respeitar toda a gente».

A verdade é que o comunismo militante de Saramago nunca o assimilou ao chamado *realismo socialista*. Os seus romances são de um nível e de um rigor literários verdadeiramente excepcionais. Saramago não só é um narrador original, como também tem a coragem de se atrever a escrever sobre temas que não parecem ser os mais adequados para a literatura.

À parte *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, essa obra-prima que lhe deu fama, os seus dois últimos romances, *Ensaio sobre a cegueira* e *Todos os Nomes*, perscrutam, não nas aparências mas sim nas essências do ser humano. Estas obras fora de série são duas grandes metáforas, duas insólitas ficções, mas uma vez instalado nelas, o autor guia-as com a naturalidade com que conduziria relatos de costumes. O leitor descobre que o extravagante se torna quotidiano, que o paradoxal se torna corrente, e isso é o que mais perturba



porque, entre outras coisas, o leitor torna-se cego com todos os cegos e recupera a visão ao mesmo tempo que eles.

No entanto, o verdadeiro complemento desta obra esplêndida é José Saramago como pessoa. Confesso que admiro essa pessoa tanto como admiro a sua obra. Tive a sorte de conhecê-lo em 1987. Tínhamos assistido a um Encontro de Escritores em Berlim e estivemos cinco horas no aeroporto de Roma, à espera da ligação com um voo que nos trouxesse a Madrid. Ele estava com a sua mulher, Pilar del Río, uma simpática andaluza, que com o passar dos anos se converteu também na sua melhor tradutora. Cinco horas são suficientes para falar de todos os temas do Universo e arredores. Não nos tínhamos lido um ao outro, pelo que, a pedido de Pilar, começámos a «contar» os nossos livros. O melhor foi que desse encontro nasceu uma boa e sólida amizade, que teve um belo auge quando, no dia seguinte ao do anúncio do Nobel, Saramago me telefonou do avião que o levava de Frankfurt a Madrid (eu estava ainda a convalescer de uma operação) e pude assim dar-lhe o meu forte abraço aéreo.

Uma coisa que muito admiro em Saramago é a sua forte coerência e o seu valor para a manter. Recordo que, em 1992, em plena Exposição de Sevilha, ele disse coisas como esta: *«Existe a irresistível tentação de nos perguntarmos se os gigantes impérios industriais e financeiros de hoje não estarão, como poderes supranacionais que são, a reduzir a probabilidade democrática, que se encontra conservada na sua forma mas, se não me engano, demasiado pervertida na sua essência»*.

Vários anos depois, quando se apresentou em Madrid a versão espanhola de *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago expressou a sua polémica opinião sobre a democracia, e que era mais ou menos assim (não guardei a citação textual): É certo que, em democracia, os povos elegem os seus deputados, por vezes o seu presidente, mas



esses governantes democraticamente eleitos são imediatamente pressionados, dirigidos, administrados, manipulados e virtualmente suplantados pelos grandes decisores supranacionais, tal como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial ou a Trilateral. «E a estes», perguntou Saramago, «quem os elige?».

Há poucas horas, na concorridíssima conferência de imprensa que deu em Madrid após a obtenção do Nobel, recordou que um grupo social francamente minoritário é o dono da maior parte do capital mundial. E concluiu: *«Por isso é que este mundo é uma merda»*. Aplaudiram-no.

Que na globalização da hipocrisia em que vivemos, quando a relação de Monica Lewinsky ocupa mais títulos de imprensa do que a crise israelo-palestiniana, a queda da bolsa nipónica ou a extensão da SIDA; quando a globalização da frivolidade não só engloba consumidores e consumidos mas também políticos e intelectuais; que logo agora surja um escritor que não tem medo do compromisso e diz com toda a clareza e simplicidade o seu decálogo de verdades, parece-me um acontecimento extraordinário. Para muitos intelectuais que passeiam com o seu pedestal às costas e transportam o seu silêncio culpado para não se zangarem com o Big Brother, a atitude normal e sem rebuços de Saramago vai direita à consciência. Nunca o vimos fazer concessões para obter



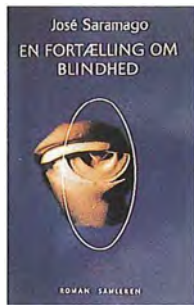
© GUSTAVO SERRANO / LA REPUBLICA



prémios ou privilégios, e quando no seu país deu de caras com a censura, preferiu exilar-se com Pilar em Lanzarote, onde vivem tranquilos com o seu cão Camões e onde os novos livros têm vindo a surgir. A partir dessa ilha singular, viaja e ouve com ouvido faulkneriano o som e a fúria do mundo. Com a sua melhor solidariedade, submerge-se em Chiapas. Tenta (para mal-estar da Igreja) humanizar o próprio Jesus. Recorda aos jovens que se tivesse morrido aos 60 anos, não teria escrito nada, e aos 75 anos adiciona: «Quero que os jovens saibam que nós, os velhos, estamos

aqui para trabalhar». E ele trabalha. Romance após romance. Compromisso após compromisso. «Toda a minha obra é uma meditação sobre o erro», disse em 1990. Talvez por isso atravessasse a história, a cegueira, a rotina, a fé, como um esforço para desfazer agravos e também para a si mesmo se emendar os defeitos.

Com Nobel ou sem Nobel, José Saramago é um dos criadores mais notáveis que nos deu este século que agora nos deixa, e não só da desatendível língua portuguesa, mas também da universal língua do homem.



BRASIL

Romancista da Condição Humana

Wilson Martins

In *O Globo*, 9 de Outubro de 1998

No COLÓQUIO SOBRE O ROMANCE, REALIZADO EM 1970 na Universidade de Estrasburgo, o chamado «novo romance» esteve praticamente no centro dos debates, mas, como seria de esperar, nenhuma alusão foi feita ao «novo romance» em língua portuguesa, nem a José Saramago, que, àquela altura, já o havia criado em dimensões originais, para além das simples manipulações de estrutura que haviam caracterizado o protótipo francês. O romance tradicional, declarou então M. Mansuy, «já não consegue satisfazer plenamente, pois sua montagem se mostra cada vez mais convencional».

Ocorria, entretanto, que, já então, o «novo romance» satisfazia cada vez mais enquanto «aventura de uma narrativa», tornando-se tão rotineiro e tedioso quanto a «narrativa de uma aventura» que pretendia substituir. A esse propósito, observei, em 1986, que o novo romance era mau romance, fosse qual fosse o seu interesse como exemplo de experimentalismo narrativo. Nessas perspectivas, acrescentei, «pode-se imaginar que, dez ou 15 anos depois, outro colóquio sobre o mesmo tópico já não tomaria o novo romance como divisor de águas, mas é presumível



vel que ainda se referisse a Balzac ou Dostoiévski, Proust ou Thomas Mann, Machado de Assis e José Saramago (a supor que, realizado na França, pudesse superar o provincianismo característico do espírito francês).

Tendo conferido o Prémio Nobel ao «novo romance» francês em 1980 (mas não a Robbe-Grillet, que seria o candidato natural), a Academia sueca distinguiu finalmente, na pessoa de José Saramago, a literatura de língua portuguesa. Ele é, de facto, um dos romancistas universais de maior estatura. Do *Memorial do Convento* a *Todos os Nomes*, passando por *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago não apenas renovou a temática do romance português, como as suas técnicas estruturais, para nada dizer do extraordinário



estilo literário propriamente dito: é, na linhagem de Malraux (candidato permanente e infeliz ao Prémio Nobel), o romancista da condição humana. A condição humana vista pelo prisma histórico e sociológico de Portugal. O indivíduo é, nos seus romances, uma parte da engrenagem social, não a personagem idiossincrásica que tradicionalmente povoa a ficção.

Ele é o homem que faz do homem uma «ideia política» (no sentido aristotélico da palavra), com prolongamentos ideológicos e até partidários. Nesse particular, a sua visão denuncia algum ressentimento irónico contra o mundo tal como existe. Isso o leva, por vezes, do realismo de observação às alegorias fantasiosas, se não nostálgicas, como no destino metahistórico que imaginou para a Península Ibérica. Lembre-se que é adversário da União Europeia, desejando que as terras ibéricas dela se desligassem por qualquer incorrigível cataclismo tectónico.

No sistema orográfico do romance português, ele é o pico isolado e de maior altura — inacessível para os alpinistas de fôlego curto. É uma literatura, a portuguesa, que vive em simbiose consigo mesma, que se alimenta da convivência e da via literária, das relações e dos antagonismos pessoais, quadriculada em grupos endogâmicos. Fazendo residência numa ilha, ele propõe, por assim dizer, a metáfora da própria extracontinentalidade, numa espécie de arrogante, mas também nostálgico, desafio. Recebendo agora o Prémio Nobel, a vingança se completa para um escritor que já lhe viu negada pelo governo do seu país uma pequena honraria nacional — e o homem que reivindica o próprio esquerdismo mais como atitude, creio eu, do que por convicção, terá encontrado na religião profana do comunismo o que lhe compensasse o ateísmo de ordem espiritual. Vai receber o prémio burguês por excelência presumivelmente com um discurso revolucionário — o prémio, justamente, que estabelece o território da grande burguesia literária.

José Saramago é o Suco da Barbatana da Língua Portuguesa

Horácio Costa

In *Folha de S. Paulo*, 10 de Outubro de 1998

Com prazer a todos, ou quase todos, nos chega a notícia de que José Saramago acaba de receber o Nobel de 1998.

Em primeiro lugar, frise-se que esta é uma novidade relativa: há muito vem-se comentando que o prémio deveria ser dado a algum escritor da nossa língua, a cujas instituições — triste herança dificilmente superável — falta vontade política e a cujas intelectualidades, em ambos os lados do Atlântico, um pouco mais de *sprit de corps* (especialmente considerando-se o crescente distanciamento literário entre Portugal e o Brasil).

O Nobel, que é o prémio mais visível do mundo, trata-se por isso mesmo de uma coisa tanto política quanto literária; quem tem alguma dúvida, que compare o desempenho internacional de nossa língua com aquele de nossos «hermanos», que já foram galardoados muitas vezes.

Em segundo lugar, já há alguns anos esperava-se que José Saramago — com sua poderosíssima prosa de ficção e seu talento plenamen-



te europeu, escudado por boas traduções para as línguas centrais do ocidente e apoiado por muitos descontentes com a chamada globalização (entre os quais, as esquerdas de ontem e de hoje) — passaria a ser o «primeiro da fila» entre aqueles que escrevem em português.

Em boa hora, portanto. Não foi fácil furar o muro de desinteresse com o qual a língua portuguesa tem que se deparar, por um lado desvalida do empenho e/ou da capacidade de promotores (e até de leitores) e, ainda assim, ou por isso mesmo, sujeita a periódicas febres de picuinhas domésticas, e por outro obnubilada pela sombra hispânica — de novo, não nos enganemos: lá fora, infelizmente, a tendência é que o português venha a ser estudado «depois» do espanhol, por aqueles que se tornarão nossos tradutores e críticos literários; daí muitos ficarem pelo caminho.

Vale mencionar que Saramago não lutou sozinho, e nem lutou por isso: a dimensão de sua luta básica, a de conquista de sua própria expressão literária, pode ser dada pelo prolongado do seu processo de amadurecimento como autor.

De facto, 30 anos foram consumidos entre a publicação do seu primeiro (e *fraco*) romance, *Terra do Pecado*, em 1947, e o seu segundo, *Manual de pintura e caligrafia*.

Nesse longo espaço de tempo, Saramago, cujo único diploma é o de técnico-electricista, exemplar e autodidacticamente cresceu em termos literários, experimentando muitos géneros: poesia, teatro, crónica e crítica (sobre esse percurso, escrevi uma tese, já publicada em livro: *José Saramago: o Período Formativo*), sobrevivendo como jornalista e tradutor.

Em resumo, o escritor português, que só começou a ser bafejado pelo sucesso de crítica e de público depois da publicação, em 1980, de *Levantado do chão*, disciplinada e pacientemente construiu a sua firmeza.



Num mundo que parece ter perdido o sentido comum, e no qual tudo parece voltar-se para o binómio consumo e mercado, esse empenhamento fundamental não pode deixar de ser admirado. Os frutos que advieram disso não foram poucos. Se, nos géneros literários que desenvolveu ao longo de seu período de formação, José Saramago não ultrapassou, salvo raros momentos, uma singular mediania, o conjunto de romances escritos nos últimos 20 anos coloca-o directamente entre os mais importantes e fecundos escritores da língua. Nesse âmbito, a obra de Saramago incessantemente «fala» com a seus antecessores: sua preocupação com a história, num momento no qual cassandras decretam-lhe o fim, remete a um Alexandre Herculano; sua dicção, baseada num tom despiciendo e digressivo, remete à de Almeida Garrett, seu cuidado com a forma do romance, cada vez mais depurada, remete a Eça.

Em poucas palavras, Saramago está firmemente ancorado em sua tradição doméstica, do qual é prova o seu longo encantamento com a palavra barroca — que, de facto, parece ter diminuído em seus últimos romances —, no qual revelam-se as suas leituras de clássicos como os oradores religiosos António Vieira, Manuel Bernardes e António das Chagas, e ao que se soma a incorporação, tanto em nível da anedota como da escritura mesma, dos maiores poetas portugueses, Camões e Pessoa.



O prémio a Saramago vem num ano significativo para Portugal; há exactos cinco séculos Vasco da Gama culminava o périplo africano que os portugueses tinham começado cem anos antes e faria terra em Calecute.

O efeito foi sentido em toda a Europa. Nós, por exemplo, não existiríamos sem isso, e provavelmente nos expressaríamos em outra língua que não esta.

Sem dúvida, essa efeméride terá sido considerada pelo comité do Nobel, para outorgar o prémio a um autor português.

Mas isso nada valeria sem o peso específico, o talento e o empenhamento daquele que, quase unanimemente, é considerado o maior narrador vivo da língua portuguesa — e um dos maiores da Europa.

Por mencioná-la, José Saramago dirige-se a uma Europa que não quer reduzir-se a cifras e a metas, fala de um mundo áspero e periférico e o faz numa língua burilada e culta.

Seus romances são cada vez mais exigentes, mais autoritários para o leitor, e parecem escritos tanto a conta corrente do universo *light* da pós-modernidade mercadológica, como dos experimentalismos que caracterizaram a Alta Modernidade internacional.

Em resumo, testificam um grande escritor, dono de um universo e um estilo próprios.

Tudo isso lhe garantiu o Nobel. Num cenário literário até certo ponto deliquesciente, responsável pela entrega do prémio a escritores menores, mas que se expressam em línguas centrais, o facto de Saramago ter sido o escolhido para receber o primeiro Nobel da língua portuguesa nos dignifica a todos os que a compartilhamos.

Os chineses, para referir-se a algo excepcional, remetem à sua iguaria quintessencial, a sopa de barbatana de tubarão.

Pois bem, José Saramago é o suco dessa iguaria, suco da barbatana de uma língua que cruzou os mares.

O português premiado

In *O Estado de S. Paulo*, 10 de Outubro de 1998

O PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA JÁ FOI CONFERIDO por duas vezes a autores de língua grega — Giórgios Seferis e Odysseas Elytis — um dos veículos do pensamento ocidental, mas hoje de curso muito limitado fora de seu território de origem.

No ano passado, a honra coube (pela terceira vez) a um autor de língua italiana, idioma também de escassa difusão pelo mundo.

Com José Saramago, o premiado deste ano, a consagração vai para o universo de mais de 200 milhões que têm o português como sua língua, espalhado por quatro continentes.

Esse reconhecimento tardio tem razões que não cabe aqui discutir, quer se trate do autor, com uma obra iniciada em 1947 e com traduções em cerca de 28 idiomas, quer se trate do meio de expressão, aparentemente ignorado na longa existência do Prémio Nobel de Literatura. Mas se constitui certamente num estímulo para preservação, actualização e aprimoramento do mais profundamente humano de todos os patrimónios, a língua, correlativo perfeito e constante do pensamento.

Não é, com efeito, à toa que as regras do escrever e falar são, universalmente, as próprias regras do pensar. A mesma lógica é a referência de ambas.

Esse predicado, os génios da literatura o exploram até o limite do possível. Limite, ademais, cada vez mais difícil de se fixar, dada a dinâmica de ambos, do pensamento e da língua. Quando se fala de criação literária, não é força de expressão. Os grandes da literatura fazem do instrumento de comunicação, que é a língua,



instrumento também — e contagiante, provocador — de invenção e de reflexão.

Eis por que, embora reconhecendo-a como procedente, Saramago não se mostrou conformado com a etiqueta de barroca, aplicada à sua literatura. Em entrevista concedida ao *Estado*, emendaria com suas reticências: «Reduzir um estilo a uma etiqueta não é nada bom. Parece que fica tudo dito, mas no fundo o principal permanece de fora».

Ele está chamando a atenção para o risco de se expor a uma consideração superficial a obra de ficção.

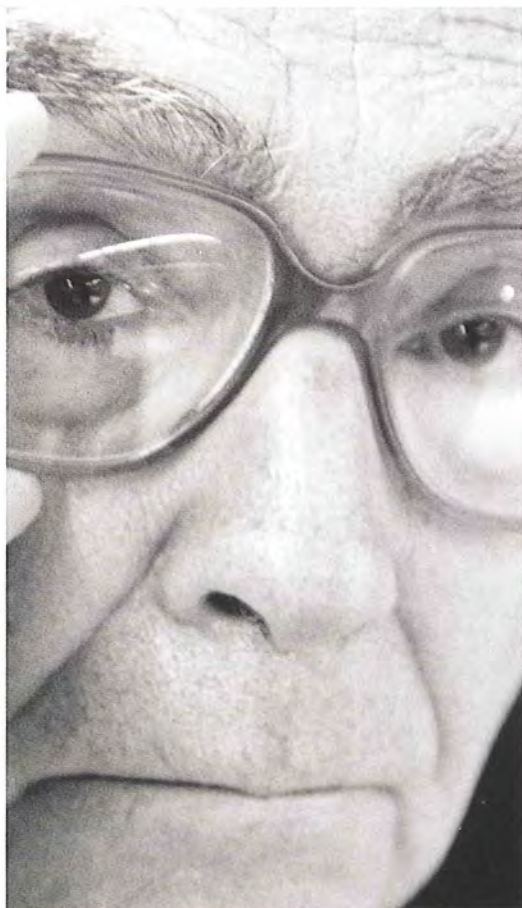
No seu caso, o cerne de toda uma obra literária. Porque a ficção de Saramago não é a fuga

para a fantasia, por mais fatigante que seja. Nem, à maneira romântica, o refúgio no subjetivo.

Seu interesse pela história, pelo legado cultural português — em que ele inclui, apesar de se professar incrêdo, o cristianismo — e pela contemporaneidade exclui essas hipóteses. Talvez seja mais adequado alinhar seu gênero com o das utopias, que jamais aceitam como facto consumado o que é dado como tal pela sociedade; como verdade única, o que é de aceitação generalizada. Na história documentada, por exemplo, nada o satisfaz: «Claro que não se deve ter ilusões: a grande história completa não se saberá nunca».

O prémio dado a Saramago é gratificante para essa comunidade de povos que tem no português seu principal instrumento de relacionamento. Como disse Lygia Fagundes Telles, evocando Fernando Pessoa, «a língua portuguesa é minha pátria». Pátria, aí, no sentido mais amplo e mais rico de um projecto de civilização. Portugal o trouxe consigo, ao se lançar à busca de novos mundos. Esse projecto é, hoje, completamente outro do que era então; mas não se perde de sua grande referência, a língua.

© DANIEL MORDZINSKI



O português na Suécia

Paulo Delgado

O português é uma língua melancólica, com grandes deslices rítmicos e polifonia musical.

Coube a José Saramago representar os escritores de língua portuguesa na premiação de maior repercussão na literatura mundial. Com algum atraso, finalmente chegou a Estocolmo algum parente de Alfred Nobel que conheça a sexta língua mais falada no mundo, por 170 milhões de pessoas que a têm como língua materna. Premiou-se Saramago, nativo do país onde o português tem origem, em sua obra literária. O idioma, a forma e o conteúdo expressos nos livros de Saramago ganham da Academia sueca o reconhecimento que já têm em vários países do mundo.

Não pensem os suecos que projectam Saramago com a premiação. O contrário é mais verdadeiro, pois é Saramago que espanta um pouco o bolor do Prémio Nobel. A sua literatura vem ganhando o mundo há alguns anos por falar, por meio da boa escrita, sobre a tremenda angústia do homem contemporâneo. Bom de ler, bom de ouvir, bom de conversar, Saramago premiado pode ser importante não apenas para valorizar a língua portuguesa, mas também para que os homens e mulheres que procuram encontrar formas de construir uma sociedade humana com mais justiça se dêem mais valor.

Drummond, Graciliano, Guimarães, Clarice, Joio Cabral. Para a literatura de língua portuguesa são tão importantes quanto foi descobrir a pólvora. Do Brasil, maior país do mundo que tem a língua portuguesa como o seu idioma materno e oficial, a Academia sueca ainda tem muito que descobrir. E, como com Saramago, descobrira muito depois de milhões de leitores e admiradores das obras desses mestres das palavras escritas em bom português. A qualidade do que se produz em língua portuguesa — prosa, poesia, música — tem pouco valor no mundo definido pelo poderio económico das nações.

Deputado federal. Brasil.

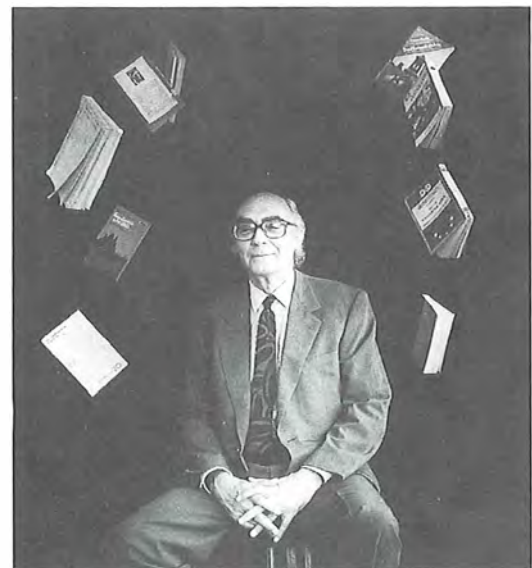
O português é língua oficial de sete países — um dos mais frágeis da Europa, um latino-americano e cinco africanos. Na Ásia tem uma pequena penetração. É uma língua excluída do circuito das grandes decisões económicas e políticas mundiais. É língua oficial da União Europeia, por causa de Portugal, mas não está entre os idiomas oficiais reconhecidos pela Organização das Nações Unidas. Entre os países vencedores da Segunda Guerra Mundial, que criaram a ONU, havia nações de língua portuguesa. Curiosamente, hoje o italiano e o alemão, idiomas dos maiores derrotados da Guerra, estão entre as línguas oficiais da ONU. A Alemanha tomou-se uma das cinco maiores potências mundiais e a Itália está no time dos países desenvolvidos. É o peso do ouro.

A premiação de Saramago e da língua portuguesa pode ajudar a despertar os governantes dessa língua a buscar valorizá-la e preservá-la. No Brasil, é uma língua cada vez mais mal escrita e mal falada. E pouco ensinada, pois, entre nós, 30 milhões de pessoas não sabem utilizá-la por escrito e a falam de forma precária. Não há qualquer política oficial de protecção da língua contra a hegemonia *caipira* do inglês norte-americano, que acompanha as imposições da maior potência económica mundial. Os governantes e as instituições que têm poder, entre elas a média, grande responsável pela difusão da língua, precisam entender que não há modernidade na perda de raízes. Seria interessante observar com mais cuidado a luta diária dos franceses para preservar sua cultura, inclusive com leis contra o estrangeirismo, que certamente seriam ridicularizadas pelos mais badalados homens de imprensa e agências de publicidade do Brasil.

Sem conhecer suas raízes, os países que buscam alcançar poder económico jamais poderão ser também donos de força social e cultural. A partir da língua premiada podemos pensar nos cidadãos falantes do idioma, que não

têm direito sequer a aprendê-lo com rigor e qualidade. Qualidade que, necessariamente, deve incluir as origens culturais de toda ordem, que miscigenam o português e as línguas indígenas, no Brasil e na África. Para sermos cidadãos do mundo ou país inserido no contexto mundial, é preciso que saibamos chegar com a nossa própria bagagem, esta que aos poucos esquecemos. Os países que hoje estão no time dos desenvolvidos, e que vêm ditando as regras do jogo internacional, souberam e sabem como ninguém defender seus valores culturais. No caso brasileiro e de praticamente todos os países em desenvolvimento — emergentes, na linguagem actual —, essa valorização só não existe pelo descaso recorrente dos sucessivos governantes.

Aos suecos e seu benemérito mais conhecido fica o consolo de terem encontrado tempo para reconhecer a língua portuguesa ainda viva, principal referência de um povo acostumado, pela nossa história, a aceitar a ideia de que, ao final e ao seu modo, tudo se acalma e pacifica. Nem sempre a nosso favor, com essas excepções suecas de sempre.



Saramago em Jalisco

Carlos Fuentes

Texto com que Carlos Fuentes recebeu José Saramago durante a sua visita ao México, em Guadalajara, Jalisco, em 13 de Março de 1998.

QUANDO, NO VERÃO PASSADO, LEVADOS PELO nosso amigo Juan Cruz, fomos, Silvia e eu, visitar-vos, a Pilar e a ti, na ilha de Lanzarote, primeiro pensei: esta ilha não existe, é uma miragem, aproximo-me de uma nave de pedra fantasmagórica ancorada frente à costa de África... Como é que pode existir uma ilha que não acaba de nascer, que ainda não teve tempo de fazer história?

Olhamos as montanhas de fogo gelado que dominam a paisagem e recordamos que só há dois séculos existem. Olha: encontramos-nos numa ilha trémula onde o fogo está enterrado mas continua vivo, onde basta plantar uma árvore a menos de um metro para que as suas raízes ardam e verter um cântaro de água numa covapara que o líquido ferva.

Ali vivem Pilar e tu, Saramago, e ao chegar a Lanzarote eu perguntei-me: Como pode este escritor escrever rodeado de cordilheiras debaixo do mar e areias de um azul mais intenso que o do oceano e do céu juntos? Que poderes possui Saramago para vencer com a sua pena, dia a dia, a natureza terrível, gelada e fervente ao mesmo tempo, desta ilha que devia permanecer, talvez para sempre, submersa, parte da cratera do mar?

Perdoa-me, Saramago, mas desde então leio e releio os teus livros imaginando-me em Lanzarote e imaginando-te a ti escrevendo-os todos nessa ilha que te permite viajar pela vida sobre uma jangada de pedra com velas de papel.

Lanzarote é a paisagem do primeiro dia da criação.

E no primeiro dia da criação, Deus disse que no princípio era o Verbo e retirou-se para a sua herdade de nuvens, tendo aberto e fechado, instantaneamente, com o seu único verbo, o livro da criação.

Então chegou Saramago e disse:

Está certo. No princípio foi o verbo, mas o verbo não é eterno, é simplesmente interminável.

Talvez Deus, ao dizer a sua primeira palavra, pensasse que dizia a última palavra.

E os poderes do mundo estiveram de acordo com Deus. Não há nada a acrescentar. Tudo está dito, tudo está legislado. As imperfeições do mundo

são menores e podemos consertá-las, como se conserta um automóvel ou uma cafeteira.

Por outro lado, chegou Saramago, o romancista, e disse-nos: Nada está dito. Tudo está por dizer. Cada vez que alguém diz «*Tudo está Dito*», isso significa que «*Não se disse Nada*». Ou que já não se deve dizer mais. Ao calar, disse-se.

José Saramago quer unir-se assim aos homens e às mulheres que querem dizer as suas palavras. Esta é a razão do seu trabalho e a honra dos seus romances: Dizer a palavra anterior, a herdada. Mas também a palavra por vir, a desejada. Esta é a colheita do romancista Saramago: tudo o que foi dito e o que falta dizer.

Estou a definir a arte de Reis, o *Memorial do Convento*, a *História do cerco de Lisboa*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, o *Ensaio sobre a cegueira* e, finalmente, *Todos os Nomes*, os nomes da humanidade que não disse a sua última palavra.

Ricardo Reis, Saramago: Somos mais que um só Fernando Pessoa, somos uma pluralidade de seres faladores, todos podemos ser poetas.

História do cerco de Lisboa, Saramago: Basta mudar um dado para que mude a história. Como o jogador de Xadrez, o romancista Saramago, ao mover uma peça do tabuleiro, sacrifica o milhão e meio de possibilidades e consequências que um movimento diferente tivesse desencadeado. Assim presta contas Saramago à verdade: multiplicando as possibilidades da liberdade.

O Evangelho segundo Jesus Cristo, Saramago: Porque é que o carpinteiro José não avisou todas as mães de Israel daquilo que José sabe: que Herodes vai assassinar todos os recém-nascidos do reino? Para salvar Jesus, para que Jesus cumpra o seu destino, que será, também, a sorte da morte? Será que José reserva Jesus para a morte na Gólgota? Para isso salva-o Herodes? E os outros, todos os outros meninos, esses o quê? Pode elevar-se a glória de Deus ou de um governo sobre a miséria de um só menino morto?

Todos os Nomes, Saramago: O Sr. José, o escrivão da vida e da morte, sabe que não pode pronunciar-

-se o nome de Deus sobre o silêncio anónimo de todos os homens. Dei o nome de Deus, Saramago, só para reclamar que se digam também todos os nomes silenciados pela crueldade de Herodes.

És um herege, Saramago, e herege quer dizer o que escolhe, o que conta uma história diferente.

Continua a narrar, Saramago, não contes a história que nos contaram, mas sim a história com que ainda sonhamos.

Não aceites nenhuma verdade, Saramago, pede contas a todas as verdades.

Não te submetas à civilização que nos impõem, Saramago, continua a criar uma civilização à qual possamos pertencer livremente.

Avisa os vizinhos, Saramago, escreve para dar a voz de alarme, aí vem o assassino, o déspota, o torturador, o indiferente, o desdenhoso, o que odeia todos menos a si mesmo, o que encolhe os ombros; enfrenta-os, Saramago, com a paixão dos teus romances, não te dês por vencido, Saramago, não desistas.

Os teus leitores, apesar de serem muitos, são sempre poucos, mas os teus leitores, mesmo que sejam poucos, são sempre muitos.

Dá a cara à tua ilha ardente, Saramago, e navega com ela, com a tua jangada de pedra narrativa, ao lado de Pilar, até nós, os teus amigos aqui em Guadalajara, onde os esperamos aos dois, com os braços abertos, para ouvir finalmente o canto das sereias.

Continua a escrever, Saramago, a interminável Odisseia que vais cantando de ilha em ilha, de leitor em leitor, até formar o mais bonito arquipélago da Terra, o rosário do livro que se nega a escrever a palavra Fim.

Não, a ilha de Saramago não acaba de nascer, a ilha não teve tempo de fazer história, a ilha espera o romance seguinte de José Saramago para continuar a nascer, para inventar a história, para dar olhos aos cegos e nome aos anónimos e justiça ao oprimido e vida à criança.

Em meu nome e no nome de Gabriel García Márquez, tenho um imenso prazer em oferecer a Cátedra Latino-americana Julio Cortázar ao grande escritor português e universal José Saramago.

D. José

Sérgio Ramírez

PERGUNTEI A D. JOSÉ, NAQUELE ALMOÇO NO PALÁCIO de San Ildefonso, no México, se o nome da sua personagem de *Todos os Nomes*, o Sr. José, tinha sido escolhido como homenagem a si mesmo, e ele respondeu-me com esse sorriso humilde que o desarma, mas que antes desarma o seu interlocutor, que tinha posto José à sua personagem porque não lhe tinha ocorrido outro nome mais humilde. Já havia antes o José carpinteiro, nas páginas do seu *Evangelho segundo Jesus Cristo* e agora o D. José vinha-nos com este José, o amanuense.

José, o amanuense. Um obscuro burocrata, muito humilde, que passa a vida a assentar nomes de mortos no registo público e vive ali mesmo, solteiro e solitário, e a partir dessa solidão começa a viver uma enorme história de amor, dramática, misteriosa, surpreendente, mas um amor de papéis, como corresponde a um amanuense cumpridor. Uma alegoria, um romance negro, um romance de amor.

O amanuense José, apaixonado por uma mulher desconhecida que é apenas uma ficha do registo, começa a procurá-la, naquilo que é a grande aventura da sua vida, e volta no fim para comparecer à frente do grande registador, dono dos destinos, vidas e mortes, dentro do sombrio edifício antigo, onde estão registados *todos os nomes*.

Perguntei também a D. José, com essa impertinência que pomos ao interrogar os escritores, porque já lhe devem ter esquecido os detalhes da trama do livro, visto estar já a urdir a do seguinte, se o Pastor de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* era o mesmo Pastor que, no fim de *Todos os Nomes*, aproxima o seu rebanho de ovelhas do cemitério onde o José amanuense procura a sua amada, o Diabo de novo vestido de pastor de ovelhas; aquele Pastor que no meio do lago Tiberiades, sozinho com Jesus num barco solitário, o interroga e o tenta, uma das passagens mais belas de todas as literaturas. Disse-me D. José, com um sorriso complacente, que sim, talvez.

Sérgio Ramírez foi vice-presidente da Nicarágua pela Junta Sandinista.

Era Março quando, nessa vez, estávamos no México para o encontro de Geografia do Romance, promovido pelo Colégio Nacional, graças a Carlos Fuentes, e conheci também esse outro grande escritor que procura sempre passar despercebido e oxalá seja Prémio Nobel algum dia, o sul-africano J. M. Coetzee, que escreveu pelo menos duas novelas magníficas, *Esperando os bárbaros* e *Foe*.

D. José aparecia nessa altura em todos os jornais falando com dignidade e coragem sobre Chiapas. Tínhamo-nos encontrado pela primeira vez na tarde anterior, no acto presidido por Cuauhtémoc Cárdenas, no qual a Cidade do México era declarada cidade de refúgio para os escritores perseguidos. Fui direito a ele pela sua imagem das fotografias, e por aquele sorriso, tão quente e tão franco: foi como se nos conhecêssemos desde sempre.

Esse homem com cara de professor universitário, de estatura imponente e andar juvenil, tez morena e lentes grossas, está sempre a sorrir, com tranquilidade, salvo quando se zanga profundamente em defesa das boas causas, face às quais tem de ser profundamente radical, uma palavra tão utilizada nos dias que correm, radical, mas à qual o D. José confere tanta dignidade nas suas palavras e nos seus actos.

Tínhamo-nos encontrado outra vez em Madrid, nos ritos multitudinários da Feira do Livro do Retiro, pejada de leitores indo e vindo pelas alamedas, cada qual com o seu igual, diríamos, cada rebanho com o seu pastor, cada escritor na sua casota, um com a fila de leitores devotos, como D. José, assinando com pausas cordiais; outros suspirando pelos leitores, como uma apaixonada na sua janela, toda uma feira de vaidades, como a de Thackeray no seu romance inesquecível.

Agora era Junho em Lanzarote. Entrou D. José com Pilar, sua mulher, na Casa da Cultura de Arrecife, em frente aos recifes da praia de poucos

banhistas, no entardecer do princípio de Outono, como se fosse só mais um habitante, tranquilo e circunspecto (se estivéssemos nos anos trinta, devia usar chapéu panamá, e se fosse no princípio do século, bengala com castão de prata), para assistir à apresentação do meu romance *Margarita está linda a mar*, um famoso, tão famoso pelos corredores, dando sem protagonismos os seus pontos de vista na altura do diálogo com o público, do seu assento da primeira fila e, logo a seguir, pelas ruas para entrarmos no pequeno carro, cruzando-se com os turistas alemães, encarnados como lagostas cozidas, como certamente Robert Graves andando pelas ruas de Deià, em Maiorca, longe de toda a publicidade.

No restaurante de Puerto del Carmen, continuámos a falar sobre literatura e, um pouco à socapa, a falar do Prémio Nobel, um tema que não agradava muito a D. José, dizendo Pilar que cada vez que se aproxima o anúncio do ganhador, os fotógrafos e os operadores de câmara acampam em frente da casa, e só se vão embora quando não há nada, deram o prémio a outro. Mas também falámos, e muito, da América Latina, D. José, essa espécie de profeta laico que explica as suas posições como analista, com opiniões calmas e seguras, mas irredutíveis.

Por fim quero contar este último caso: saindo nessa madrugada da sua casa de Los Topes, na aldeia de Tías, casas brancas na paisagem de ferro de Lanzarote, disse-lhe: «D. José, este vai ser o último ano em que vai ter os fotógrafos e os operadores de câmara a acampar em frente da sua casa»; fez um gesto com a mão, como que afastando essa ideia da cabeça, sorrindo, o que vai ser.

E foi. Deram o Prémio Nobel a um grande escritor deste século, deram-no à língua portuguesa, que é como se o tivessem dado ao mesmo tempo a Eça de Queiroz, a Pessoa, a Machado de Assis, a Guimarães Rosa; mas também o deram à língua espanhola, porque D. José é muito nosso. Ele e a dignidade que representa.

Prosadores portugueses: José Saramago

S t é p h a n e Z é k i a n

JOSÉ SARAMAGO É CONSIDERADO NO SEU PAÍS UM verdadeiro monstro sagrado. A sua entrada tardia na literatura não deve esconder a importância da obra. Desde 1987, data em que a França teve acesso à primeira tradução¹, as edições têm-se sucedido com regularidade.

Publicado originalmente em 1984, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* foi traduzido para francês em 1988. O contexto era então favorável a uma recepção atenta da obra, visto que a crítica pessoal estava nessa época em pleno florescimento². Ora este romance situa-se na constelação do poeta português: Ricardo Reis é, com efeito, um dos seus heterónimos e é precisamente esta criação — esta criatura? — de Pessoa que serve de ponto de partida a Saramago. Ponto de partida denso pois Reis foi dotado de um físico preciso, de uma biografia, de um mestre pensador — Alberto Caeiro — não só dos outros heterónimos mas igualmente da obra. Tem mesmo direito, por vezes, a um tratamento de favor por parte dos dicionários: regularmente mencionado no artigo sobre Pessoa, acontece-lhe beneficiar de um artigo autónomo³.

De facto, Reis é o herói — ou pelo menos a personagem principal — deste romance. E a sua existência não está sujeita a caução. O próprio título da obra, insistindo no desaparecimento de Reis, invalida a questão da «realidade» da sua existência. O efeito de um título é assim o de garantir que Reis não é uma visão do espírito: o que a vida de Reis afirma, é, em primeiro lugar, a sua negação («a evidência da morte é o véu debaixo do qual esta se dissimula», diz-nos igualmente Saramago, seguindo um raciocínio análogo). Todo o tema do romance está aqui: trata-se de negar as categorias de verdadeiro e falso, de esvaziar as noções do seu conteúdo. E a epígrafe de Fernando Pessoa a isso nos convida de forma abrupta: «...não tenho nenhuma prova de que Lisboa tenha também existido, ou eu que escrevo, ou qualquer outra coisa noutro lado qualquer».

In *Prétexte*, nº 18/19, 1998.

Como se compreende, tudo aqui é uma questão de fronteiras: fronteiras do real e da ficção, mas também fronteira da palavra. Saramago recusa, com efeito, o uso tradicional da pontuação. Os diálogos oferecem-se assim como uma sequência quase ininterrupta de frases, sem que as interrogações e as exclamações sejam traduzidas tipograficamente. Resulta disto a génese de um verbo neutro, descarnado, desligado de qualquer suporte, de qualquer identidade: imemorial, este verbo circula de indivíduo em indivíduo, para além das épocas, sem nunca se fixar («*Ela falou de outra coisa, um dia, sem acabar a frase. Alguém a continuarásem que se saiba quando e porquê, um outro acaba-la-á mais tarde, mas onde. Por agora, apenas se disse Um dia*»). As vozes do morto e do vivo, do verdadeiro e do falso misturam-se assim inextricavelmente. A este propósito, este romance pode ser considerado como um romance da voz, predominante, forte, ecoando para além de qualquer ligação. É significativo, nesta perspectiva, que, desde as primeiras páginas, Reis considere que «*o hotel é suficiente, lugar neutro, sem compromissos, lugar de passagem e de vida à espera*». Poderia dizer-se que as figuras convocadas por Saramago são também espaços de espera, nunca actualizados nem plenos de qualquer certeza identificativa. Como ficar espantado, nestas condições, com o facto de Lisboa não coincidir consigo própria? Trata-se realmente de uma cidade impossível de delimitar, de ortografias múltiplas, correspondendo portanto a representações mentais muito diversas («*Lisboa, Lisbon, Lisbonne, Lisabon [...] exprimem cada um deles uma coisa diferente*»). Neste labirinto onde o leitor se perde facilmente, a questão central resume-se a «Quem?». Compreende-se por que razão Reis lê *The God of Labyrinth* de um certo Herbert Quain, «*um nome realmente muito peculiar pois sem cometer quase nenhum erro de pronúncia, poderia ler-se Quem, você leu Quain, Quem...*». Mas o livro revela-se interminável, sempre recomeçado («*Ele duvidava*

que o terminasse algum dia...»): não nos admiremos assim que esta questão da identidade não tenha finalmente resposta. E Pessoa, no decurso de uma das visitas fantasmagóricas a Reis, bem pode dizer-lhe: «[...] *o seu caso é desesperado, você finge ser simples, você brinca a ser, você é o simulacro de si mesmo*».

Esta paisagem de sombras inatingíveis é mesmo assim atravessada por uma figura estável, fascinante e à qual Reis sucumbe inevitavelmente: Marcenda é uma rapariga cujas visitas pontuais a Lisboa ritmam a existência do herói. Ela atrai Reis irresistivelmente, mas não nos demoraríamos mais sobre o seu caso se ela não apresentasse uma particularidade essencial. Marcenda sofre com efeito de uma inexplicável e incurável doença do braço que a deixa gravemente deficiente: só se pode servir de um braço. Esta doença não podia deixar de suscitar a simpatia de Reis, que encontra em Marcenda como uma irmã na incapacidade de ser. Médico de profissão — podemos ver aqui uma trágica ironia — Reis não é capaz de viver, de se definir, de se encontrar, é, a um tempo, muitos e nenhum. A deficiência de Marcenda traduz fisicamente essa incapacidade, ontológica, aquela que é também para Reis a única possibilidade de existência. Reencontramos aqui uma figura de preterição⁴: dizer incapacidade de ser mas, pelo efeito desta expressão, aceder à capacidade de ser (dizer a morte, mas, dizendo-a, estar vivo). Reis escreve, apesar de tudo, e este grande romance de Saramago sobre a incapacidade de ser e a incerteza, dá-nos uma singular impressão de poder, e de talento nunca desmentido.

¹ Tratava-se de *Memorial do Convento*, publicado em co-edição pela Albin-Michel / A-M. Metaillé.

² Foi, por exemplo, em 1988 que José Gil edita o seu *Fernando Pessoa ou a Metafísica das sensações* nas Editions de la Différence.

³ É o caso do *Dictionnaire des Littératures*, dirigido por Jacques Demougin, Larousse, 1992.

⁴ Lembremo-nos que Mallarmé celebrava no seu tempo «*a musa moderna da impotência*».

O Mundo Literário de José Saramago

Kim Yong - Jae

Departamento de Português
da Universidade de Pusan (PUFS), Coreia

O esforço em fazer reviver a História
e identidade portuguesa através de
uma nova linguagem

O MUNDO LITERÁRIO DE JOSÉ SARAMAGO é constituído por quatro elementos fundamentais: Primeiro, a dúvida do homem moderno numa dupla lógica de assumir uma posição crítica sobre o passado e, ao mesmo tempo, aprender com o passado. Segundo, a introdução dos elementos sobrenaturais, ou seja, fantásticos, não se distanciando, no entanto, do mundo real. Terceiro, a tentativa de uma nova linguagem que altera a sua expressão gráfica e pontual, respeitando a sintaxe da narrativa comum. Por último,

a viagem não só no mundo real, mas também no interior do Homem através da imaginação. Com estes elementos de «tempo», «sobrenatural», «torrencialidade da narrativa» e «viagem» que se interpenetram, as suas obras procuraram a utopia através de alusões alegóricas, críticas e éticas. Assim, Saramago tem vindo a tentar, nas obras publicadas desde *Levantado do chão*, a harmonia entre a realidade e a imaginação através de trabalhos que pretendem unir numa só empreitada os planos expressivos da fala, do pensamento e da escrita. Por isso, uma relação de quase simbiose entre o narrador e a matéria narrada, o discurso interior e as tensões internas do discurso narrativo são importantes na compreensão as suas obras. O que se denota facilmente nos seus romances é o espírito renovador e experimental em procurar um estilo muito pessoal e, ao mesmo tempo, solto e torrencial.

Na realidade, utiliza só vírgula e ponto final, não distinguindo discursos directos e indirectos, de modo que os seus romances têm de ser lidos diferentemente dos outros romances. Isto significa que o texto exige uma atenção especial aos leitores, dando-lhes a impressão de estarem envolvidos directamente no mundo real e, ao mesmo tempo, fictício, ambos construídos nas suas obras. Para além do elaborado trabalho de linguagem, Saramago aborda profundamente os problemas de Portugal contemporâneo e da identidade do povo lusitano. Além de apresentar o rumo que Portugal deverá seguir e a sua visão do mundo, Saramago procura a identidade do homem perdida na sociedade moderna. Talvez através do seu estilo torrencial, que às vezes o toma difícil de ler, esteja a procurar a identidade de Portugal após a sua adesão à União Europeia.

Concluindo, a grandeza das obras de Saramago reside no esforço de evocar a história e a identidade da «pátria perdida», juntamente com a procura de uma nova linguagem literária em que se afirma o seu espírito experimental.

Palavras para uma homenagem nacional

Carlos Reis

NUM DOS SEUS ROMANCES E NUM ESTILO QUE LHE é característico, escreveu José Saramago: «*Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores...*» E, logo depois, continua Saramago: «*Basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias...*»

Não por acaso, adoptou-se como lema desta homenagem nacional — como seu *mote*, para falarmos a linguagem que às coisas literárias convém — a expressão que abre este passo d'*A Jangada de Pedra*. Não por acaso, sublinha-se nela, de entrada, o «*difícilimo acto*» de escrever, também a responsabilidade que ele envolve, responsabilidade que só na aparências das coisas entenderemos como expressão de sentido único, pois que, realmente, nela se ocultam e desdobram responsabilidades várias: responsabilidade estética, responsabilidade cultural, responsabilidade cívica, responsabilidade ética.

É também a consciência de uma responsabilidade múltipla que hoje aqui celebramos. Porque, com a literatura que escreveu e escreverá, José Saramago soube protagonizar a dimensão dessa responsabilidade, é ele merecedor de uma gratidão que estendemos também a toda a literatura: essa que o autor de *Memorial do Convento* escolheu como matéria e linguagem com que representa o mundo, os homens que o povoam, as suas angústias e as suas fraquezas; essa que, desde sempre — desde que a palavra se articulou como lugar estético de inscrição de sentidos a dizer —, foi manifestação de pulsões e de tensões, de fortunas e desfortunas, de destinos individuais e de destinos colectivos, de histórias ficcionais e dessa outra História que a todos compromete porque de todos resulta, como trajecto colectivo e fado comum.

Director da Biblioteca Nacional

Assim é. No princípio era certamente o verbo; mas logo depois, numa espécie de segundo princípio que o primeiro caucionou, esse verbo fez-se a matéria artística com que alguns disseram e dizem o mundo: um mundo tornado singular, que é o deles e já também o nosso. Nesse princípio também remoto está alguém que conta uma história plasmada pela e na palavra, alguém que nos seduz, chame-se-lhe aedo ou narrador, contista ou romancista; alguém que nos domina, pelo talento com que diz «era uma vez» ou *«in illo tempore»* ou «conta-se que...». Mudaram os tempos, não mudou, porém, esse acto mágico que, abrindo o sésamo da imaginação e do mito, da ânsia de saber e do desejo de conhecer, modeliza uma mensagem a que só podem ser indiferentes os que acreditam que a ficção é só ficção; esses e os que ignoram que na ficção pode expressar-se fingidamente — isto é, por sofisticada modelação artística — uma verdade de sinuosa circulação.

Também por isso, a literatura foi e será cena de projecção de outras tensões que não apenas — o que muito seria já — aquelas que a sua escrita encerra: tensões que explicam que, não raro, à literatura tenham sido cometidos propósitos outros que não aqueles que a sua mesma condição de fenómeno artístico legitima; tensões que, noutros e bem sombrios momentos, sobre ela fizeram recair a violência dos homens que se iludiram com a crença de que censuras e interdições alguma vez poderiam calar a voz dos escritores. Jamais o fizeram — e Saramago é disso a evidência bem viva, ou não fosse ele quem, referindo-se um dia ao poder das palavras e à violência do silêncio, disse: *«Caem sobre ele as palavras. Todas as palavras. As palavras boas e as más. O trigo e o joio. Mas só o trigo dá pão»*.

Ao participar na homenagem nacional que hoje prestamos a José Saramago, a Biblioteca

Nacional, como grande instituição de cultura que se preza de ser, homenageia também aquele que um dia foi seu leitor. E que, sendo-o, deu uma lição de humildade e de trabalho cultural a todos os que vivem ainda a ilusão de que a criação literária é epifania vinda do nada, graças apenas ao toque fabuloso da Fortuna na fronte do escritor. Não abundam, infelizmente, tais momentos e por isso — sabe-o bem todo o escritor que o é de corpo inteiro — o labor e isso a que Camões chamava «honesto estudo» há-de completar um talento que, entretanto, aqui não desqualifico, antes igualmente celebro. É verdade que Alberto Caeiro desmereceu dos poetas que trabalham a palavra com paciência e com sacrifício: *«Que triste não saber florir!»*, disse; *«ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro / E ver se está bem, e tirar se não está...»* Mas é certo também que a própria poesia de Caeiro, oculta, sob a inocente perversidade de quem a proclamou, o muito trabalho que a simplicidade artística, afinal, requer.

Assim foi e assim é com o escritor que hoje homenageamos. Quem foi capaz de refigurar o tempo português em que milhares de homens e mulheres construíram um grande convento (homens e mulheres com profissões, lugares com nomes, costumes com cor local); quem soube descrever o cenário de uma Lisboa truculentamente medieval, nas vésperas de uma conquista reinventada; quem fez reviver o tempo e o espaço que foram os do filho do Homem; quem tudo isso e o mais que agora se não diz foi capaz de fazer chama-se José Saramago. Fê-lo também porque interpretou a condição do escritor sob o signo do trabalho metódico, árduo e silencioso, trabalho de estudioso no recolhimento da biblioteca, longe do olhar dos homens e da vaidade do mundo; uma biblioteca que não é apenas um depósito de livros mortos, mas um lugar onde

se busca e faz cultura viva. Por isso, é com orgulho e é com honra que hoje aqui reconheço, no Prémio Nobel da Literatura, o leitor da Biblioteca Nacional que, há não muito tempo, Saramago também foi; por isso também, é este o momento azado para, pela primeira vez, atribuímos a José Saramago uma distinção que acaba de ser criada: a de *leitor emérito* da Biblioteca Nacional, que José Saramago é a partir de hoje.

O trabalho literário de José Saramago não tem sido nem será uma actividade isolada daquilo e daqueles que o rodeiam. Se a expressão *instituição literária* não é excessivamente forte, então podemos dizer que Saramago é parte dela, naquilo que a instituição literária encerra de legitimador e de instância de consagração. O facto de a um escritor ser atribuído um prémio — qualquer prémio, mas em especial o Nobel — não pode ser dissociado dessa dimensão institucional que o autor de *Ensaio sobre a cegueira* inevitavelmente tem que enfrentar.

De sobra sei, porém — porque o conheço e porque nele ecoam exemplos semelhantes —, de sobra sei que José Saramago jamais se deixaria tolher pelos mecanismos da fama e da consagração institucional, tais como os estabeleceu uma concepção mercantil e empobrecida da literatura que hoje vai fazendo doutrina, para escritores e para leitores que praticam a facilidade como princípio. Não assim com Saramago: sem cultivar a dificuldade pela dificuldade, Saramago não é consabidamente um escritor fácil, porque os temas que representa são complexos, incómodos e não raro controversos; e assim, a linguagem que o celebrou só por uma espécie de hipocrisia e comodismo estilístico poderia escapar à responsabilidade estética de dever ser — de ter que ser — a linguagem elaborada que lhe é característica. Quem quiser ler fácil e sem maiores incómo-

dos terá que bater a outras portas — que aliás não faltam.

O que o Prémio Nobel da Literatura veio reconhecer em José Saramago foi também essa coragem de ter sabido ser, em muitos anos de vida literária, um escritor exigente consigo e com os seus leitores, com a sua literatura e mesmo com o seu país. Disse *em muitos anos de vida literária*, porque foi assim que as coisas se passaram. Enganam-se aqueles que pensam que o escritor José Saramago começou inopinadamente a ser escritor em 1980, quando publicou *Levantado do chão*, o seu primeiro romance de grande sucesso público: entre outras e muitas qualidades, este é um escritor que assume a noção — e disso não se envergonha — de que há uma aprendizagem da escrita literária, uma longa aprendizagem que em Saramago passou pelo trabalho da poesia, do conto, do ensaio e da crónica de imprensa; um trabalho a que não é estranha a herança literária em que Saramago se insere e em que podemos surpreender, entre outras, três presenças de forte carga matricial: a do Padre António Vieira, que antes de mais ninguém cultivou a nossa língua literária como constelação verbal em que cada palavra, mesmo a mais insignificante, tem um lugar próprio; a de Almeida Garrett, inovador a quem devemos a criação da língua literária moderna, a par do irreprimível movimento de valorização da terra portuguesa como motivo e como tema; a de Eça de Queiroz, pela via de uma ironia crítica que a muitos desconcertou e desconcerta ainda. Assim é com Saramago, que destas referências fundadoras terá colhido ainda o exemplo de uma outra atitude constitucional: a que trata de ver de fora, para ver melhor. Assim se estigmatiza também o famoso trauma do nosso provincianismo, um trauma de que falou Fernando Pessoa, com alguma desmesura e quiçá com uma certa má consciência.

Inscrevo, pois, Saramago numa ilustre família literária, a que outros nomes poderia ainda juntar. Família bem portuguesa, apesar de algumas aparências enganadoras; família que cultivou, amou e difundiu, como Saramago, a língua portuguesa. Por isso se tem dito que o Prémio Nobel da Literatura, entre outras conveniências, traz consigo essa que é a de fazermos dele um argumento em prol da nossa língua e da causa da lusofonia. É verdade, mas convém não exagerar, para que à literatura se não exija o que ela não pode dar e para que não desfiguremos a sua especificidade de fenómeno estético, não de bandeira política. Se é certo que um grande escritor de ampla dimensão internacional muito pode fazer pela afirmação da língua portuguesa como grande idioma de cultura, também é certo que, a par disso, outros argumentos e protagonistas têm o dever de entrar na liça de uma disputa que nos arriscamos a perder, se confiarmos apenas no poder de difusão linguística da literatura — até porque ela não chega lá onde livros não existem e onde a iliteracia é ainda uma chaga por curar.

Fico-me, portanto e por agora, com o escritor José Saramago, Prémio Nobel da Literatura de 1998. Fico-me com o universo que criou e continua a criar: um mundo por vezes sombrio e amargo, céptico e desencantado, onde se cruzam questões axiais, como a necessidade de revermos a História e nela redescobriremos novos e injustiçados heróis; ou a indagação da nossa condição portuguesa, no espaço ibérico e no espaço europeu; ou a revisão de mitos, crenças e valores fundamentais da cultura ocidental; ou a ponderação de egoísmos e crueldades que assolam um mundo de onde, por vezes, a esperança parece ter sido abolida. Tudo isso e também as figuras que povoam os cenários ficcionais de Saramago, sejam Bli-munda ou Baltasar Sete-Sóis, Raimundo Silva

ou Maria Sara, Joana Carda, Joaquim Sassa, Pedro Orce ou esse cinzento Senhor José que encontramos no último romance que o escritor até agora publicou.

Todos estão connosco, porque o mundo que os escritores inventam, não é, passe o paradoxo, propriamente inventado: é o nosso mundo, revelado pelo milagre da linguagem que só eles sabem articular. Também por devermos ao escritor a revelação de um mundo que, sendo nosso e talvez até íntimo, ainda não conhecíamos, esta homenagem era devida. Todos estamos nela: aceitemos, por isso, nela também e para que se atinja a suprema harmonia que a literatura busca, os humilhados e ofendidos a que Saramago deu voz e que sinto convergirem nesta celebração, como nesse «dia principal» em que os encontrámos, no final do romance *Levantado do chão*: «*Põe João Mau-Tempo o seu braço de invisível fumo por cima do ombro de Faustina, que não ouve nada nem sente, mas começa a cantar; hesitante, uma moda de baile antigo [...]. E olhando nós de mais longe, de mais alto, da altura do milhano, podemos ver Augusto Pintéu, o que morreu com as mulas na noite do temporal, e atrás dele, quase a agarrá-lo, sua mulher Cipriana, e também o guarda José Calmedo [...] e outros de quem não sabemos os nomes, mas conhecemos as vidas. Vão todos, os vivos e os mortos. E à frente, dando os saltos e as corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar, neste dia levantado e principal*».

Discurso proferido na homenagem nacional a José Saramago.
Lisboa, 14 de Outubro de 1998.

Blimunda, o Orfeo no feminino ou passagem de Blimunda por Itália

M a r i a A r m a n d i n a M a i a

«BLIMUNDA», A ÓPERA LÍRICA EM TRÊS ACTOS QUE ÀS 21.30 do dia 20 de Maio de 1990 estreava no Teatro Lírico de Milão, tinha a assinatura do compositor italiano Azio Corghi, autor de uma obra consagrada, que conhecera representações nos mais prestigiados teatros e salas de concerto, também a nível internacional. Na obra deste compositor, responsável pela Cátedra de Composição no Conservatório de Milão, colaborador da Fundação Rossini e da Casa Ricordi, ocupavam lugar de indiscutível relevo as obras musicais que resultavam de incursões pelo mundo literário, sobretudo com a composição *Gargantua*, experiência de tal modo notável que levaria o Teatro alla Scala de Milão a confiar-lhe o projecto da ópera lírica *Blimunda*, extraída do romance de José Saramago, *Memorial do Convento*.

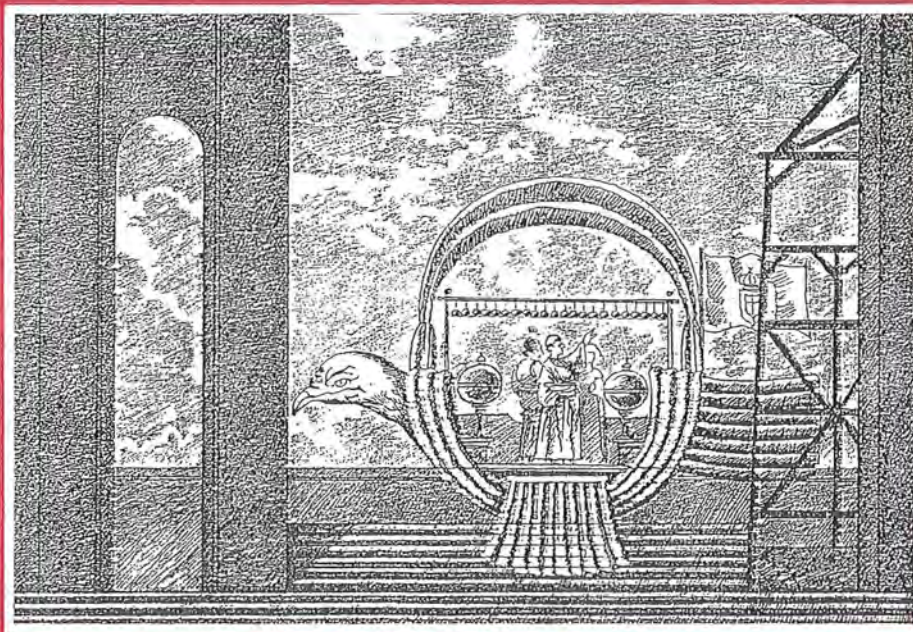
O autor do *Memorial* tinha, por essa altura, três obras suas publicadas em Itália: *Memoriale del Convento*, Feltrinelli, Milano, 1984, *La Zattara di Pietra*, Feltrinelli, 1987, e *Storia dell'Assedio di Lisbona*, Bompiani, 1990, traduções assinadas por Rita Desti (com excepção do *Memoriale del Convento*, fruto de uma tradução a quatro mãos, de Rita Desti e Carmen Radulet).

Para o vasto e exigente público italiano, Saramago era o autor português mais conhecido depois do «fenómeno» Pessoa, o primeiro a merecer destaque e interesse de casas editoras que constituíam um selo de garantia. No entanto, era junto de um núcleo de intelectuais que José Saramago assumia foros de verdadeira revelação, pela qualidade e ineditismo da sua palavra literária.

Ligado, na sua maior parte, a Instituições Universitárias, este grupo promovia a obra e o escritor que, pela sua mão, conheceu cidades como Perúgia, Florença, Roma, Milão e Turim, em conferências e reuniões que se multiplicavam.

BLIMUNDA

coproduzione Teatro alla Scala,
Teatro Regio di Torino, Teatro San Carlos di Lisbona



Disegno preparatorio di Michel Lebout per l'opera *Blimunda*

RICORDI

Foi, aliás, num destes momentos que conheceu Azio Corghi, que, impressionado pela atmosfera criada no *Memorial*, confessou a José Saramago o seu desejo de «*contar a história de um Orfeu no feminino*». A resposta de Saramago baptizaria a ópera, «*Chamá-la-emos Blimunda*».

Num exercício de grande unidade, escritor e compositor intersectaram os respectivos saberes, dando lugar ao magnífico trabalho que é o libreto de *Blimunda*, descrito pela crítica Lidia Bramani (casa Ricordi), como «uma estrutura em que são determinantes a voz recitante, solistas, oiteto madrigalista, coro, orquestra, electrónica, que se intersectam ao longo de linhas que se fragmentam e refazem, entrecruzando-se, distanciando-se, por vezes tocando-se ao de leve em três espaços musicalmente e cenograficamente distintos: o espaço acústico, o espaço imaginário e o espaço real».

Mas a estreia da ópera não se limitou em Milão ao público da sala que na noite de 20 de Maio encheu o Teatro Lírico, para aplaudir uma obra que, num só tempo, nos deslumbrava e quase estarrecia pela opulência, grandiosidade e magnificência, mas também pelo seu próprio e surpreendente avesso, na contenção da gestualidade, na pureza dos sons, no acenar dos sentidos.

Nos dias que a antecederam, numa organização promovida pela Universidade de Milão, tinha lugar o Colóquio *Viaggio intorno al Convento di Mafra*, na belíssima «Sala di Rappresentanza», cujo programa era completado por um concerto de homenagem a autores portugueses do tempo — Carlos Seixas, Domingos Bomtempo e Francisco Lacerda — excelentemente interpretados por um grupo do Conservatorio Verdi, ao qual a Fundação Calouste Gulbenkian, num assinalável esforço de colaboração, facultara, num curtíssimo espaço de tempo, as partituras das obras.

Um vasto público ouviu, entre outros, textos de Piero Ceccucci: *Il «Memoriale del Convento» nell' itinerario narrativo di José Saramago e Eduardo Lourenço: O Memorial da história humana como história santa*.

De registar, sobretudo, as intervenções dos dois autores, Azio Corghi e José Saramago, que se prolongariam num longo debate com o público, em que falaram longamente do(s) sonho(s) de cada um: «*Eu acho que, depois de o padre Bartolomeu Gusmão ter inventado a “passarola” e eu ter inventado a “máquina para viajar”, é chegado o momento de o Maestro Corghi explicar a sua obra*». A resposta de Corghi deixa clara a unidade da travessia entre a obra e a ópera: «*História e história tenderiam para harmonizar-se numa síntese até exigirem, tornando-a “quase necessária”, a intervenção da música*».

Voltando às palavras de Lidia Bramani «*A extraordinária coerência estrutural do Memorial do Convento permite compreender globalmente o pensamento do escritor. Mantendo um desenrolar de sequências, Saramago torna o tempo narrativo centrífugo, dissolvendo a rigidez deste a partir do interior. O tempo psicológico, individual e colectivo vence o da narração convencional graças a uma prosa moderníssima, barroca, opulenta, transbordante de rasgos de projecção, simultaneamente capazes de uma suavíssima essencialidade*».

Foi assim no tempo de estreia de *Blimunda* em Itália. E foi também assim que José Saramago se fez Nobel: com uma *estatura de excelência e humildade* que ampliou, indelevelmente, o espaço da literatura e da cultura portuguesas no mundo.

BIBLIOGRAFIA

S a r a m a g o

Terra do Pecado

romance, Portugal: Minerva, 1947; Caminho, 1997.

Os Poemas Possíveis

poesia, Portugal: Portugália, 1966; Caminho (2ªed. rev.), 1982.

Provavelmente Alegria

poesia, Portugal: Horizonte, 1970; Caminho (2ªed. rev.), 1985.

Deste mundo e do outro

crónica, Portugal: Arcádia, 1971; Caminho, 1986. Espanha: Ronsel, 1986. Trad. Basilio Losada.

A Bagagem do viajante

crónica, Portugal: Futura, 1973; Caminho, 1986. Brasil: Companhia das Letras, 1998. Espanha: Ronsel, 1992. Trad. Basilio Losada; Ediciones B, 1995. Trad. Basilio Losada. Itália: Bompiani, 1994. Trad. Giulia Lanciani. México: UNAM, 1994. Trad. Dulce María Zúñiga.

As Opiniões que o DL teve

crónica política, Portugal: Seara Nova/Futura, 1974.

O Ano de 1993

poesia, Portugal: Futura, 1975; Caminho, 1987. Ilustrações de Graça Morais. Espanha: Libros del Oeste, 1996. Trad. Ángel Campos Pámpano. Itália: E. T. S., 1993. Trad. Domenico Corradini.

Os Apontamentos

crónica política, Portugal: Seara Nova, 1976; Caminho, 1990.

Manual de pintura e caligrafia

romance, Portugal: Moraes, 1977; Caminho, 1983. Alemanha: Rowohlt, 1990, Trad. Maria Eduarda Alvelos. Brasil: Companhia das Letras, 1992. Espanha: Seix Barral, 1989. Trad. Basilio Losada. Grã-Bretanha: Carcanet, 1992. Trad. Giovanni Pontiero. Itália: Bompiani, 1994. Trad. Rita Desti.

Objecto quase

conto, Portugal: Moraes, 1978; Caminho, 1984. Alemanha: Rowohlt, 1985. Trad. Sarita Brandt/Andreas Klotsch. Brasil: Companhia das Letras, 1994, 1998. Espanha: Alfaguara, 1994. Trad. Eduardo Naval. França: Salvy, 1990. Trad. Claude Fages. Itália: Bompiani, 1996. Trad. Rita Desti.

A Noite

teatro, Portugal: Caminho, 1979. Espanha (valenciano): Tres i Quatre, 1995. Trad. Albano Saraiva e Josep Lluís Sirera.

Levantado do chão

romance, Portugal: Caminho, 1980; Círculo de Leitores, 1988. Alemanha: Aufbau, 1982. Trad. Rainer e Rosi Bettermann; Rowohlt, 1987. Trad. Rainer e Rosi Bettermann. Brasil: Difel, 1982, Bertrand, 1996. Bulgária: Narodna. Cuba: Arte y Literatura, Bolsilibros, 1989. Trad. Rodolfo Alpízar. Espanha: Seix Barral, 1989. Trad. Basilio Losada. França: Seuil. Itália: Bompiani, 1992. Trad. Rita Desti. Rússia: Progress, 1982. Trad. A. Bogdanovskogo/N. Malyhinoj.

Que farei com este livro?

teatro, Portugal: Caminho, 1980; Brasil: Companhia das Letras, 1998.

Viagem a Portugal

viagem, Portugal: Círculo de Leitores. 1981; Caminho, 1990. Brasil: Companhia das Letras, 1991. Espanha: Circulo de Lactores, 1991, Trad. Basilio Losada; Arquetipo, 1991, Alfaguara, 1995. Italia: Bompiani, 1996. Trad. Rita Desti.

Memorial do Convento

romance, Portugal: Caminho, 1982; Círculo de Leitores, 1984; Editorial Avante, 1987, RBA, 1994. Alemanha: Aufbau, 1986. Trad. Andreas Klotsch; Rowohlt, 1986. Trad. Andreas Klotsch. Argentina: Seix Barral, 1995. Trad. Basilio Losada. Brasil: Difel, 1983; Bertrand, 1987, Círculo do Livro, 1987. Bulgária: Narodnak. China (Mandarin): ICM/ Montanha das Flores, 1996. Trad. Fan Wei Xin. Colômbia: Seix Barral, 1990. Trad. Basilio Losada. Croácia: Kolumbus, 1997. Trad. Dejan Stankovic. Dinamarca: Viborg, Samleren, 1987. Trad. Mone Hvass, Gyldendals Bogklubber, 1989. Espanha: Seix Barral, 1986, 1987. Trad. Basilio Losada, Alfaguara, 1998. Espanha (catalão): Proa, 1988. Trad. Josep Daurella. E. U. A.: Harcourt Brace, 1985. Trad. Giovanni Pontiero; Ballantine Book, 1978. Trad. Giovanni Pontiero, Harvest Books, 1998. Finlândia: Tammi, 1989. Trad. Pirjo Suomalainen Pedrosa. França: Albin Michel, 1987, 1995. Trad. Geneviève Leibrich, Du Seuil, 1987. Trad. Anne-Marie Métailié. Grã-Bretanha: Jonathan Cape, 1988. Trad. Giovanni Pontiero; Picador, 1989. Trad. Giovanni Pontiero. Grécia: Synchrony, 1990. Trad. Eugenia Alexios. Holanda: De Arbeiderspers, 1990. Trad. Harrie Lemmens. Hungria: Európa Konyvkiadó, 1992. Trad. Laura Lukács. Itália: Feltrinelli, 1987.

Trad. Rita Desti/Carmen Radulet. Israel: Hakibbutz Hameuhad, 1990. Trad. Miriam Tivon. Noruega: Cappelens Forlag, 1987. Trad. Kjell Risvik. Polónia: Puls. Roménia: Editura Univers, 1988. Trad. Mioara Caragea. Russia: Raduga, 1985. Suécia: Wahlstrom & Widstrand, 1988. Trad. Marianne Eyre; En Bok For Alla, 1991. Suíça: Buchclub Ex Libris Zurich, 1988. Trad. Andreas Klotsch. Turquia: Agt Akçali, 1996.

O Ano da Morte de Ricardo Reis

romance, Portugal: Caminho, 1984; Círculo de Leitores, 1985. Alemanha: Rowohlt, 1988. Trad. Rainer Bettermann; Aufbau. 1990. Argentina: Seix Barral, 1994. Trad. Basilio Losada. Brasil: Companhia das Letras, 1988. Croácia: B92, 1998. Dinamarca: Samleren, 1988. Trad. Mone Hvass. Espanha: Seix Barral, 1985, 1990, 1994. Trad. Basilio Losada; Alfaguara, 1995. Circulo de Lectores, 1987; Planeta, 1995. Trad. Basilio Losada. Espanha (catalão): Edicions 62, 1997. E. U. A.: Harcourt Brace, 1991. Trad. Giovanni Pontiero. França: Seuil, 1988. Trad. Claude Fages. Grã-Bretanha: Harvill, 1992. Trad. Giovanni Pontiero. Grécia: Alexandria, 1992. Hungria: Cedrus, 1993. Israel: Hakibbutz, 1994. Trad. Miriam Tivon. Italia: Feltrinelli, 1985. Trad. Rita Desti.

A Jangada de Pedra

romance, Portugal: Caminho, 1986; Círculo de Leitores, 1986. Alemanha: Aufbau, 1987. Trad. Andreas Klotsch; Rowohlt, 1990, 1996. Trad. Andreas Klotsch. Argentina: Seix Barral, 1994. Trad. Basilio Losada. Brasil: Companhia das Letras, 1992; Círculo do Livro, 1994. Dinamarca: Viborg, Samleren, 1989. Trad. Mone Hvass. Espanha: Seix Barral, 1987. Trad. Basilio Losada; Círculo de Lectores, 1988. Trad. Basilio Losada.

Espanha (catalão): Edicions 62, 1989. E. U. A.: Harcourt Brace, 1995. Trad. Giovanni Pontiero; Harvest Books, 1996. Finlândia: Tammi, 1990. Trad. Jyrki Lappi Seppala. França: Seuil, 1990. Trad. Claude Fages. Grã-Bretanha: Harvill, 1995. Trad. Giovanni Pontiero. Hungria: Magveto, 1989. Trad. Srehly Erin. Israel: Hakibbutz hameuhad, 1992. Trad. Miriam Tivon. Itália: Feltrinelli. 1988. Trad. Rita Desti. Noruega: Cappelens, 1989. Trad. Kjell Risvik. Roménia: Univers, 1990. Trad. Mirela Stanciulescu.

A Segunda vida de Francisco de Assis

teatro, Portugal: Caminho, 1987. Itália: Ricordi, 1991. Trad. Giulia Lanciani.

História do cerco de Lisboa

romance, Portugal: Caminho, 1989; Círculo de Leitores, 1989. Alemanha: Rowohlt, 1992. Trad. Andreas Klotsch; Buchergilde Gutenberg, 1993. Trad. Andreas Klotsch. Brasil: Companhia das Letras, 1989, 1998. Colômbia: Seix Barral, 1990. Trad. Basilio Losada. Dinamarca: Viborg, Samleren, 1991. Trad. Mone Hvass. Espanha: Seix Barral, 1990. Trad. Basilio Losada. Espanha (catalão): Edicions 62, 1990. Trad. Joan Casas. E. U. A.: Harcourt Brace, 1997. Trad. Giovanni Pontiero, Harvest Books, 1998. Grã-Bretanha: The Harville Press, 1996. Trad. Giovanni Pontiero. Grécia: Synchrony, 1990. Holanda: Arbeiderspers, 1995. Trad. Herrie Lemmens. Hungria: Íbis, 1997. Trad. Laura Lukács. França: Seuil, 1992. Trad. Geneviève Leibrich. Itália: Bompiani, 1990. Trad. Rita Desti. México: Seix Barral, 1990. Trad. Basilio Losada. Noruega: Cappelens, 1995. Trad. Christian Rugstad. Roménia: Editura Univers, 1997. Trad. Mioara Caragea. Suécia: Wahlstrom & Windstrad, 1991. Trad. Marianne Eyre.

O Evangelho segundo Jesus Cristo

romance, Portugal: Caminho, 1991; Círculo de Leitores, 1991. Alemanha: Rowohlt, 1993. Trad. Andreas Klotsch. Argentina: Seix Barral, 1992. Trad. Basilio Losada. Brasil: Companhia das Letras, 1991, 1998. Colômbia: Seix Barral, 1992. Trad. Basilio Losada. Dinamarca: Samleren, 1995. Trad. Mone Hvass. Espanha: Seix Barral, 1992. Trad. Basilio Losada. Círculo de Lectores, 1992. Trad. Basilio Losada; RBA, 1995. Trad. Basilio Losada. E. U. A.: Harcourt Brace, 1994. Trad. Giovanni Pontiero. Finlândia: Tammi, 1998. Trad. Erkki Kirjalainen. França: Seuil, 1993. Trad. Geneviève Leibrich. Grã-Bretanha: Harvill, 1993. Trad. Giovanni Pontiero. Grécia: Synchrony, 1990. Holanda: Arbeiderspers, 1993. Trad. Herrie Lemmens. Israel: Hakibbutz hameuhad, 1993. Trad. Miriam Tivon. Itália: Bompiani, 1993. Trad. Rita Desti. Noruega: Cappelens, 1993. Trad. Kjell Risvik. Polónia: SAWW, 1992. Trad. Cesary Dlugosz. Suécia: Wahlstrom & Widstrand, 1993. Trad. Hans Berggrem, Bonnierforlagen, 1997.

In Nomine Dei

teatro, Portugal: Caminho, 1993. Brasil: Companhia das Letras, 1993, 1998. Espanha: Ronsel, 1994. Trad. Basilio Losada. Espanha (valenciano): Tres i Quatre, 1995. Trad. Albano Saraiva e Josep Lluís Sirera. Itália: Einaudi, 1994. Trad. Rita Desti.

Cadernos de Lanzarote I-II-III-IV-V

diário, Portugal: Caminho, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997. Espanha: (1993-1995) Alfaguara, 1997. Trad. Eduardo Naval. Brasil: (I), Companhia das Letras.

Ensaio sobre a cegueira

romance, Portugal: Caminho, 1995; Círculo de Leitores, 1996. Alemanha: Rowohlt, 1997. Argentina: Espasa Calpe/Seix Barral, 1997. Brasil: Companhia das Letras, 1995, 1998. Dinamarca: Voborg, Samleren, 1998. Trad. Peer Sibast. Espanha, Alfaguara, 1996. Trad. Basilio Losada. E. U. A.: Harcourt Brace, 1997. Trad. Giovanni Pontiero. Finlândia: Tammi, 1994. Trad. Erkki Kirjalainen. França: Seuil, 1997. Trad. Geneviève Leibrich. Grã-Bretanha: The Harvill Press, 1997. Trad. Giovanni Pontiero. Hungria: Európa Könyvkiadó, 1998. Trad. Pál Ferenc. Itália: Einaudi, 1996. Trad. Rita Desti. Suécia: Wahlstrom & Widstrand, 1997. Trad. Hans Berggren.

Obras Completas

coletânea, Portugal: Lello, 1991. Brasil: Nova Fronteira, Itália: Bompiani, ed. Luciana Stegagno Picchio.

Moby Dick em Lisboa

Portugal: Expo'98, 1996.

O Conto da Ilha Desconhecida

conto, Portugal: Expo'98/Assírio e Alvim, 1997. Grã-Bretanha: idem. Trad. Christine Robinson. Desenhos de Pedro Cabrita Reis.

Todos os Nomes

romance, Portugal: Caminho 1997; Brasil: Companhia das Letras, 1998. Espanha: Alfaguara, 1998. Trad. Pilar del Río. Itália: Einaudi, 1998. Trad. Rita Desti. Suécia: Wahlstrom & Widstrand, 1998. Trad. Hans Berggren.

© SEBASTIÃO SALGADO / AMAZONAS IMAGES

